The Doors • Oasis • Marcelo D2 • Pearl Jam

SHOWBIZZ

EDIÇÃO 179 ANO 15 Nº 6 JUNHO 2000 R$ 5,00

15 anos

METAL 2000

Entrevistas exclusivas com **Soulfly, Iron Maiden** e **Slayer**

Wu-Tang Clan

O império dos manos

MÚSICA COM ATITUDE

Como **O Rappa** trabalha para tornar realidade a mensagem de suas letras

- A força do **Rage Against The Machine**
- **Asian Dub Foundation** de olho na comunidade
- As ações de **Bob Marley, U2** e **Beastie Boys**

As idéias explosivas de **Manu Chao**

EDITORA SÍMBOLO

Pink Floyd: você nunca ouviu The Wall assim

theworldisyoursite
www.luckyflavor.com
flavor:clickhere
LUCKY STRIKE
allamericanoriginal
Alcatrão: 13mg • Nicotina: 1,0mg • Monóxido de Carbono: 14mg
O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR CAUSA CÂNCER DE PULMÃO.

Editorial&Sumário

Após a reportagem, o Rappa revigorou as energias no Caga-Sangue

De uns tempos para cá, certos atos "esquisitos" (para dizer o mínimo) vêm ganhando terreno – repressão hardcore aos manifestantes na festa dos 500 anos do Brasil, censura à entrevista do líder dos sem-terra na tevê estatal, ameaça do governo de botar o exército nas ruas para conter os movimentos que "colocam a democracia em risco". No dia em que escrevo este editorial, mais outro indício de que há algo estranho no ar, e não é do rock burro que rola no rádio: em uma passeata de estudantes e professores em São Paulo, o fotógrafo Alex Silveira (colaborador de SHOWBIZZ) foi atingido na região do olho direito por uma bala de borracha, disparada pelos policiais convocados para conter o protesto. E o que uma revista de música tem a ver com isso? Tudo. Quem lê este tipo de publicação também vota, também é cidadão, também pensa. Na história do pop, sempre houveram bandas dispostas a pôr o dedo na ferida. Mas, aos poucos, algumas delas estão percebendo que só falar não basta. São grupos que, independente de o seu discurso ser entendido (e praticado) pelos fãs, arregaçam as mangas e fazem ações concretas para melhorar a situação. A eles, dedicamos a capa desta edição, que acabou ficando mais política do que imaginávamos – do trabalho social à guerra contra o MP3, várias de nossas páginas trazem declarações que ficam ecoando na cabeça de qualquer um. Sem esquecer, claro, da diversão sem compromisso, quesito indispensável para que o bem-estar seja completo.

Tchau e bênção,
Emerson Gasperin

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

Asian Dub Foundation – *Community Music*
Está tudo aqui: o ritmo, as batidas, a pegada que evidencia o "novo". E sem disfarçar uma inegável vocação para o pop, sentida em "New Way New Life".

Gang 90 & Absurdettes – *Essa Tal De...*
O grupo de Julio Barroso, que fez a infância da nossa secretária de redação Adriana mais feliz, nos animou em mais uma jornada.

The Tassili Players – *Wonderful World Of Weed In Dub*
O grupo é apadrinhado pelo Zion Train e manda uns dubs cabulosos. Detalhe: cada música leva o nome de uma espécie de cannabis.

Ben Folds Five – *Ben Folds Five*
Primeiro disco do trio liderado pelo pianista Ben Folds. Em "Underground" e "Philosophy", tratam o pop com o respeito que o estilo merece.

20 Música comunitária
Além de arte, O Rappa e mais um monte de artistas bacanas organizam ações sociais, na vontade de transformar nosso universo pop num habitat mais justo e harmonioso para os seres humanos

30 Hermano andarilho
Capturamos o herói Manu Chao na Argentina para compartilhar da sapiência que essa fascinante figura adquiriu em suas andanças pelo mundo

36 Que samba é o seu?
Marcelo D2 e uma confraria de bambas colocam as cartas na mesa para explicar o que pretendem fazer com o ritmo mais tradicional do Brasil

40 Parede que não trinca
Vinte anos após a turnê do disco *The Wall*, os hinos do Pink Floyd seguem pulsantes com o lançamento dos registros ao vivo da época

42 Manos que fazem
O Wu-Tang Clan é a sensação entre a galera do rap. Estão nas camisetas, nos gorros e, principalmente, no coração de uma nação que não pára de crescer

46 Na contramão do pop rock
Conheça a banda gaúcha Bidê Ou Balde, que estréia em disco com uma proposta diferente, cuja meta principal é ser do contra

48 Páginas de peso
Elucidamos o mistério que cerca o novo Soulfly, celebramos mais um casório do Iron Maiden e revelamos as primeiras picardias do Slayer

sempre em showbizz

10 Bizzes
A primorosa caixa dos Doors; Metallica e a guerra na internet; De Falla assina com a Sony

58 Minha Coleção
Kid Vinil apresenta seu acervo multifacetado

60 10 Discos
Volte aos anos 80 para entender o tecnopop

65 Crítica
Pearl Jam, Neil Young, Marisa Monte, Elliott Smith

76 Ao Vivo
Oasis em Nova York; Motörhead no Rio; Superchunk

82 Discoteca Básica
Abraxas, de Santana

MARCELO BONFÁ

Incluindo o sucesso "Depois da Chuva".

Viaje neste barco.

CD já à venda.

TRAMA

Cartas

O disco que mudou sua vida

Nossa matéria de capa da edição de maio (178) pegou na veia dos leitores – que não se fizeram de rogados e abriram seus corações para a revista, revelando a trilha sonora de suas indispensáveis existências. Abaixo, alguns depoimentos repletos de emoção.

Meat Is Murder, The Smiths

"Acho que era 1985, quando um amigo me falou de uma banda que fazia um som simples com guitarra, baixo e bateria. Ele até disse: 'Tem de ouvir várias vezes para começar a gostar!'. Ele estava errado! Foi imediato: os Smiths eram uma brisa refrescante que vinha em boa hora para aliviar a gente das coisas horríveis que surgiam na época. *Meat is Murder* era o nome! Tinha tudo a ver com o adolescente mal-amado que eu era. Os vocais afetados de Morrissey e a guitarra econômica de Johnny Marr são demais. Todo mundo deveria ter a chance de ouvir esse disco e descobrir uma das maiores influências de Renato Russo e companhia."
Sandro B. do Carmo – Hortolândia, SP

Mellon Collie And The Infinite Sadness, Smashing Pumpkins

"Eu tinha 14 anos e nenhum interesse pela música. Até a MTV chegar aqui na minha cidade, tudo que eu ouvia nas rádios era dance music, pagode e sertanejo. Foi quando ouvi 'Bullet With Butterfly Wings' e fiquei fascinado, tanto que resolvi comprar o CD (duplo) apenas por causa dessa faixa. As canções eram diferentes, umas das outras, e o vocalista cantava como se as palavras viessem do fundo do coração. Além disso, as letras faziam muito sentido para mim. Falavam sobre o vazio da juventude, amores não correspondidos, sobre a imperfeição do mundo. Passei a enxergar a música com outros olhos, apreciar outras maravilhas do rock (Led Zeppelin, Black Sabbath, David Bowie etc.) e desprezar a música descartável dos sertanejos, pagodeiros..."
Alessandro Tacioli – Itatiba, SP

The Concert In Central Park, Simon & Garfunkel

"Início dos anos 80, o videocassete ainda não havia chegado até nós. Somente o tio rico de um primo meu é que tinha o aparelho. Um trambolhão gigante, barulhento, mas que continha uma fita com um show de Paul Simon & Art Garfunkel no Central Park, em Nova York. Meu primo insistiu para que eu assistisse. Aos poucos, fui me apaixonando pelas melodias. Pegamos o violão e tiramos praticamente todas as músicas. Elas ficaram impregnadas na minha vida. Volta e meia cantarolava, tocava no violão ou vibrava quando as escutava no rádio. Em 1998 realizei o sonho de conhecer o Central Park e, de quebra, encontrei em Nova York uma edição do CD com as 19 músicas do show."
Renato Martins - Porto Alegre, RS

A Divina Comédia Ou Ando Meio Desligado, Os Mutantes

"Quando ouvi este LP, quase morri (de alegria). Aquilo era o máximo. Eu já possuía uma coleção razoável e um conhecimento musical acima da média. No entanto, ouvir aquele disco pela primeira vez me trouxe uma sensação de nascer de novo. Tudo era perfeito. Sérgio estava animal com sua guitarra, Rita detonava os vocais suaves e agressivos, e Arnaldo, nem preciso falar. Hoje, aos 33 anos, uns 4 mil discos na prateleira e conhecendo bem diversos estilos musicais, não consigo imaginar a vida sem essa obra dos Mutantes."
Marco Antonio Ribeiro – Manaus, AM

Nevermind, Nirvana

"Há uns três anos, meu irmão comprou este disco. Ele odiou tanto, principalmente a música 'Lithium', que meteu fogo no pobrezinho. Ainda disse que Kurt só sabia berrar. Passaram-se dois anos quando fui à casa de um amigo e ele me mostrou sua coleção de CDs. Entre eles, *Nevermind*. Ele me disse que estava a fim de vender, pois (também) achava que Kurt só sabia berrar e tinha odiado a música 'Lithium'. Comprei o CD dele por R$ 5,00. Cheguei em casa, escutei várias vezes o disco inteiro e, à medida que as músicas iam passando, gostava mais. Meu irmão chega e que música estava tocando? 'Lithium'! A reação dele: 'Esta é outra versão! Como posso ter odiado essa música três anos atrás?'. Acabou comprando outro CD para ele."
Eduardo Cansian – Erechim, RS

Desire, Bob Dylan

"Por volta de 1976, quando tinha 12 anos, ouvia apenas as músicas da linha discoteca. Foi quando, em julho daquele ano, escutei um disco que revolucionou minha vida, inserindo-me num contexto de música mais sensitiva e obras mais conceituais. O disco era *Desire*, de Bob Dylan. A sonoridade folk/rock me arrebatou e, também, me emocionei quando soube que Dylan fazia shows pelos Estados Unidos para arrecadar fundos para a campanha de libertação de Rubin Carter, o 'Hurricane', lutador de boxe negro preso em condições obscuras por crime de assassinato. Hoje, após lançado o filme *Hurricane*, digo aos amigos, com uma ponta de orgulho, que fui contemporâneo daquela realidade."
José Arlindo Siqueira da Silva – Belém, PA

Foto: Ray Mercer

Arise, Sepultura

"Eu era muito novo na época, tinha uns 13 ou 14 anos, quando um amigo meu chegou com o vinil e colocou para tocar. Pirei com os acordes da música-título e de 'Orgasmatron'. Antes disso, eu só ouvia músicas de criança, como Xuxa, Turma do Balão Mágico e algumas porcarias sertanejas como Chitãozinho & Xororó, por influência da família. Deixei de ser criança e virei adolescente. Mudei radicalmente meu gosto musical e hoje ouço Sepultura, Iron Maiden, Napalm Death."
Francisco F. Rodrigues Filho – Brasília, DF

Fake Book, Yo La Tengo

"Este disco mudou minha vida por estas razões: a) estava acostumado a escutar guitarreira tipo Jesus And Mary Chain, Sonic Youth e o próprio Yo La Tengo. Então, comprei este CD e fiquei chapado. As músicas, antes barulhentas, agora eram tocadas só com violão, baixo e bateria. Percebi que o mais bacana destas bandas não era só o som das guitarras, e sim as melodias e os arranjos pop, que sempre estiveram atrás da barulheira; b) este disco tem covers dos Kinks e John Cale, entre outros, e me fez ficar interessado por bandas dos anos 60 e 70; e c) o mais legal: eu podia ouvir este CD com meus amigos, pois ele era 'acessível'. Todos começaram a se interessar pela banda e, conseqüentemente, por outros sons legais."
Eldon Pereira Masini – São Paulo, SP

Daniela Mercury é dez

Achei dez as colocações da Daniela Mercury a respeito do preconceito musical. O que ela fez no Carnaval foi superinovador, principalmente para romper com esse feudo de axé music instaurado na Bahia. Outra turma, que faz a mesma coisa em Recife/Olinda, é o pessoal do mangue beat, com shows de rock em pleno Carnaval. É isso aí mesmo: inovação. Quem tem criatividade, talento e saca das coisas tem mais é que ousar. Concordo quando ela diz que o pessoal do rock é preconceituoso pra caramba... Mesmo não curtindo muito essa onda de axé, a Daniela é a única que escuto com prazer, por trabalhar com arranjos muito bons e músicos excelentes. Ela sabe das coisas!
Gracinha Lessa – Fortaleza, CE

Quero Cure!

A edição de maio estava bem legal, com Cult, Capital Inicial... Mas, vejam só: a própria Fernanda, do Pato Fu, aparece, em uma foto enorme, com o *The Head On The Door* na mão. No entanto, o que a revista fez quando o Cure lançou álbum novo, no começo do ano? Uma crítica bem "crieri" e só! Vocês são tão ecléticos, mas ignoram muitas bandas boas que merecem atenção.
Ana Paula Vieira Freire - São Paulo, SP

Elogios em profusão

A SHOWBIZZ está ótima, beirando a excelência! O visual da revista está uma beleza: simples, limpo e organizado! As seções Cartas, Entre Leitores e Editorial & Sumário com Parada da Redação estão demais! SHOWBIZZ Responde e Democracia são fundamentais! 10 Discos e Minha Coleção também são excelentes – senti muito a falta delas na última edição (178)! Crítica, Ao Vivo e Discoteca Básica são as melhores seções desta revista. Bizzes, ótimo – adorei o Cabra-Cega com Daniela Mercury! Fica a sugestão da volta do Cabra-Cega, uma das melhores seções que esta revista já teve! As matérias e entrevistas em geral estão ótimas! Para finalizar, odiei o que foi escrito sobre *Head Music* do Suede, na página E Mais... da seção Crítica, edição de maio. De resto, continuem assim, cada vez melhor!
Alexsandro Neri de Melo – Guarujá, SP

Relembrando Joy

Parabéns, André Barcinski, pela ótima matéria da edição de maio sobre os 20 anos da morte de Ian Curtis, ex-vocalista do grandioso Joy Division. Excelente matéria, saída das mãos de um ótimo crítico que, muitas vezes, não é entendido pelos leitores. Realmente, o segundo álbum da banda, o histórico *Closer*, é discoteca básica e um dos 100 melhores do século. Escutei muito esse disco e outros, por intermédio de uma amiga que, em 1987, era "dark" e me apresentou essa obra-prima.
Juliano Volpato – Curitiba, PR

Correções

Edição de maio (178):
- São feitas duas perguntas sobre a banda Virgulóides na seção Responde. A primeira é de Rafael Rodrigues, de Belém (PA) e a segunda é de Rafael Bernardi, de Uberlândia (MG).
- Há dois erros de grafia na matéria de capa, *O Disco Que Mudou Sua Vida*: o primeiro é na página 27, onde o nome de Little Richard foi escrito com um "s" no final. O segundo está no título do disco indicado por John (Pato Fu). O certo é *The Name Of This Band Is Talking Heads*.
- Nas duas primeiras páginas do Bizzes, os créditos das fotos estão trocados. A da Plebe Rude foi feita por Anderson Shneider e as do Blood-hound Gang e do Creed são de divulgação.
- O produtor de Escuta Aqui (Biquini Cavadão), Paul Ralphes, é galês, não inglês, como saiu na resenha da página 66.
- Na página 67, consta que o primeiro single do novo álbum do Hanson é "This Time Around", na verdade, restrito ao mercado americano. No Brasil, a primeira música escolhida para divulgação foi "If Only".
- Na 72, é sugerido, de forma errada, que "Pies Descalzos" faz parte do álbum acústico de Shakira. Edição de abril (177).
- "Satellite Of Love" não é de autoria do Velvet Underground (página 24), mas sim, de Lou Reed.
- A banda Machine Head tem três álbuns lançados, e não dois, como saiu na seção SHOWBIZZ Responde. Faltou The Burning Red, de 1999.

FALE COM A SHOWBIZZ

POR CARTA: Rua São Carlos do Pinhal, 60, São Paulo, SP, CEP 01333-000
ATENDIMENTO AO LEITOR: e-mail: showbizz@simbolo.com.br (com nome completo, cidade, estado). Telefone: (0xx11) 284-2422. Fax: (0xx11) 287-4979
ASSINATURAS podem ser obtidas pelo telefone: (0xx11) 3990-2112 (Grande São Paulo), 0800-552112 (outras cidades), ou pelo e-mail: abrilsac@email.abril.com.br

Editora Símbolo
Diretora-Presidente: Joana Woo
Vice-Presidente Editorial: Roberto Melo
Vice-Presidente Comercial: Yara Gouveia

Diretora de Circulação: Regina Bucco
Diretora de Publicidade: Dilu Freire Hatb
Diretora Jurídica: Henriqueta Pearlli

SHOWBIZZ

Diretora Divisão Segmentadas: Luis de Castro
REDAÇÃO
Editor-Chefe: Emerson Gasperin
Editor: José Flávio Júnior
Editor de Arte: Dalton Flemming
Diagramador: Roberto Morgan Lopes
Colaboradores: (Texto) Abonico Ricardo Smith, Adriana Prima, Alexandre Matias, Aline Bueno, André Luiz Foss, Avrton Mugnaini Jr., Bernardo Araújo, Camilo Rocha, Carlos Marcelo, Celso Pucci, Daniel Oliveira, Fabiana Batonela, Guilherme Dungra, Helton Ribeiro, Juliana Taddeone, Marco Bezzi, Matias Maxx, Pedro Só, Renato Yada, Roberto Maia, Sérgio Martins, Tatiana Ivanovics, Leandro Sposato (Recife), Daniela Dacorso, Luciana Leite, Marcelo Viramino, Marcelo Ximenez, Marcos Bragato, Matias Maxx, Melissa Hadar, Moira Scudeler, Rui Mendes, Sérgio Carvalho (Ilustração), Fábio Ramos (Revisão), Otto Lopes

Correspondentes: Ricardo Woo e Amy Thomas (Nova York)
Produção Gráfica: Andrea Leverone
Setorista Preso: Ana Carolina Oliveira

PUBLICIDADE
Gerente de Publicidade: Liliane Pereira dos Santos
Executivas de Negócios: Fernanda Perez Costa, Rosana Garcia Mendes
Contato Publicitário: Fabiana Zoanon
Gerente de Publicidade de Representantes Regionais: Kleber Gomes
Gerente de Publicidade (RJ): Marta Pimentel
Contato (RJ): Anaide Franco
Escritório • Rio de Janeiro: R. Voluntários da Pátria, nº 45 - GR 401/402, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, CEP 22270-000, tel. (0xx21) 579-2230, fax (0xx21) 579-2240. Representantes • Interior de SP: Fit Campos Consultoria e Assessoria S/C Ltda., R. Carramona, 1280, cj. 106, Ribeirão Preto, SP, CEP 14010-000, tel./fax (0xx16) 635-5137 • Brasília: JCZ - Comunicações Ltda., SRTVS, quadra 701, Bloco C, sala 330, Brasília, DF, CEP 70340-907, tel. (0xx61) 322-2034, fax (0xx61) 314-1541 • Ceará: A.G. Holanda Comunicação Ltda., R. Pedro Borges, 155, 10º andar, sala 1001, Fortaleza, CE, CEP 60055-110, tel. (0xx85) 253-4141, fax (0xx85) 231-4763 • Paraná: Yáño Representações Comerciais Ltda., R. Senador Xavier da Silva, 488, cj. 808, Curitiba, PR, CEP 80310-060, tel. (0xx41) 232-3466, fax (0xx41) 232-6737 • Rio Grande do Sul: Inoppo & Cia. Ltda., Av. Getúlio Vargas, 1594, 6º andar, sala 607, Porto Alegre, RS, CEP 90150-004, tels. (0xx51) 231-8183 e 233-1513, fax (0xx51) 233-1587 • Novo Hamburgo: Angela Blauth Representações Ltda., R. Tupinambá, 35, sala 4, Novo Hamburgo, RS, CEP 93310-220, tel. (0xx51) 582-4120, fax (0xx51) 594-4087 • Santa Catarina: Central de Comunicação S/C Ltda., R. Anita Garibaldi, 78, sala 701, Florianópolis, SC, CEP 88010-500, tel./fax (0xx48) 222-4355

MARKETING
Gerente de Marketing: Maria de Moraes

FINANÇAS E ADMINISTRAÇÃO
Gerente Financeiro: Reinaldo Bento
Gerente Administrativo: Maria Helena Rosa Faria
Gerente de Produção Gráfica: Fernando Levorin
Gerente de Sistemas: Valmor Seles

Fotolito Eletrônico: A.E. Fernandes
Impressão: Globo Cochrane Gráfica e Editora - Viabela
Papel: Imprensa

ANER IVC

Showbizz é uma publicação mensal da Editora Símbolo Ltda. ISSN 0101-1049. Edição 179, junho de 2000. Redação, administração, publicidade e correspondência: R. São Carlos do Pinhal, 60, Bela Vista, CEP 01333-000, São Paulo, SP, tel. (0xx11) 284-2255, fax (0xx11) 287-4979. Distribuída com exclusividade no Brasil pela DINAP S/A. Edições anteriores (mediante disponibilidade de estoque) solicite através de seu jornaleiro ao preço da última edição em banca. Showbizz não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados.

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo, SP
E-mail: showbizz@simbolo.com.br

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

Coisa de louco

Gostaria que vocês me esclarecessem o problema com o primeiro CD de uma das melhores bandas aqui do Sul, a Graforréia Xilarmônica. É possível achar o disco aqui?

Luciano A. Prado – Porto Alegre, RS

O primeiro álbum da banda, *Coisa de Louco II*, foi lançado pelo Banguela, selo vinculado à Warner e administrado pelos Titãs e pelo produtor Carlos Eduardo Miranda (hoje na gravadora Trama). Segundo o vocalista e baixista Frank Jorge, o álbum só foi finalizado por cumprimento de contrato, pois na época (1995) os Titãs estavam voltando a fazer shows e deixando o Banguela. O disco não saiu nos catálogos da Warner e ficou meio perdido. Grande parte da produção foi comprada pela própria banda e revendida às lojas. No momento, *Coisa De Louco II* está fora de catálogo, portanto, impossível de ser encontrado em Porto Alegre ou em qualquer lugar do país. Mas, se você está desesperado, escreva para a banda e veja o que consegue. E-mail: yksgro@panema.com.br

Quentinhas do Melão

Quero a discografia completa do Hole. Também gostaria de saber o que aconteceu com o Blind Melon.

Carolina Cardoso – Curitiba, PR

Hole: *Pretty On The Inside* (1991); *Live Through This* (1994); *Ask For It* (EP, 1995); *Celebrity Skin* (1998).

Os quatro membros remanescentes do Blind Melon, Rogers Stevens (guitarra), Christopher Thorn (guitarra), Brad Smith (baixo) e Glen Graham (bateria), resolveram seguir caminhos distintos. Rogers começou a trabalhar com Rene Lopez, uma cantora e compositora de Nova York. O par já gravou 15 músicas e quase tem uma banda formada. Christopher e Brad juntaram forças com Dave Krusen (baterista do Pearl Jam no primeiro álbum) para formar um novo grupo, chamado Luna, que já tem 14 músicas e faz pequenos shows em sua cidade natal, Seattle. Glen, que ultimamente mora em Chapel Hill, Carolina do Norte, está bem ocupado escrevendo músicas e trabalhando em vários projetos com outros artistas.

Viper e Angra total

Gostaria de saber a discografia completa do Viper e do Angra e se os álbuns estão disponíveis em CD.

Moacyr Aleixo – Novo Cruzeiro, MG

Viper: *Soldiers Of Sunrise* (1987); *Theatre Of Fate* (1989); *Evolution* (1992); *Vipera Sapiens* (minialbum, 1993); *Maniacs In Japan* (1993); *Coma Rage* (1995); *Tem Pra Todo Mundo* (1997); *The Best Of Viper - Everybody Everybody* (1999). Angra: *Reaching Horizons* (demo, 1992); *Angels Cry* (1993); *Eval Warning* (EP, 1994); *Holy Land* (1996); *Freedom Call* (1996); *Holy Live* (EP - 1997); *Fireworks* (1998). Todos estão disponíveis em CD.

Alternativos básicos

Gostaria de saber a discografia do Pixies e quais são os principais discos.

Rodrigo Braga – Concórdia, SC

Come On Pilgrim (EP, 1987); *Surfer Rosa* (1988); *Doolittle* (1989); *Bossanova* (1990); *Trompe Le Monde* (1991); *Death To The Pixies* (1997); *Pixies At The BBC* (1998). Todos são importantes, mas se você está começando sua coleção o quer aqueles que contêm as músicas mais badaladas pela crítica especializada e pela platéia alternativa do mundo inteiro, prefira os álbuns *Surfer Rosa* e *Doolittle*.

O Kiss vai acabar de novo só para garantir outro retorno

Foto: Divulgação

Só mais um fim?

Sou totalmente pirada, viciada, louca pelo grupo Kiss e, como todo fã, quero saber onde eles foram parar. Não ouço mais falar neles, o que aconteceu?

Vanessa Benedini – Leme, SP

É verdade que o Kiss vai acabar de novo? Rolam boatos na internet de que estão fazendo uma última turnê e que depois anunciarão seu fim.

Diego Pinto – São José dos Campos, SP

Infelizmente, não é boato, é verdade. O Kiss está, sim, fazendo sua última turnê, *The Farewell Tour* (A Turnê Da Despedida), que começou dia 11 de março em Phoenix, Arizona, e já passou por vários estados americanos. Junto com as apresentações termina também a banda, que, inclusive, está leiloando vários objetos de sua história, como jaquetas de couro, instrumentos, botas de plataforma... Mas, você sabe, bandas que terminam várias vezes têm grandes chances de realizarem várias voltas, não é? Para outras informações sobre a turnê, o leilão e curiosidades sobre o Kiss, visite o site: **www.kissonline.com**

Ficha: THE CARDIGANS

A pedido do leitor **Thiago Eastwood Torrens**, de Toledo, PR

Cardigans: mantendo a Suécia no mapa

Importância

Graças aos ótimos arranjos, às melodias delicadas e à voz açucarada de sua linda vocalista Nina Persson, o quinteto nórdico logo se tornou uma das bandas mais importantes da década, talvez a maior de seu país, a Suécia. Com sofisticação e placidez, constroem um pop rock de humor incerto e referências sessentistas. As raízes metaleiras também se fazem presentes (nos três primeiros álbuns existem versões para sucessos do Black Sabbath). Agora, a Suécia pode ser lembrada por causa deles, não só por ABBA, Roxette e Ace Of Base.

Biografia

Tudo começou em outubro de 1992, em Jonkoping, Suécia, quando dois fãs de rock pesado se tornaram amigos tocando em uma banda de hardcore. Eram o guitarrista Peter Svensson e o baixista Magnus Sveningsson. A dupla se cansou do metal e resolveu montar uma banda pop com uma velha colega da adolescência, Nina Persson, que nunca havia cantado profissionalmente antes. Juntou-se à formação o tecladista e guitarrista Lars-Olof Johansson e o baterista Bengt Lagerberg. Os cinco se mudaram para um pequeno apartamento, em 1993, e começaram a gravar uma fita demo que, no final do mesmo ano, caiu nas mãos do produtor Tore Johansson. Alguns meses depois, a banda foi descoberta pela mídia. *Emmerdale* saiu em maio de 1994, e a música "Rise & Shine" estourou nas rádios suécas. Em 1995, Nina, toda angelical na capa do segundo álbum, o ótimo *Life*, ajudou as vendagens a superarem 1,5 milhão de cópias no mundo todo. Como conseqüência, conseguiram oito shows completamente lotados nos EUA durante o verão de 1996, além de um contrato com a gravadora Mercury. Em seguida, foi a vez de "Lovefool" emplacar nas paradas e garantir ao álbum *First Band On The Moon* disco de ouro na América do Norte e platina no Japão apenas três semanas após seu lançamento. A canção embalou o romance de Leonardo DiCaprio e Clare Danes, como Romeu e Julieta, no filme de mesmo nome, baseado na obra de Shakespeare. Finalmente, em 1998, lançaram o irretocável *Gran Turismo*. Apesar de "My Favorite Game", primeiro single do disco, soar como os trabalhos anteriores do grupo, o resto das faixas mostravam o Cardigans dando uma guinada radical em sua carreira, buscando sonoridades eletrônicas, sem deixar os instrumentos analógicos.

Discografia

Emmerdale (1994); *Life* (1995); *First Band On The Moon* (1996); *Gran Turismo* (1998).

Ultrapasse a barreira do som
na Mirage Music.

Mais de 140.000 CDs e 12.000 DVDs, além do maior acervo de DVDs, LDs e acessórios do Brasil, reunidos em 2.500 m².
Na Mirage Music, maior loja de CDs da América Latina segundo a revista Billboard, você encontra o que há de melhor em áudio e vídeo, área especial destinada a home theater, restaurante e pocket shows exclusivos.
Dá correndo à Mirage Music que a gente, com certeza, vai ultrapassar suas expectativas.

Rua Iguatemi, 244 – SP (esquina com Tabapuã)
0800-164055
www.miragemusic.com.br
Seg. a sáb. das 10h às 22h.

MIRAGE MUSIC
A maior loja de CDs da América Latina

Bizzes

Para ouvir, olhar e sentir

Roberto Maia, o homem-enciclopédia da rádio paulistana Brasil 2000, relata a perfeição da recém-lançada caixa dos **Doors**

O mundo da música institucional vive divagando sobre como poderá sobreviver, dada a ameaça devastadora da multiplicação dos sons através da internet. Se as novas gerações se contentam com os abstratos e sem graça arquivos impalpáveis, que podem ir winchester abaixo, é porque desconheceram o prazer de pegar com as mãos as grandes capas da época do vinil, que podiam ser observadas como quadros. Nesta atual disputa dos bits com os átomos, o jeito de levar a melhor é, sem dúvida, fazer como a edição *The Doors - The Complete Studio Recordings*, com os seis álbuns do grupo gravados na época de Jim Morrison, mais um CD contendo o melhor da caixa de raridades, que saiu em 1997. Até aí, um fato normal. Mas o que pega mesmo é que os discos receberam um tratamento de reprodução em miniatura. Os detalhes são incríveis. Até o papel que revestia o disco na época do vinil foi reproduzido nesta caixa, que ainda contém um libreto repleto de detalhes sobre as obras, fotos raras e todas as letras.

Imagine o delírio do fã quando botar as mãos nesta caixinha...

Na verdade, o Doors é daqueles grupos mais falados do que ouvidos, pois o carisma visual de Jim Morrison ainda motiva ilustrações de como o rock e a sensualidade vivem juntos, mesmo depois de quase 20 anos de sua morte. Musicalmente falando, o bom de se possuir a caixinha é fugir da obviedade das coletâneas e poder se fartar de sutilezas. Um bom exemplo é o disco de estréia da banda, *The Doors*, lançado em janeiro de 1967, que além dos hinos "Light My Fire" e "Break On Through" traz dois covers históricos: "Alabama Song", de Kurt Weill e Bertolt Brecht, e o clássico de Howlin' Wolf e Willie Dixon, "Back Door Man". Sem falar em "The End", uma das músicas mais expressionistas do rock. Do segundo trabalho do grupo, *Strange Days* (outubro de 1967), que tem "Love Me Two Times" e People Are Strange", vale a pena ouvir o "labirinto das almas" em "Lost Little Girl". Depois destes dois grandes álbuns, *Waiting For The Sun* (julho de 1968) só poderia mesmo ter sido considerado "sem muita expressão" pela crítica especializada, apesar do hit "Hello I Love You". Em julho de 1969, saía *The Soft Parade* (com meu sucesso predileto da banda, "Touch Me"), cheio de controvérsias, no qual os Doors se dão ao luxo de experimentar em arranjos com metais e cordas. *Morrison Hotel*, que foi para as lojas em fevereiro de 1970, é um disco bonito, sutil e traz a temática "Roadhouse Blues". *LA Woman* fecha o pacote, com o famoso faixa-título e "Riders On The Storm".

The Complete Studio Recordings, além de ser uma coleção de discos de uma das bandas mais importantes do rock, é uma experiência tátil e visual. Alegria para os ouvidos e para os olhos, coisa rara hoje em dia.

Onde encomendar: Velvet CDs, tel. (11) 221-8947, e-mail velvetcds@node1.com.br

Até o papel que revestia o vinil foi reproduzido nos mínimos detalhes

Foto: Mário Tavares

Lágrimas orquestradas

Sinal dos tempos. Em 1986, já consagrada nacionalmente, a Legião Urbana decidiu realizar o show de lançamento do álbum *Dois* no mais nobre palco do Distrito Federal. Até então, a Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional Cláudio Santoro era reservada exclusivamente para concertos de música clássica, espetáculos teatrais e óperas. Foram meses de negociação com a Fundação Cultural do DF (dona do espaço) até que o grupo conseguisse autorização para realizar duas apresentações. Tudo certo: não houve depredação de poltronas nem invasão de palco, como temia a Fundação.

Catorze anos depois, a Legião já não provoca calafrios em nenhuma autoridade. E a maior prova disso foi a escolha da Sala Villa-Lobos para apresentação do projeto do Memorial Renato Russo com um concerto da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional. A sinfônica foi regida pelo maestro Silvio Barbato, amigo pessoal do vocalista da Legião – eles planejavam inclusive compor uma ópera a partir do livro *O Bom Crioulo*, considerado o primeiro romance brasileiro com temática homossexual.

A orquestra iniciou o concerto com arranjos para três sucessos da banda: "Pais E Filhos", "Angra Dos Reis" (em recriação surpreendente) e "Eduardo & Mônica" (transformada em algo próximo de um standard do repertório de big band dos anos 40). Depois, o maestro chamou a cantora brasiliense Célia Porto, intensamente aplaudida pelas interpretações de "Maurício", "Andrea Doria" e "Índios", levando às lágrimas os pais do cantor, Maria do Carmo e Renato Manfredini.

Quatro amigos de Renato Russo foram convidados a declamar letras do vocalista durante o concerto: Luis Fernando Borges, Felipe Tenreiro e as atrizes Denise Bandeira e Ana Beatriz Nogueira. Entre uma música e outra, também foram revelados detalhes do projeto do memorial, que não funcionará mais no Espaço Cultural 508 Sul, como era a intenção inicial da família. Ele será erguido no Setor de Difusão Cultural, em local privilegiado do Plano Piloto – entre a Torre de TV e o Centro de Convenções, área mais adequada para trânsito de turistas. Além de objetos do acervo pessoal do vocalista, terá auditório, estúdio de som (para gravação de demos de bandas novas), biblioteca, discoteca, sala de projeções de vídeos e um palco para shows de pequeno porte. As obras começam em novembro e a inauguração está prevista para o segundo semestre de 2002.

Carlos Marcelo

Renato Russo: até em versões clássicas suas músicas são arrebatadoras

Foto: Jorge Bispo Gomes

Sozinhos no ninho

Em setembro, os fãs do Cidade Negra vão descobrir se três semanas surfando numa praia deserta podem resultar em boa música. Isolados numa casa no Pontal do Atalaia, litoral cabofriense (RJ), o quarteto de Belford Roxo permaneceu por 21 dias no último mês de abril com os celulares desligados, conversando sobre como o disco novo da banda deveria soar. Lazão, baterista e vocalista esporádico, acredita que a reclusão gerou um experimentalismo sem precedentes na carreira dos regueiros. "A idéia era interagir com o meio ambiente de uma maneira mais saudável e nos escutarmos como irmãos" revela. Quanto às letras, dá pra esperar um leve retorno aos primórdios do Cidade. "Às vezes acho que precisamos de um novo Che Guevara", viaja o baterista.

Cidade Negra: isolados para melhor servir

Foto: Marcelo Soares

Chega de intermediários

Pare de chorar porque ninguém contrata seu grupo e vá à luta

Guilherme Hungria

Primeiros passos

Veja quanto custa gravar um CD profissional, com prensagem de 1.000 cópias, capa e encarte. E, o mais importante, sem depender da boa vontade de nenhuma gravadora:

1. Estúdio: O preço médio em um estúdio de 24 canais é R$ 40 por hora (em São Paulo). Para cada música calcule o mínimo de 4 horas.

2. Produtor: Apesar de não sair barato, é um dinheiro bem investido. Um produtor pode lhe valer algumas horas a menos no estúdio. Eles conhecem os atalhos que até um músico experiente, ou nem tanto, ignora. Um bom profissional irá cobrar por volta de R$ 2.500 para trabalhar na gravação de um CD.

3. Masterização: No estúdio é feita apenas a mixagem. A masterização é um processo à parte, onde são corrigidos pequenos erros que passam despercebidos. É sua última chance pra dar um tapa na música: R$ 300.

4. Prensagem: Reserve R$ 1.500, incluindo aí arte gráfica da capa/encarte e fotolito.

Dicas:

- Ensaie o máximo possível. Quanto mais afiado entrar no estúdio, menos tempo e grana vai gastar.
- Se for gravar uma fita/CD demo, escolha suas três melhores músicas. Ninguém vai ouvir mais que isso.
- Na masterização, é possível descolar umas cópias na faixa – às vezes, até dez CDs, um número bom de exemplares para começar a divulgação do trabalho.
- Essa é para quem não tem cacife pra queimar 1.000 CDs: reúna-se com outras bandas e faça uma ação comunitária. Juntando mais ou menos R$ 80 de 15 caras, dá para adquirir um CDR (gravador de CD). Com ele, você pode prensar um número menor de cópias, evitando obstruir o corredor de sua casa com discos encalhados. As capas podem ser feitas no seu computador.
- Um CD virgem da terra da Perla e do uísque suspeito custa R$ 4. Um aviso: tal qual seus conterrâneos citados, o produto pode trazer muita dor de cabeça (cartela de aspirina: R$ 1).
- A fita demo ainda existe e é uma alternativa econômica. A banda Bois de Gerião, adepta do velho cassete, já está no terceiro lançamento. A estratégia é a seguinte: "Prensar pouquíssimas cópias em CD para divulgação e vender fitas, que cada um copia na sua casa", ensina o vocalista Rafael Farret, vocalista.
- Se seu pai não quiser liberar o dinheiro, lembre a ele que o cantor Daniel lançou o primeiro CD graças à ajuda paterna. Prometa que seu sucesso será maior que o dele e você vai pagá-lo com juros e correção.

Venda-você-mesmo

O faça-você-mesmo dos punks ganhou um importante aliado, fruto dos tempos de globalização e internet: o venda-você-mesmo. Não é difícil encontrar sites oferecendo CD, cassetes e LPs de bandas que, se dependessem do espírito renovador das gravadoras, estariam condenadas ao ostracismo. Imediatamente após gravar, o músico já tem uma prateleira virtual, onde pode oferecer seu trabalho para o mundo todo. O baixista Johnny Monster, por exemplo, está apostando na rede para vender seus dois CDs duplos (uma coletânea de sua ex-banda Hip Monster, e a gravação ao vivo de seu último trabalho, com o grupo Estranhos), lançados no mês passado. Segundo ele, a internet pode derrubar a ditadura das gravadoras. "É do c" essa chance de vender para o mundo todo por meio do computador. Estava na hora das gravadoras sentirem que elas dependem do músico, e não o contrário", prega.

Estúdios

Estúdio Quórum (24 canais)
Hora de ensaio: R$ 25
Gravação: R$ 45
Rua Apinagés, 749, SP
Tel. (11) 262-6249

Estúdio Clave (16 canais)
Hora de ensaio: R$15
Gravação: R$ 25
Rua São Paulo, 139, 4º andar, conjunto A, SP
Tel. (11) 270-6339

Domínio Digital Estúdio (32 canais)
Só faz gravação: R$ 60/hora
Rua Comendador Norberto Jorge, 40, SP
Tel. (11) 530-3644/ 530-7298

Pula, pula...

de uma banda para outra

"Na praia... nudista! E tá tudo liberado...". Quem ouviu e deu uma olhada rápida em um dos clipes mais veiculados pela MTV nos primeiros meses do ano, logo pensa: "Ah, música nova do Skuba". Um exame um pouco mais detalhado e aparecem uns cabeludos que não costumavam tocar ska. Então se conclui: música nova d'Ostheobaldo. Mas com a participação de Sérgio, cantor do Skuba, ex-Sr. Banana. Quase isso. Na verdade, "Praia Nudista" é a primeira música de trabalho do disco de estréia do **Tihuana**, nova banda de quatro ex-integrantes d'Ostheobaldo, o baixista (e torcedor do Boca Juniors) Román, o guitarrista Léo, o baterista PG e o percussionista rastalouro Bahia. Eles têm um novo cantor, Egypcio, chapa que conheceram na estrada em São Paulo (a banda é carioca, mas se mudou para a terra da garoa em 1998). E sim, Sérgio está no clipe. "Passamos um pouco mais de um ano em uma espécie de litígio com o Johnny, cantor d'Ostheobaldo. Ele sempre queria levar a banda para um lado e, nós, para outro. Até que um dia conversamos e achamos melhor abrir. Então ele ficou com o nome, e nós resolvemos começar do zero, com uma nova banda", esclarece Román. Não é lindo? A primeira demo foi apresentada à velha gravadora da antiga banda e pimba! Contrato assinado, disco gravado, clipe no ar. O som tornou-se mais melódico, sempre com o humor de canções como "Arrasa-Quarteirão". "Tivemos sorte com toda a história do topless no Rio, que colocou o tema da música em evidência", lembra Román. "Até a Ana Maria Braga toca 'Praia Nudista'"

Bernardo Araujo

Tihuana: começando do zero, mas contando com a sorte (e o peitoral das cariocas)

frases

"Liam só bebe duas vezes por semana agora: a primeira, é de segunda à quinta; a segunda, de sexta à domingo."
Noel Gallagher, do Oasis, comemorando a recuperação de seu irmãozinho

"É como um gato drogado sendo atingido por um piano."
Um executivo da gravadora que lançou a trilha sonora de The Million Dollar Hotel, *comentando sobre a performance da modelo, atriz e poeta Milla Jovovich na faixa "Sattelite Of Love", de Lou Reed*

"Eu tentei imaginar o que aqueles caras devem ter pensado na noite anterior."
Stone Gossard, do Pearl Jam, explicando de onde tirou inspiração para compor "Rival", música do último álbum da banda, sobre os assassinos Eric Harris e Dylan Kleibold, do massacre no Colégio Columbine

"Eu sempre achei engraçado, porque você pode fazer o que quiser durante a semana: beber, fumar, qualquer coisa, contanto que se confesse no domingo."
Marilyn Manson, questionando a formação católica que teve quando moleque

"Acho que nós nunca fomos longe demais. Juro por Deus! A gente bebia uma garrafa de vodka aqui, cheirava uma carreira aí, e só."
Richie Sambora, do Bon Jovi, sobre sua juventude bem-comportada e a de seu amigo Jon Bon Jovi

Sambora: bom mocismo é isso aí

"Tem alguma garota com mais de 13 anos por aí?"
Jimmy Pop, do Bloodhound Gang, ansioso por alguém mais maduro no meio do público adolescente que lotou o último show da banda no Roseland Ballroom, de Nova York

"Não! Eu não consigo assisti-los. Fico com muito medo e acabo tendo pesadelos à noite."
A atriz principal de Pânico 1, 2 e 3, *Neve Campbell, revelando seu medo de filmes de terror*

mundo livro S/A

Novidades que tocam na sua estante

NO EMBALO DA JOVEM GUARDA

Ricardo Pugialli (Ampersand Editora)

Às vésperas do 35º aniversário da estréia do programa homônimo, a Jovem Guarda ganha seu mais precioso registro. O livro é um grande compêndio do que aconteceu entre 1958 e 1968 com o estilo que representou as primeiras incursões (ou imitações, depende do caso) do Brasil pelo rock e pop feitos nos Estados Unidos e Inglaterra. Pode abrir em qualquer página que funciona: há os lançamentos, as fofocas, a parada de sucessos, os discos mais vendidos; tudo dividido por mês e ano. Em fevereiro de 1964, por exemplo, a coluna *Mexericos da Candinha* informava que "Roberto Carlos ia comprar um Volkswagen. Na hora H, faltou um pouco de grana e ele deixou para mais tarde".

PAUL McCARTNEY – MANY YEARS FROM NOW

Barry Miles (DBA)

Enquanto não vem o prometido livro que os três beatles remanescentes estão escrevendo juntos sobre a história do grupo, fique com esta biografia autorizada. Miles é amigo de McCartney, o conhece desde 1965 e baseou-se em 35 entrevistas feitas com ele entre 1991 e 1996, além dos depoimentos que coletou. Pelo menos, deixa clara uma coisa: McCartney não era esse caretão que pintam. Junto do gênio do pop há também um artista ousado, que fez suas experiências sonoras e sempre procurou o novo. Só que o marketing de Lennon era bem melhor...

GUIA DE ROCK EM CD

Arthur Dapieve & Luiz Romanholli (Jorge Zahar Editor)

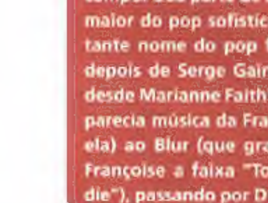
Tudo resumidinho, para caber no formato que imita um CD: 300 discos fundamentais do rock, 170 artistas biografados e definição dos subestilos. Haverá gente que não concordará com os álbuns selecionados? Óbvio, como em iniciativas similares. Faltarão nomes indispensáveis para uns e outros? Sim, pois trata-se de um listão feito de acordo com os critérios dos autores. E aí, para que serve? Para aquela consulta rápida, tirar aquela dúvida, facilitar sua vida, como convém a qualquer guia.

Turnê sem cambista

Na rede com o Supreme Beings Of Leisure

O SBL aposta no público digital para se criar

Apontada pelo jornal *Los Angeles Times* como a primeira banda nascida na web, o Supreme Beings Of Leisure acaba de ter seu primeiro álbum (de mesmo nome) lançado no Brasil pela Trama. Tudo começou quando a vocalista e letrista, Geri Soriano-Lightwood, abandonou seu projeto-solo para se juntar a Kiran Shahani (baixo), Ramin Sakurai (teclado) e Rick Torres (guitarra). O trabalho do SBL, influenciado pelo trip-hop do Massive Attack e pelo ritmo exótico e dançante da cantora islandesa Björk, é a fusão de elementos trazidos de várias partes do mundo, como Índia, Porto Rico, Irã, República Dominicana e Japão, países de origem dos integrantes ou de suas famílias, e filtrada pela visão de mundo do Oeste americano, lugar que cresceram. Na internet, onde geografia é irrelevante, a banda encontrou um novo meio para divulgar sua música transcendental. Donos de um site impecável, são os precursores da turnê virtual, uma programação diária de atrações e atividades, que qualquer pessoa do mundo pode acompanhar, basta ter um computador e estar conectado à rede. Por telefone, Geri conta um pouco mais sobre a relação dos "seres supremos do lazer" com o mundo sem fronteiras da web.



No site do grupo, todo dia há uma atividade diferente

Qual a relação da banda com computadores e internet? Vocês já trabalhavam na área antes?
Não. Fora o Ramin, que estudou música eletrônica na faculdade, a banda é formada por músicos, que, só depois, se ligaram em computadores. Meu marido é programador. Eu, ele e meu irmão desenvolvemos o site. Gostamos tanto que acabamos abrindo uma empresa de web design.

E a turnê virtual, como funciona?
A turnê virtual é uma coisa nova, idealizada por mim. A página já teve mais de um milhão de acessos. Você pode acompanhar a banda em entrevistas, apresentações e participar de bate-papos. É só digitar www.sbleisure.com. Assim que você entra no site, a programação se abre e você clica na atividade do dia.

Então vocês trocaram a estrada pela rede?
Com certeza, há mais gente acompanhando a turnê virtual do que comparecendo aos shows. Não que o público seja pequeno ao vivo, mas pela internet é muito mais confortável, as pessoas podem participar sem sair de casa e sem gastar nada. Isso não quer dizer que não tocaremos mais. Estamos nos apresentando pelos Estados Unidos e, a partir deste mês, vamos fazer shows de divulgação para a imprensa em outros países, como o Brasil, por exemplo.
Fabiana Batisteia

Titia chique

La Hardy, ontem e hoje: pop sofisticado

Quem ouvia rádio nos anos 60 e 70 deve se lembrar da francesinha charmosa que entoava canções igualmente charmosas como "Tous Les Garçons Et Les Filles" e "La Question". Françoise Hardy foi uma das primeiras cantoras pop de qualquer país a compor boa parte de seu repertório, ícone maior do pop sofisticado e o mais importante nome do pop francês dos anos 60 depois de Serge Gainsbourg. Influenciou desde Marianne Faithful ("'As Tears Go By' parecia música da Françoise Hardy", disse ela) ao Blur (que gravou em dupla com Françoise a faixa "To The End/La Comédie"), passando por Dylan (que a homenageia na contracapa de *Another Side Of Bob Dylan*), os Mutantes (regravaram "Le Premier Bonheur Du Jour" duas vezes), a dupla Air, Júpiter Maçã e tantos outros.

Em plena forma aos 56 anos, afastada dos palcos desde fins dos anos 60 (um de seus últimos shows foi no Brasil, participando do terceiro Festival Internacional da Canção), Françoise dedica-se à astrologia e grava quando bem entende. Em seu novo disco, *Clair-Obscur* (Virgin), Françoise continua agradando aos fãs e surpreendendo o público em geral, desta vez incluindo "Tous Mes Souvenirs Me Tuent" (sua adaptação para "Tears", do violonista Django Reinhardt) e um dueto com Iggy Pop ("I'll Be Seeing You", cover de Noel Coward). É recomendável também o trabalho anterior da madame, *Le Danger*, no qual sua voz suave e as melodias e guitarras de Alain Lubrano formam a melhor dupla desde Morrissey & Marr, dos Smiths.
Ayrton Mugnaini Jr.

Supergrupos
que não gostaríamos de ver:

Thaíde & DJ Humberto Gessinger Trio

Jorge Benjota Quest

As fãs não queriam mais nada: Hanson no Rio, tocando para poucas privilegiadas

Úteros em fúria

Mesmo com público para lotar o Maracanã, em sua recente passagem pelo Brasil o Hanson se limitou a fazer um show para poucos convidados. Entre um pagar de mico em programa de TV e outro, os irmãos Taylor, Zac e Isaac apresentaram sete músicas de seu novo álbum, *This Time Around*, mais "Mmmbop" e "Gimme Some Lovin'", no palquinho do Rock In Rio Cafe (RJ), acompanhados dos três tiozinhos que formam a banda de apoio (baixo, guitarra e teclado). Empunhando seus instrumentos, a banda mostrou competência e um pouco de intranquilidade com a coisa monstruosa que virou o culto ao Hanson. Muitas vezes, o barulho feito pelas privilegiadas tiotes (que sabiam as letras das músicas do disco novo, sendo que o mesmo ainda não havia sido lançado – bendito MP3!) impedia a compreensão dos acordes. Provavelmente, se rolasse um death metal ali, o frisson da platéia seria o mesmo.

Valeu, "Popozuda"

Quem leu a SHOWBIZZ de abril conferiu o surgimento do Miami rock, uma mistura do rock com funk carioca. A nova onda já começa a dar frutos: depois de passar um longo tempo na independência, o De Falla (que mergulhou fundo nessa tendência), acaba de assinar com a Sony e lança neste mês seu oitavo álbum, *Miami Rock 2000*. As músicas vêm bem mais populares, incluindo os quatro covers – "Ilariê", da Xuxa; "Inútil", do Ultraje A Rigor; "Freak Le Boom Boom", da Gretchen; e "Feiticeira", de Carlos Alexandre. Esta última foi gravada com a intenção de fazer rebolar a personagem de Joana Prado, já que ela foi uma das primeiras a dançar ao som de "Popozuda" (primeira single do novo álbum), que estreou nas picapes de Theo Werneck (DJ do programa *O+*). O vocalista e produtor, Edu K, mostra-se animado com a nova fase. Não era para menos: desde os primórdios da banda, quando eles eram da BMG, que ele não sentia o cheiro de uma grande gravadora.

Edu K, de volta ao bem bom das multinacionais

New AK Series

Uma linha para quem curte som de verdade.

Com 1 Super Woofer em cada caixa acústica e 4 amplificadores independentes - 2 para os médios e agudos e 2 para os subgraves - o novo **AK28** é tudo que as criaturas que amam música e festa precisavam para atingir o nirvana total. Qualquer dúvida, cara, ouça um e comprove.

super Woofer
Bi-Amp

HEAVY IMPACT

- 2.300 watts (PMPO) (280w RMS)
- Bi-Amp: 2 amplificadores independentes por canal
- Super Woofer Integrado: maior impacto sonoro
- 114 modos de equalização pré-programada
- CD Changer 5 discos com disc protection
- Duplo deck auto-reverse com controle remoto

AK 28
Panasonic

Batalha virtual

O Limp Bizkit apoiou a iniciativa e descolou um patrô

Numa ação que marca o primeiro passo na guerra entre artistas e o MP3, o Metallica levantou um processo contra a Napster, que distribui músicas pela internet. O pedido de indenização foi de US 100 mil. Segundo Lars Ulrich, baterista da banda, "o Metallica leva sua profissão muito a sério, e é repugnante ver essa arte – sejam músicas, letras ou fotos – trocada feito mercadoria barata". A acusação fala em infração da lei de direitos autorais (*copyright*) e incentivo à pirataria digital.

O Metallica ficou irado com a distribuição de suas músicas na rede

Divulgação

A banda também está acusando a Universidade de Yale, a Universidade de Indiana e a Universidade do Sul da Califórnia, por oferecerem livre acesso ao programa em sua rede. A Napster declarou que ninguém da banda sequer procurou a empresa antes de abrir o processo, e que agora só resta se defender das acusações. Outro que também usou a justiça para tirar suas músicas da Napster foi o rapper Dr. Dre.

NEM TODO MUNDO CONDENA

Por outro lado, os integrantes do Offspring desmentiram boatos de que também estariam processando a Napster. Pelo contrário: eles dizem que apóiam o programa e preferem que mais fãs possam ter acesso às suas músicas. Como prova disso, prometem colocar algumas de suas músicas no site oficial do grupo para serem ouvidas pelo sistema MP3.

Mais uma banda apóia – e é apoiada – pela Napster. Há algum tempo, os caras tinham o projeto de fazer uma turnê para promover seu novo álbum com shows totalmente gratuitos pelos Estados Unidos. Só precisavam de alguém que pagasse as contas (que inclui somente os custos de produção, não os cachês). Adivinha quem se ofereceu pra pagar? A Napster.

Segundo o vocalista Fred Durst, se os fãs estão felizes com o MP3 e a banda também concorda com a prática, não há porque recusar a proposta. Como resultado, a turnê está confirmada e terá início em 4 de julho, em Chicago.

Juliana Taddone

MPMans disponíveis: (todos à venda pela internet)

O MPMan é uma espécie de walkman que permite a você gravar as músicas em MP3 e sair ouvindo por aí. Do tamanho médio de um maço de cigarros, esses aparelhos podem guardar até uma hora de música em sua memória original, mas que pode ser expandida. Já tem gente entrando de novo nessa briga: A RIAA, associação das gravadoras americanas, tentou impedir o lançamento de alguns dos MPMans, alegando que os equipamentos ajudariam a aumentar a pirataria, mas não conseguiu. No Brasil, a preocupação também é grande e, desde o fim do ano passado, a Associação Protetora dos Direitos Intelectuais Fonográficos (Apdif), tem investigado sites que distribuem músicas de forma ilegal. Cinco já foram fechados. Mas os produtores de sites MP3 não se julgam criminosos e dizem que distribuir suas músicas é como "emprestar um CD a um amigo". Toda essa história ainda parece confusa e promete dar muito pano pra manga. É esperar pra ver. Enquanto isso, conheça melhor os MPMans disponíveis no Brasil:

Samsung Yepp R$ 459
- 32 MB de memória (é possível expandir a memória com um cartão vendido separadamente);
- 7 tipos de equalização;
- Arquivo de trasnferência de dados
- Armazena até 128 minutos de voz

www.yepp.com.br/html/html.htm

Daewoo Dap R$ 399
- 32 MB de memória
- Arquivo de transferência de dados

www.shoptime.com.br/cgi-bin/shop-mais-info.pl?loja=14&codigo=7953

Diamond Rio 500 US$ 200
- 64 MB de memória
- Equalizador
- Porta USB para transferência de arquivos (três vezes mais rápida que a convencional)

www.rioport.com/RioProducts/1,1351,P12,00.html

MPMan F-20 Gradiente R$ 399
- 32 MB de memória (pode ser expandido indefinidamente)
- Grava arquivos convencionais de PC
- Equalizador

www.gradiente.com.br/gradiente/mpman/mpman.htm

Remando contra a maré, Lobão passou das 100 mil cópias vendidas de seu disco independente. E agora, quem vai dar o Disco de Ouro a ele, já que a indústria fonográfica não o reconhece? Deixa com a gente...

Daniela Dacorso

Seu par ideal: Bonito, moderno e pontual.

cosmos
QUALIDADE INDISCUTÍVEL

OS 29571O

À prova d'água
Ponteiro em aço
Mecanismo à quartzo
Design exclusivo

QUARTZ
WATER 30M RESIST

Exército pop

Atitude, revolução, utopia. Em uma época em que estas palavras estão tão desmoralizadas, prefere chamar a atenção pelo que diz – e pratica

por Emerson Gasperin • Fotos: Rui Mendes

Quando a banda começou a ensinar instrumentos na favela, os caras do Afro Reggae não diferenciavam um baixo de uma guitarra

Rappa na área. Não a rapa que provoca correria onde quer que seja anunciada, e sim a banda carioca O Rappa que estimula uma agitação diferente. Na favela carioca de Vigário Geral eles são apenas Yuka, Falcão, Lobato, Xandão e Lauro. As pessoas se aproximam com calma, para contar as novidades e trocar uma idéia. A fama dos cinco integrantes de um grupo que vem conquistando mais fiéis a cada dia ficou para trás, do outro lado da passarela que dá acesso ao lugar, sobre uma linha de trem e cheia de marcas de balas. O CV (Comando Vermelho) pichado na frente dos últimos degraus saúda os visitantes.

A reação da comunidade, como se um artista pop aparecer no pedaço fosse a coisa mais comum do mundo, não poderia ser diferente. Quando o baterista Yuka começou a escrever no jornal de música *Afro Reggae*, em 1992, a banda nem existia. "Antes eu tocava com o Lauro em um grupo da Baixada Fluminense, o KMD-5 (atual Negril)", lembra. "Tinha patrocínio para muita atividade no subúrbio, arte com as crianças na rua", confirma o baixista. Logo depois, foi criado o Rappa e tudo aconteceu muito rápido. "Com as coisas sempre se ligando, rolando em círculos", anuncia Yuka.

De fato, com menos de seis meses de vida o Rappa estava contratado por uma grande gravadora. Em 1993, a Warner lançou o auto-intitulado álbum de estréia da banda, "mas em um esquema independente, sem divulgação nem distribuição", recorda-se o baterista. "Era tão difícil de achar que a gente ia tocar numas cidades em que o pessoal vinha pedir autógrafo com uma fita cassete, porque não conseguia comprar o disco", lembra o tecladista Lobato. Para gravar o primeiro clipe, "Candidato Caô Caô" (de Bezerra da Silva), escolheram Vigário Geral, com o Afro Reggae transformado em uma organização não-governamental (ONG).

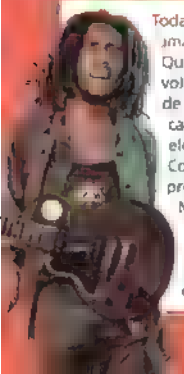
Em vez de pedir autógrafo, a juventude local acostumou-se a conversar com o quinteto. O assunto de hoje é a banda que leva o nome da entidade. No dia anterior, o grupo havia embarcado para a Europa e, recentemente, assinou contrato com a gigante Universal. O Rappa tem papel ativo nessa história. Com eles, surgiu a idéia de montar o projeto Batida Boa para incentivar a

Os integrantes do Rappa na ONG em Vigário Geral: bambolinha e muito toque para a garotada

Mão na massa

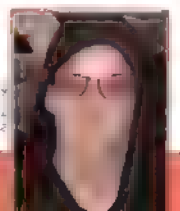
Alguns artistas que não ficaram só no discurso

Bob Marley



Toda a carreira do mestre do reggae foi pautada por uma extrema preocupação com a conscientização racial. Quem nunca soube de sua pregação para que os negros voltassem à África? Em termos concretos, Marley atuou de forma contundente na política da Jamaica – na qual cada facção, ciente do poder da música cantada por ele, tratava de cooptá-lo para seu lado. E ficou famoso o Concerto De Paz E Amor, em que Marley foi a estrela principal e promoveu o aperto de mão entre Bucky Marshall e Claudie Massop, dos dois partidos que dividiam o poder local. Tudo bem que a paz foi só de mentirinha: por um breve momento, os jamaicanos (incluindo o próprio Marley) acreditaram que, dali em diante, tudo seria diferente.

Bono Vox



Depois que fui apresentado a Perry Farrell e ao Jubilee 2000, minha vida virou uma bagunça", queixou-se Bono Vox em recente entrevista. O projeto, que pretende fazer com que todas as dívidas dos países do terceiro mundo sejam perdoadas até o final deste ano, é a causa mais ambiciosa já encampada por figuras da música pop. Entre os envolvidos, estão Bob Geldof, do Boomtown Rats (que organizou o precursor concerto Live Aid, em 1984), Thom Yorke (Radiohead), Wyclef Jean (Fugees) e os alternativos Sean Lennon e Cibo Matto. Bono e Farrell estão correndo o mundo atrás das pessoas que podem realmente fazer algo a respeito do assunto. Uma delas, já abençoou a idéia em encontro pessoal com os sonhadores: sua santidade, o papa João Paulo II.

Beastie Boys

Uns caras totalmente porra-loucas em meados dos anos 80, a partir do lançamento de seu quarto álbum (*Ill Communication*), o trio nova-iorquino passou a se envolver com causas humanitárias. A mais estridente foi o Tibetan Freedom Concert, encabeçado pelo beastie boy budista MCA, em conjunto com a organização Milarepa. A causa: libertar o Tibete do domínio chinês – ganhou visibilidade no pop por meio de uma série de shows com bandas como Rage Against The Machine, Red Hot Chili Peppers, Pavement e De La Soul, entre outras, que vêm acontecendo desde 1996. Com o dinheiro arrecadado, banda e entidades financiam grupos políticos em prol da independência daquele país e promovem boicote a produtos chineses.

LT

Em 1991, as garotas do L7 fundaram a organização Rock For Choice, tendo como objetivo majoritário sensibilizar a sociedade americana sobre a importância do direito de aborto para as mulheres. O projeto também visava encorajar as pessoas a se cadastrarem para votar (nos Estados Unidos, o voto é facultativo) manifestar-se, educar-se e agir para defender os direitos femininos. O dinheiro que as quatro roqueiras conseguiram arrecadar nesses quase dez anos (com festivais, camisetas, buttons) vem sendo repassado para a Feminist Majority's Organization, que ajuda a proteger clínicas femininas legais e médicos e trabalhadores que enfrentam processos na Justiça americana por terem participado de abortos.

Falcão: "Antes, quem azarava as meninas era o carinha bandido, o que 'fazia avião'. Agora, é o que está no grupo, o que é artista"

rapaziada a fazer música", explica o percussionista Altair Martins, que coordena outros dois grupos da ONG (Afro Lata e Afro Samba) e participa de alguns shows da banda de Yuka. Em um série de workshops, os integrantes do Rappa mostraram o básico de alguns instrumentos. Lobato conta que "os caras não sabiam a diferença entre [illegible]".

CHOQUE NA AUTO-ESTIMA

Esse é só o aspecto "prático" das incursões do Rappa pela favela. O grande choque reflete-se na auto-estima dos jovens. "Antes, quem azarava as minas era o carinha bandido, o que fazia avião vender pequenas quantidade de dro go)", constata o vocalista Falcão. Agora, é o que está na banda, o que é artista." Para Yuka, a receita é simples: dar uma chance de o lado bom surgir. Quando se vê de uma maneira positiva, a pessoa passa a acreditar mais nisso", prega o baterista, ligado nos mínimos detalhes – como botar a molecada na frente da banda na hora das fotos. Eles é que precisam aparecer.

OK, Yuka. A ONG Afro Reggae existe desde 1993 e produz eventos em favelas, como shows de Caetano Veloso, Cidade Negra, Gabriel O Pensador além, claro, do Rappa. Mantida pela prefeitura do Rio e Fundação Ford, o centro cultural de Vigário Geral atende cerca de 500 alunos, em aulas de gui

Na sede do Nós No Morro, no Vidigal, Yuka brinca com Ramon (de óculos), de 4 anos, estrela do clipe de "Minha Alma"

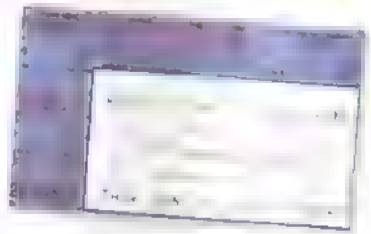
Panfletagem bacana é uma das armas do quarteto

Uma experiência avassaladora

Por dentro do showmício do **Rage Against The Machine**

O jornal exibia um anúncio de página inteira. Era um show do Rage Against The Machine, com Bad Religion e Beastie Boys abrindo – a escalação dos sonhos de milhares de roqueiros no mundo inteiro –, na cidade de New Jersey. Caía numa quinta-feira, 28 de janeiro de 1999. Eu estava bem próximo da data, e, apesar de não sentir mais a mesma coisa por essas bandas como no início da adolescência, fiquei interessado no estrago que um trio tão "poderoso" faria num ginásio americano. Os ingressos custavam pouco e, sem saco para acordar cedo e congelar minha bunda numa fila gigantesca, desisti. Na mesma semana, uma amiga neozelandesa a quem eu havia presenteado com uma entrada para o show do Cowboy Junkies perguntou se eu não tinha interesse em ver o Rage.

O show era mais um dentre os milhares de eventos beneficentes que o grupo do vocalista Zack de la Rocha promove. A renda seria revertida para o movimento que pleiteia um novo julgamento para o jornalista negro Mumia Abu-Jamal, acusado de assassinar um policial [illegible]982 e cumprindo prisão perpétua desde então. Mumia é um preso político. Em seu programa de rádio, o ex-Pantera Negra denunciava ilegalidades no departamento de polícia da Filadélfia, além de ser um ativista nato. A amiga me pôs a par de [illegible]idos (há vários dados contraditórios no processo) e disse



dividir apartamento com uma organizadora do evento. Eu poderia ir com ela, de graça, usando como pretexto escrever uma matéria sobre o assunto em alguma publicação brasileira (o que só faço um ano e quatro meses depois), mas teria de ajudar a distribuir panfletos e carregar alguns equipamentos de comunicação usados pelos defensores de Mumia.

No dia, tive de chegar bem antes, para ouvir as notícias de meus companheiros e aprender uns gritos de guerra (meu preferido era "We're gonna free Mumia Abu-Jamal! Brick by brick, wall by wall!", "Vamos libertar Mumia Abu-Jamal! Tijolo por tijolo, parede por parede!"). Consegui uma brecha e me enfiei na coletiva de imprensa. Rolava uma baita controvérsia, porque alguns pais obrigaram os filhos a devolverem os ingressos quando descobriram que um suposto assassino seria beneficiado. Mesmo com a presença de repórteres dos maiores jornais e tevês dos EUA e de um, na época, fanzineiro cara-de-pau portando uma máquina fotográfica "xereta" (bati meio rolo de filme, o qual me foi confiscado por um impiedoso segurança na semana seguinte, durante um show do Cardigans), Rage e músicos convidados limitaram-se a ler discursos e a responder três perguntas.

Apesar da polêmica criada, o Continental Arena foi tomado por uma juventude que, em parte, não estava nem aí para a panfletagem e só queria o som das guitarras. Adolescentes tão conscientizados que não deram a menor bola para o grupo de rap Black Star (do badalado Mos Def), que abriu a noite, e que gritavam "bicha, bicha" toda vez que os dois integrantes do Chumbawamba, escolhidos como anfitriões, adentravam o palco. Depois de um diálogo frio do Bad Religion com a platéia e os Beastie Boys mandando um repertório quase 100% rap (cujo pai de *Hello Nasty*), assisti ao show mais explosivo da minha vida.

Os cerca de 18 mil moleques se jogavam uns em cima dos outros, gente da arquibancada se atirava para a pista, os seguranças não davam conta. O Rage emendou "Bulls On Parade", "People Of The Sun", "Know Your Enemy" (arrepiante, com os fãs berrando os versos finais) "No Shelter" e outros hits, desacelerando estrategicamente nas estrofes de "Freedom", para explodir em seu refrão. Entre as pauladas, Zack contava a trajetória de Mumia. Até Chuck D, do Public Enemy, convidado a cantar "Killing In The Name" no bis, deu seu recado sobre o Pantera Negra.

No discurso da banda, a política está acima de tudo e, de uma forma ou de outra, ainda existe um grande público interessado nisso. O camarada que me deu carona na volta para Nova York me dizia do orgulho que sentia por ter conseguido conversar com Zack, após o vocalista ter passado uma temporada em Chiapas, colaborando com o Exército Zapatista de Libertação Nacional, enquanto eu ainda tentava digerir o esporro sonoro daquela noite.

José Flavio Junior

Com o dinheiro do Rappa, a Fase financia dois projetos: um para jovens agricultores e outro para os meninos de rua

tarra, baixo, bateria, teclado e percussão, teoria musical, oficina de dança e futebol. "Temos também mais dois núcleos comunitários, Cantagalo (escola de circo) e Cidade De Deus (coral de idosos)", cita Adair.

A disposição do Rappa em colaborar com algo remonta ao Afro Reggae, mas não parou por aí. Contaminada pelos ideais comunitários, a banda divulgou o nome de 14 movimentos em seu segundo disco. "Com o estouro de *Rappa Mundi* pelo Brasil, pensamos: 'Vamos fazer um trabalho no País inteiro'" diz o guitarrista Xandão. Então procuraram a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase), presente em todos os Estados e primeira incentivadora do grupo de Vigário Geral. A entidade acabou virando, nas palavras de Yuka, o "braço político do Rappa".

DOAÇÃO DE R$ 20 MIL

Lá, conheceram o italiano Lorenzo Zanetti, do serviço de análise e assessoria a projetos da organização. No Brasil há 35 anos, ele ajuda a desenvolver programas sociais e comunitários, financiado por recursos de ONGs européias e canadenses. O Rappa se comprometeu a doar 5% do que recebesse de direitos pelo seu terceiro álbum, *LadoB LadoA*, às iniciativas da Fase. Três meses após o lançamento do disco, o primeiro cheque, de R$ 20 mil, foi parar nas mãos da entidade, que aplicou o dinheiro em duas frentes: uma em Alvorada do Oeste (RO), para aglutinarem os agricultores em cooperativas de produção, garantindo a permanência deles no campo, e outro em Cáceres (MT), em atividades culturais e artísticas para os meninos de rua.

Com o Rappa, focalizamos a questão dos jovens. Eles não têm espaço, principalmente os das classes populares", afirma o italiano. "É um mundo novo para nós, pois o público que a banda atinge é enorme. Nunca tivemos tanta visibilidade como agora", completa. Os resultados já estão aparecendo. Segundo Zanetti, por causa do Rappa, a Fase conta com 12 voluntários (não havia nenhum antes da associação com o gru

Falcão no Afro Reggae: apenas um cara comum, que as crianças vêem como alguém que está ali para ajudar

Ação para acordar as pessoas

Para o **Asian Dub Foundation**, a verdadeira transformação é gradual e sem glamour

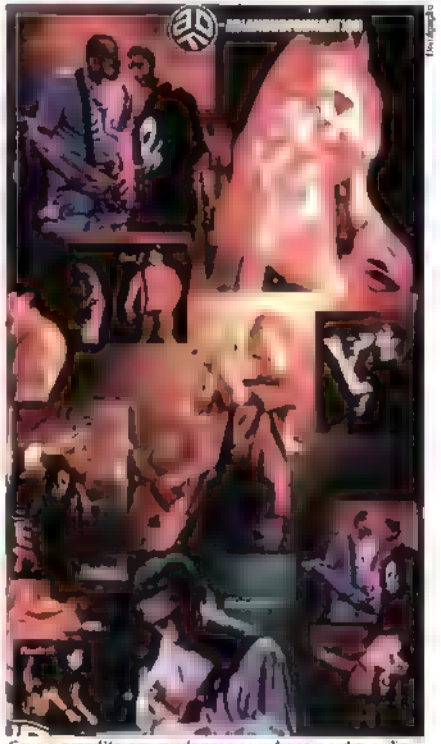
Nunca o Asian Dub Foundation bateu tão forte quanto em seu terceiro disco, *Community Music*. A banda fala com conhecimento de causa: seus integrantes são descendentes de asiáticos e sabem do preconceito que Londres reserva aos estrangeiros – sobretudo os do terceiro mundo – e foi formada quando eles se encontraram no Community Music, um organismo de apoio a músicos iniciantes. Sob o mix de ragga e batidas eletrônicas com o dub que carrega no nome, o quinteto dispara letras mostrando as mazelas da sociedade britânica e aponta saídas, como o trabalho comunitário que desenvolvem por meio da ADF Education, na qual os membros do grupo ensinam a juventude carente local a tocar alguns instrumentos. Nesta entrevista, extraída do site da banda (www.asiandubfoundation.com), Dr. Das (baixo), Deedar (vocal), Pandit G (DJ), Chandrasonic (guitarra) e Sun J (tecnologia) expõem seus pontos de vista.

Muitas das bandas politizadas, no passado, geralmente punks, tentavam passar uma mensagem para o público já "convertido", sem expor suas atividades aos outros. O Asian Dub Foundation, no entanto, parece ter uma grande variedade de fãs, incluindo pessoas que, às vezes, não estão por dentro, ou preparadas para entender a mensagem. É essa a intenção de vocês?

Nossa intenção é sempre expor o que está se passando por nossas cabeças, pelas músicas e pelas letras. Algumas pessoas vão ter afinidade com o que está sendo dito, outras não. Sempre consideramos importante tocar para vários tipos de público, senão não há esperança de mudança. Para as pessoas mudarem suas atitudes, elas precisam ser expostas a diferentes pontos de vista. Apesar da gente não estar tentando converter ninguém, é bom ouvir uma banda dizendo o que você sente, algo que toque seu espírito. O sentimento de solidariedade em um show pode realmente ajudar as pessoas com seus próprios problemas.

A banda já realizou tudo o que gostaria, ou ainda pretende fazer mais alguma coisa?

Conseguimos várias coisas. Falamos sobre nossas experiências como asiáticos e ajudamos a mudar a imagem que as pessoas têm dos povos da Ásia. A gente pretende desenvolver um projeto educacional. No momento, estamos consolidando *links* com outras organizações, criando ou fazendo parte de uma rede consciente de informações e atividades.



Grupo acredita em mudanças com base no dia-a-dia

O que vocês estão tentando conseguir com os workshops que desenvolvem para a juventude asiática?

Na prática, estamos dando aos jovens acesso e treinamento de tecnologia musical, coisas que eles não poderiam sustentar sozinhos. Tentamos torná-los auto-suficientes em termos de criatividade, idéias, e de soluções de problemas práticos. Queremos encorajá-los a falarem sobre suas experiências através das letras e a se apresentarem ao vivo.

Como vocês reconhecem, nas bandas, discursos políticos sinceros, como fazem o Rage Against The Machine e o Public Enemy, dos grupos que só usam da imagem para parecerem rebeldes? Vocês já criticaram o Clash.

Se a banda é mesmo sincera, ela vai contribuir financeiramente com as causas que sustenta ou promove na sua música e vai participar dos comícios. O Clash gritou a frustração da "mal-amada" juventude britânica e participou do movimento Rock Contra O Racismo. Na verdade, nós criticamos o jornalismo preguiçoso que, constantemente, nos compara com eles, dizendo que temos a mesma energia e atitude punk, e que temos algo a dizer nas letras. Nossa tão comentada "política" deriva do fato de termos raízes no ativismo local. Pandit G trabalhou para um grupo de monitoramento policial e controle de ofensa racial em Londres, Dr. Das e Chandrasonic ensinaram na (*organização*) Community Music. Falamos sobre coisas que estão ao nosso redor, questionando como elas acontecem, e tentando encorajar outras pessoas a fazerem o mesmo. Nossa música tem muito mais a ver com as tradições folk.

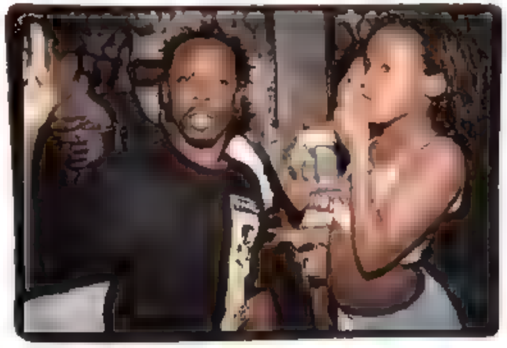
O que teria de acontecer para que vocês sentissem, realmente, que o Asian Dub Foundation faz diferença?

Só pela resposta que temos da internet, por palavras ditas ou escritas em artigos, já sentimos que fazemos diferença. É uma dessas frases como "mudando o mundo" que depreciam as verdadeiras intenções. Claro que seria ótimo se pudéssemos libertar prisioneiros ou derrubar governos, mas essa não é a realidade. As verdadeiras mudanças são aquelas que as pessoas e as organizações se empenham para conseguir, incansavelmente, com base no dia-a-dia. É a mudança gradual e sem glamour.

Yuka: "Não fazemos playback nem tocamos em certos programas. Não queremos falar da gente, mas sim do que a gente acredita"

po pop). "Mas recebemos cartas de todo o País, de gente disposta a ajudar"

E nunca o planeta pareceu precisar tanto de ajuda quanto hoje. A cada dia, o chamado terceiro setor arruma mais motivos para não parar de crescer em quantidade e em atuação. São ONGs e entidades assistenciais que tentam melhorar a realidade dos segmentos não atendidos pelos dois setores, governo e bloco privado. Com a logística de um e o patrocínio de outro, essas organizações estão também ganhando importância no terreno econômico. Em certos mercados, somente empresas com algum comprometimento social – como, por exemplo, a não utilização de mão-de-obra infantil – conseguem negociar seus produtos.



Lauro (no alto) e Xandão (acima): emoção ao se apresentarem em um lugar em que as pessoas vivem as letras da banda

ALÉM DA MENSAGEM

Na arte, subversão é coisa antiga. No livro *Assalto À Cultura* (publicado no Brasil pela editora Conrad), o escritor inglês Stewart Home aborda os movimentos culturais do século XX dedicados a quebrar as regras vigentes, do dadaísmo ao neoísmo. A música não ficou de fora: um dos capítulos fala do punk e sua revolução estética no pop. O problema é que os discípulos dos três acordes estavam mais preocupados com a forma do que com a prática. O próprio autor trata de esclarecer que, embora tais movimentos situassem-se em oposição ao capitalismo consumista, eles também emergiram de sociedades baseadas neste regime, "não escapando inteiramente da lógica do mercado".

No universo pop, a ficha demorou a cair. Afinal, até "Xibom Bombom" tem "mensagem". A ação efetiva das bandas é que sempre ficou relegada a um plano secundário. De uns tempos para cá, alguns grupos descobriram que tirar alguém da lama pode ser mais transgressor do que derrubar o sistema. Artistas como o Rappa (no Brasil), Rage Against The Machine (nos Estados Unidos) e Asian Dub Foundation (na Inglaterra) estão frequentando as paradas pop com um discurso engajado, que reflete suas iniciativas fora do palco.

Ser contratado de uma multinacional ou obedecer à "lógica de mercado" a que Home se refere é o que menos importa. "Você tem de usar a mídia como a Benetton (*grife famosa por seus polêmicos comerciais*) de uma maneira sagaz e sutil", explica Yuka, o ideólogo do Rappa. "A gente não faz playback nem aceita tocar em alguns programas de tevê. Quando tocamos na Xuxa, demos um toque e a produção armou uma reportagem com o Afro Reggae. Essa é a tática: não falar da gente, mas do que a gente acredita."

LINGUAGEM DO ROCK

A estratégia está dando certo. "Nunca imaginávamos o retorno que temos hoje. Nosso público é fiel pelo que falamos, e não porque acha o (vocalista) Falcão bonito", garante o baterista. A sinergia não pintou assim, de um dia para outro. Foi preciso usar uma linguagem que o público roqueiro entendesse. "Não adianta nada eu chegar lá na frente do palco e dizer 'olha, a gente está ajudando um pessoal.' Tem de gritar: 'Esse governo é filho da p*, não ajuda aquele pessoal'. Aí a platéia vai à loucura", [illegible] Yuka.

A comp[illegible] varia de acordo com o extrato social [illegible] da audiência. "No subúrbio, nosso show é quase um culto religioso", diz o baterista. "Todo mundo fica apertadaço, mas não rola nenhuma briga. Aí você vai tocar num lugar grande, maior espaço, e a juventude 'sucrilhada' fica criando tumulto". "Se apresentar em um lugar em que as pessoas vivem nossas letras é bem mais emocionante", declara Lauro. Longe de desanimar, esse tipo de reação alimenta ainda mais a vontade do Rappa de fazer as coisas.

Outro projeto que conta com o apoio do grupo é o Nós No Morro, do Vidigal, que desde 1996 passou a dar cursos de teatro. A banda conheceu o movimento por causa das gravações do clipe de "Minha Alma", ambientado no morro, e [illegible]apou com o trabalho ali desenvolvido. São 300 alunos/atores que recebem aulas de história da arte e podem optar entre violão, ioga, capoeira ou inglês. De acordo com o diretor Gut. Fraga, a contribuição do Rappa é emprestar seu prestígio. "Eles sempre estão falando da gente e divulgando nossa organização", diz.

CONTA POUCO VISITADA

Para o ator Luciano Vidigal, poder viver das aulas que ministra no Nós No Morro é um sonho. Aos 21 anos, ele já catou bolinha em clube de golfe e trabalhou como trocador (cobrador) de lotação. Atualmente, aparece em comerciais e pontas na tevê – fez o personagem Parceiro, do seriado *Malhação*, exibido na Rede Globo. "O Rappa foi um presente que ganhamos. Sem isso, eu estaria em um mundo fechado, ser um cidadão sem opinião", assegura.

Se todo mundo tivesse essa consciência, a missão da [illegible] nos árdua. No encarte de *LadoB LadoA*, o Rappa repetiu a idéia de por [illegible] instituições, desta vez com o número da conta da Fase para receber doações. Por muito tempo, só tinha R$ 5 depositados. "Minha namorada é que contribuiu", revela Xandão. Hoje mesmo, depois de o álbum vender 200 mil cópias, há apenas R$ 2 mil na conta.

Mas não tem nada, não. O Rappa segue seu caminho, fiel àquilo que acredita. Na cerimônia de entrega do Prêmio Multishow, no qual o grupo faturou a categoria de melhor clipe por "Minha Alma", Yuka dedicou o troféu ao ex-coordenador de segurança do Estado do Rio, Luiz Eduardo Soares, demitido por denunciar a banda podre da polícia carioca. Não é estranho uma banda de pop aparecer mais pelo que faz do que pela sua música? "Não. Temos nossa sonoridade bem definida, as pessoas escutam e sabem que é o Rappa", responde o baterista, certo de que esse lado está resolvido e é melhor dedicar sua energia para [illegible] realmente necessitam de sua atenção. "Estamos fazendo a nossa parte."

Faça a sua parte

Imite o Rappa e participe da campanha Na Palma Da Mão, destinada aos jovens carentes. Doe qualquer quantia para:
FASE
Banco: Bradesco
Agência: 227-5
Conta: 94996-5

Existe ideologia na eletrônica?

A mobilização de uma música sem letras nem refrão

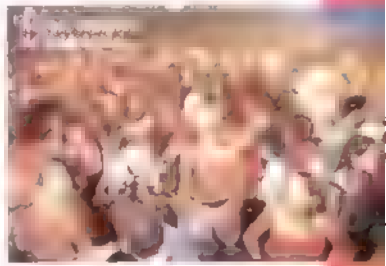
Um dos chavões prefer[idos] dos detratores da música eletrônica é de que é coisa de alienado, sem mensagem nem preocupação política. As pessoas dançam tecno para fugir da realidade. Isso está correto, até certo ponto. A música eletrônica é política sim, de maneira direta e indireta.

Embora no Brasil isso (ainda) não seja visível, na Europa o underground da música eletrônica está ligado a vários movimentos alternativos, que vão de ecologia a direitos civis. A Inglaterra é onde isso fica mais evidente. Afinal, lá o próprio ato de organizar uma rave sem licença prévia virou crime previsto em lei. Com a explosão da cena tecno na virada da década de 90 naquele país, o governo do partido conservador tratou de criar leis e mais leis para dificultar a vida de organizadores e frequentadores das festas. Em 1992, aconteceu uma enorme rave ilegal que reuniu mais de 40 mil pessoas por quase uma semana em Castlemorton, no Oeste inglês. Foi manchete e escândalo nacional.

A partir daí, as autoridades decidiram que a brincadeira tinha ido longe demais. Dois anos depois, o Parlamento aprovava a Criminal Justice Act (CJA), um pacotaço de leis que restringia seriamente a organização de raves (definidas como "festas onde toca música [illegible]mente ou predominantemente [illegible]terizada por batidas repetitivas"). O pacote também dava maiores poderes de repressão à polícia e introduzia novas restrições a atos como reuniões com mais de dez pessoas, invasão de propriedade ou simplesmente estar perto de uma rave. Quer dizer, ao querer atingir as festas, a CJA acabou por afetando diversos direitos civis básicos.

Isso levou a duas coisas: o fortalecimento de um underground desafiador (embora menores, hoje há mais festas ilegais em Londres do que nunca) que, entre outras coisas, formou o Advance Party Network, uma coletividade de *sound systems* de raves ilegais, e o início de uma relação sólida entre ravers e organizações políticas de "ação direta", preocupados com os abusos das autoridades e o avanço sem freios da nova ordem econômica.

Entre estas está o Reclaim The Streets, que busca combater a cultura consumista atual e uma sociedade que parece mais direcionada para o carro do que para a pessoa. O movimento promoveu várias passeatas-rave nos últimos anos e estava entre os idealizadores de um enorme ato antiglobalização no centro financeiro de Londres em junho de 1999 que terminou em choque violento com a polícia.



Ao trazer embutida no seu contexto a tolerância entre classes, raças e preferências sexuais, a não-violência e a não-agressividade, a rave e a eletrônica acabaram virando uma força política indireta, mas influente. Isso pode ser resumido nas palavras do filósofo anarquista Hakim Bey: "Vamos admitir que fomos a festas onde por uma noite curta, uma república de desejos recompensados foi conseguida... A ideologia daquela noite não tem mais realidade e força para nós do que, digamos, a de todo o governo americano?"

As raves são "zonas autônomas temporárias" (Bey outra vez), onde as leis e convenções são suspensas. Quem participa delas está, portanto, rejeitando a sociedade convencional, mesmo que por algumas horas – e mesmo que pense apenas em se divertir. E, no regresso à rotina, esta nunca mais será vista do mesmo modo.

Camilo Rocha

Palavras do menestrel: "Não se deve obrigar nada a ninguém na arte"

Nasceu em 21 de junho de 1961 em Paris. Manu Chao tinha tudo para ser mais um francês [illegible]. No entanto, este filho de intelectuais espanhóis formou a Mano Negra, um dos grupos mais ousados da história do rock, imortalizada em duas grandes turnês – uma [illegible] latino-americana e outra de trem pela Colômbia –, a banda terminou em 1995 logo após o lançamento [illegible] experimental [illegible]. Após um longo período de viagens [illegible] [illegible] de seu estúdio móvel, Manu [illegible] *Clandestino*, um disco pessoal, simples e minimalista [illegible] e criativo, original, forte e viciante.

Mesmo com sua imensa popularidade [illegible] Manu [illegible] fazer turnês com o disco, preferindo dedicar-se a outros projetos como a "Feria de Las Mentiras", uma versão [illegible] das feiras que rolavam na Idade Média na Europa e que une música, [illegible] futebol e comida. Manu chegou a confessar que *Clandestino* [illegible] de uma despedida – e o clima melancólico [illegible] nega isso. No entanto, a [illegible] no mundo inteiro foi tão [illegible] resolveu montar uma banda e [illegible] pela América Latina. A [illegible] começou num show para 150 mil pessoas na Cidade do México em [illegible] militantes do movimento estudantil daquele país, e terminou em Rosario, na Argentina, terra natal de um dos [illegible] da banda. Foi lá que Manu Chao, [illegible] aproximadamente 40 músicas [illegible] seu próximo disco, expôs suas idéias explosivas nesta entrevista.

Cantoria no Nordeste, [illegible] na América Latina

Você acha que a arte tem de ter um compromisso com a política?

Manu Chao: Eu acho que a arte pertence a qualquer um e que qualquer um faça sua arte como der vontade. Não se pode impor regras a um artista. Se alguém quer fazer política com sua arte, como eu faço, tudo bem. Se alguém não necessita ou não quer fazê-lo, OK, se respeita. Não se deve obrigar nada a ninguém na arte.

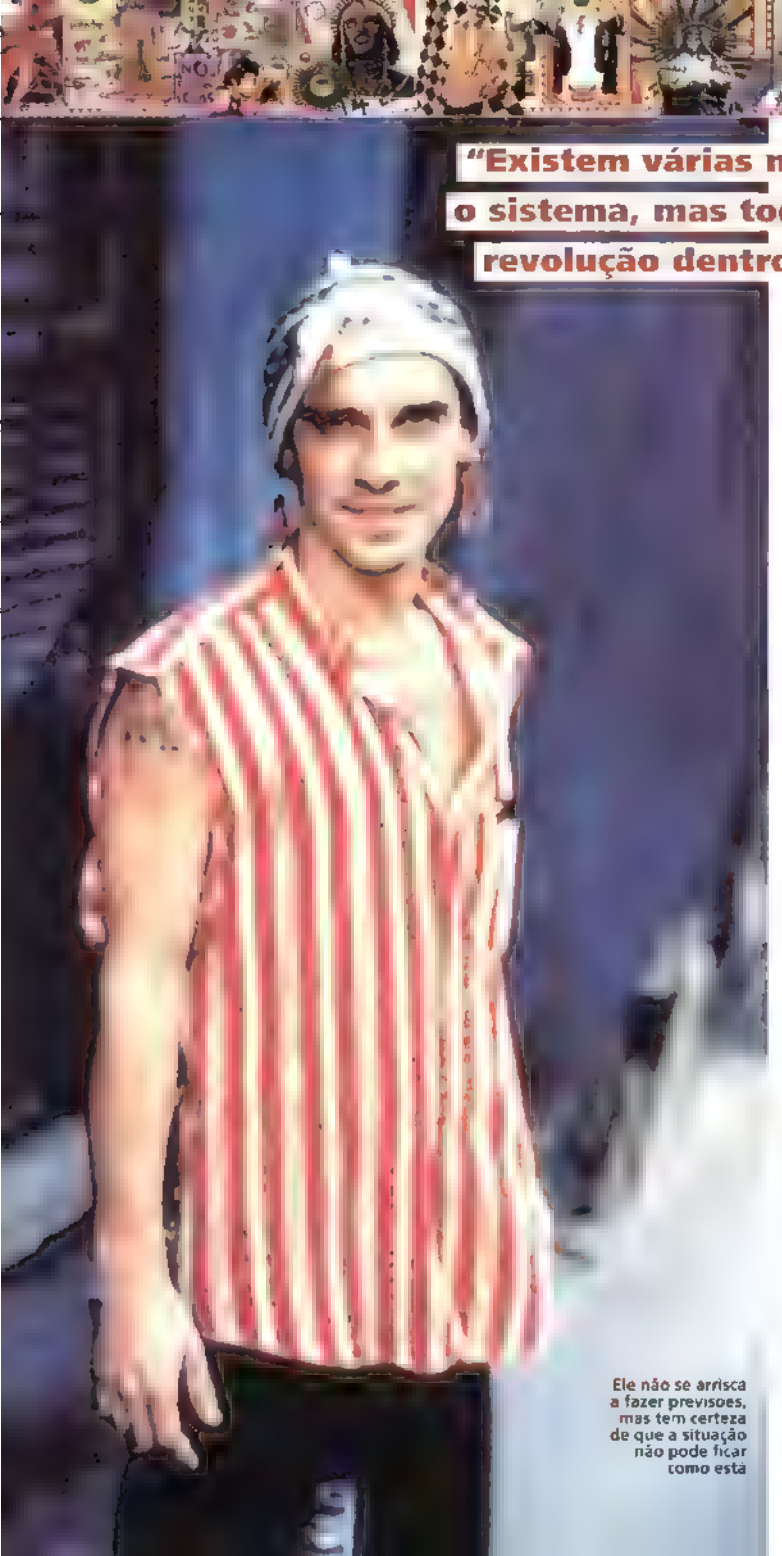
Você esteve viajando pelo Nordeste brasileiro atrás de repentistas para levar à "Feria de Las Mentiras". Conte um pouco dessa experiência.

Bem, eu estive bastante pelo Nordeste brasileiro, pulando de [illegible] em [illegible] [illegible] que tem a ver com o que estávamos [illegible] de criar sua música na [illegible]. Para mim, isso de improvisar me [illegible] natural e fácil, mas esse pessoal que consegue improvisar letra no momento faz uma arte muito valiosa. Sinceramente, são gênios. Eu subo ao palco tendo [illegible] minhas letras bem decoradinhas, eu [illegible] aprender minhas canções, mas essa gente sobe aos palcos sem saber o que dizer e cria na hora. Aprendi muito com essa gente. E tomei [illegible].

Você já se definiu como um "jornalista musical". Por que?

[illegible] se fazem no dia seguinte [illegible] Não se espera um ano para [illegible] o assunto vai perder o interesse. E cada vez mais eu gosto de trabalhar assim. Tentar [illegible] enquanto [illegible] ter a canção pronta, ou qualquer coisa: um poema, uma imagem, o que seja. [illegible]

"Existem várias maneiras de mudar o sistema, mas todas partem de uma revolução dentro de cada pessoa"



Ele não se arrisca a fazer previsões, mas tem certeza de que a situação não pode ficar como está

ro tê-la pronta na hora, quero que ela seja como uma pequena polaroide do que as pessoas me revelaram, do que aprendi nos lugares aonde fui. Eu tento reproduzir a informação que deram a mim para, em seguida, passá-la a outros.

Você disse que o subcomandante Marcos (*líder do rebelde Exército Zapatista de Libertação Nacional, no México*), é uma das luzes mais interessantes e inspiradoras que você vê nestes tempos...

Desde o princípio, estou muito interessado no que ocorre em Chiapas (*base das operações de Marcos*). É uma das poucas mensagens não mentirosas de hoje. Pouco a pouco, creio que as coisas estão tomando outro rumo. Esta turnê pela América Latina foi realmente bastante promissora. Todos os países em que chegamos estavam com uma situação política ou social bastante difícil, e estou percebendo que, pela primeira vez, as pessoas estão se juntando e protestando de uma maneira muito mais natural. Você vê todas essas manifestações, como a dos estudantes que estão lutando por um ensino de melhor qualidade e mais barato, por uma universidade livre e sobretudo gratuita. Pois todos os países do mundo estão deixando a educação cada vez mais para a elite. E aí está uma frente de luta muito importante para o futuro. Houve, há e haverá repressão, mas o mais importante é que esses estudantes partiram para a luta. Iniciaram aquela disputa para ver quem representa o movimento, ou como vai funcionar isto e aquilo. Aquelas brigas internas nas quais, em 90% dos casos, acabam comprometendo a coisa toda. É ótimo que as pessoas estejam nos pontos deixando essas pequenas lutas e reservando mais tempo e mais energia para batalhar contra quem deve realmente lutar.

Depois dessas manifestações, o que você acha quem vem por aí?

Não sei. É impossível, estamos vivendo um momento onde fazer previsões a longo ou médio prazo tornou-se algo muito perigoso. A única coisa que sei é que haverão mudanças, a situação está insustentável. Alguma coisa vai quebrar por aí, as coisas não podem continuar do jeito que estão. Mas por onde sairá o furo é algo muito difícil de prever. Sou esperançoso, mas há muitas razões para pensar que essa mudança pode ir para o lado negativo, também. Cada vez mais há radicalização nas idéias e mais gente que está pregando coisas que remetem à Idade Média. Como as interpretações das religiões, por exemplo. Movimentos extremistas... Muita gente no mundo está perdida. Então creio que o grande perigo é que o terreno está muito, muito bem preparado para os populistas. Esse é o grande perigo, sejam populistas políticos ou religiosos.

Por onde você acha que passa a solução?

Muita gente ainda está começando a ter consciência de que o problema é global, de que a situação está muito grave e que cada um tem de fazer sua pequena revolução pessoal. E eu penso nisso, eu sonho com isso, espero ver isso: milhares e milhares de revoluções pessoais. Está chegando... Existem várias maneiras de mudar o sistema, mas todas partem de uma revolução de cada um. Tem muita gente que eu vejo fazendo grandes discursos políticos e, no entanto, chega em casa e bate na mulher. Estamos num período complicado, entre a loucura suicida da economia e do sistema.

A imprensa local está chamando você de "francês rebelde". Isso te incomoda?

As pessoas podem dizer o que quiserem... Francês? Sou francês de passaporte. Rebelde? À minha maneira, sempre fiz as coisas da maneira que parecia ser mais importante, mais correta para mim. Das maneiras que me parecem mais corretas. Não sei se isso é rebeldia.

Uma vez te perguntaram sobre um retorno do Mano Negra e você disse que era impossível por uma causa justa, o avanço da extrema direita na Europa.

Para que voltar com o Mano Negra? A banda está viva na minha lembrança, ter participado dela me já o maior orgulho. Mas o que importa é o futuro. Como disse antes, o grande problema dos dias de hoje é a radicalização das pessoas, e não só dos partidos políticos. Na França, há a Frente Nacional, que é de extrema direita, teve muitos votos mas que está decaindo por não apresentar uma proposta realmente convincente. Mas eu me preocupo bem menos com isso do que com outro meio que está transmitindo ideais direitistas: o futebol. Os maiores ativistas da direita na Europa estão nos estádios. Há muitos movimentos conservadores que vivem, nascem e se criam nos campos. Não é gente que vota em partidos, mas no seu time, no seu bairro. Não há organização de extrema direita na Espanha que consiga votos, provavelmente porque a lembrança dos tempos de Franquismo ainda está muito viva. Então sobra o futebol. Tem muito fascista no Barcelona, no Real Madrid e em outros times. E estes fascistas tomaram tanto as torcidas que nem os dirigentes dos clubes podem com eles. Creio que o maior exemplo disto é a ex-Iugoslávia, onde [illegible]

A mãe (mão?) de todos os ritmos

Punk, rock, música flamenca, ritmos do Oriente Médio. Era essa colcha de estilos que diferenciava o Mano Negra de outras bandas. Liderado por Manu Chao e formada por músicos de várias nacionalidades, o grupo extraiu seu nome de uma organização anarquista da Andaluzia, na Espanha. Estrearam com o disco *Patchanka* (1988), que emplacou "Mala Vida". No ano seguinte, o álbum *Puta's Fever* transformou os rebeldes em número um da parada alternativa francesa.

De 1991, *King Of Bongo* incluiu mais músicas em inglês no repertório da banda (eles que privilegiavam o espanhol e o francês em suas composições), mas a atenção a este idioma durou apenas até o Mano Negra visitar a América do Sul, em 1992. Na ocasião, fizeram uma excursão a bordo de um cargueiro, tocando em portos por todo o continente. Mais tarde, voltaram num trem pela costa colombiana, realizando shows gratuitos nas estações por onde passavam.

Impregnados de *latinidad* até a medula, em 1994 gravaram *Casa Babylon* com o espanhol como língua dominante. O trabalho, que naufragou nas paradas americanas e inglesas (apesar do bom desempenho na Europa), acabou marcando o fim do grupo. Foi o último suspiro do Mano Negra, mas não de seus membros. Manu Chao criou a Radio Bemba e partiu para a carreira-solo e, mais recentemente, o tecladista Thomas [illegible] acrescentando novos ingredientes às misturas de sua antiga banda. Que venham mais álbuns dos ex-integrantes do Mano Negra.

Eles cometeram misturas inusitadas para o padrão da época

"Mensagens de rebeldia são um marketing potente, e as gravadoras sabem disso. Rebeldia vende!"

[illegible] como Arkan, que exterminou vários sérvios e bósnios, recrutou seus paramilitares nas torcidas e campos de futebol.

Como está o próximo disco? Tem nome?
Essa é a parte mais difícil: temos 40 músicas já gravadas e mixadas, resta decidir quais são as [illegible], 16 que entrarão no disco. O nome ainda não está definido, mas uma coisa é certa: levará o subtítulo *Próxima Estación ¡Esperanza!*

Esperança em quê?
Acredito que nas nossas viagens geramos esperança a muita gente. É o mais básico no que podemos colaborar, pois é complicado mudar tudo de uma vez só. Quando chegamos num bairro ou numa comunidade com problemas, oferecemos força e ajudamos no que for possível. Acho que aí está uma possível maneira de mudar o mundo. E se [illegible] dia estivermos todos juntos, já não seremos um ou outro, seremos muitos. Para mim, isso é esperança.

Qual sua opinião quanto ao MP3?
É uma maneira muito boa e ágil de trocar informações musicais de todo o mundo. As gravadoras estão muito assustadas e revoltadas, o que é ótimo. Porque dessa maneira vão ter de buscar a [illegible] para [illegible] e a [illegible] de todas vai ser abaixar o preço. Estamos [illegible] atrasados nesse sentido, uma vez que não temos sequer um site. Mas uma das prioridades para quando voltarmos à Europa é preparar nossa homepage, na qual disponibilizaremos vários MP3s inéditos.

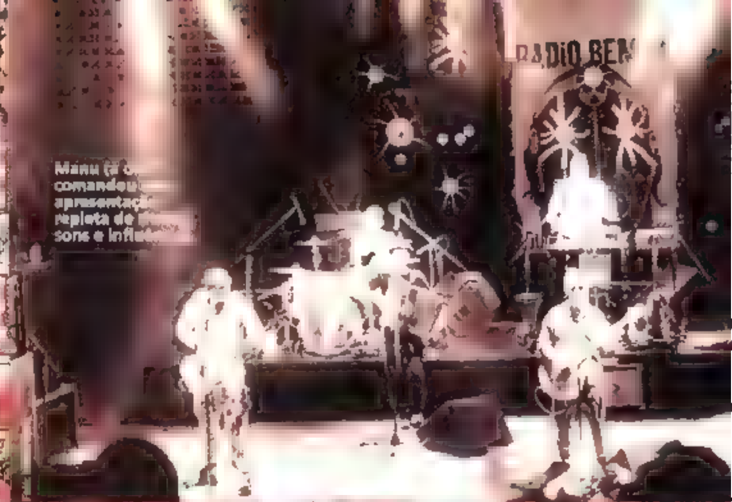
Você não acha que lançar disco por uma multinacional e divulgá-lo nos meios de comunicação esvazia seu conteúdo?
Não creio que uma canção ou seu conteúdo se esvaziem quando chegam aos meios de comunicação. No momento em que você lança um disco, ele já não te pertence, você não pode controlá-lo. Não posso proibir [illegible] de tocar meu trabalho, seja na televisão ou na paróquia de um bairro.

Você não teme se tornar um produto?
É um grande perigo. Hoje, mensagens de rebeldia são um marketing potentíssimo, e as gravadoras sabem muito bem disso. Rebeldia vende! O único jeito de combater isso é você mesmo tratar da sua maneira de trabalhar. E ter [illegible] [illegible] canções. No Mano Negra [illegible] uma frase: "entre o dito e o feito, o caminho é o direito".

O a[illegible] [illegible]de a im[illegible] abordá-lo c[illegible] questões políticas

Já te sacanearam alguma vez?
Muitíssimas vezes. Ass[illegible] momentos bons, há tropeços [illegible] bastante [illegible] fácil controlar tudo depois que seu disco está em muitos mercados. Às vezes, fico chateado com as maneiras que a gravadora usa para trabalhar o disco. Mas, num plano geral, sei que faço parte da economia mundial e vendo minha música por uma multinacional. Também não posso dizer que sou o emblema da revolução, seria mentira. Mas isso me permite atuar e, com o tempo, já tenho uma grande rede de informações e de contatos. É possível que daqui a pouco minha banda possua sua própria companhia. As coisas já podem começar a funcionar de maneiras diferentes, conheço jornalistas de todas as partes, tenho acesso a todo o mundo graças à internet. No futuro, talvez não precisemos de gravadora.

Então você está numa gravadora porque, por enquanto, essa é ainda a melhor via...
Não sei se é realmente a melhor via. Desde que saímos da Europa até agora, quando recebo a imprensa, só me abordam com perguntas políticas. Em *Clandestino*, com exceção de Mar[illegible] discursos políticos, é um disco que [illegible] onda ativista, mas é [illegible]. Porém, o curioso é que em todas as entrevistas nesta turnê houveram pouquíssimas questões musicais. E acaba se tornando uma grande responsabilidade tentar não dizer nenhuma burrada. É muito fácil chegar num show no qual a platéia está chateada e mandar um "viva Chiapas" para levantar o ânimo do público. Isso é moleza, muitas bandas o fazem, mas tem de ser consciente com o que se diz. A força que eu tenho no momento, que me faz seguir adiante e lançar outro disco, é que nunca tive tanta liberdade dentro do meu trabalho. Eu havia acabado com minha carreira quando lancei *Clandestino*. Era como um disco para relaxar um pouco, lançar músicas que eram bem pessoais e dizer "tchau, vou para a praia com minha mulher". Mas o que aconteceu? O disco gerou uma coisa tão bonita que vale a pena seguir! Se eu chegar a um ponto de depender de marketing para vender um disco, vou procurar outra coisa para fazer, pois tenho milhares de outros projetos artísticos não-musicais. Minha liberdade é essa, é não ficar [illegible] de vender ou não.



Manu (à [illegible]) comandou [illegible] apresentação repleta de sons e influ[illegible]

¿Que pasa por la calle, papito?

A turnê que já havia lotado arenas no México, Equador, Bolívia e Chile chegava ao seu final no dia 6 de maio, um sábado, na cidade de Rosário, a seis horas de carro de Buenos Aires. As 3 mil entradas estavam esgotadas desde terça-feira, obrigando a produção a levar o show para o anfiteatro municipal, onde foram colocados à venda mais 3 mil ingressos, igualmente esgotados. Manu Chao, o alvo de tamanha expectativa, não decepcionou e mandou uma apresentação fiel à riqueza e pluralidade de ritmos, sonoridade e referências de seu álbum, *Clandestino*, como também de sua ex-banda, Mano Negra.

Como nos shows de seu antigo grupo, cada bloco de canções é intercalado por uma mú[illegible] Bemba", nome da banda que acompanha Manu. Além disso, rolam gritos de guerra como "¿Que pasa por la calle, papito?" (algo como "que tá pegando?"), "Próxima estación: ¡Esperanza!", "por la carretera" (da música "El Viento", tocada várias vezes) e "y se acabó".

A primeira música foi "Próxima Estación ¡Esperanza!", um reggae de uma frase só, na verdade um ensaio para o público repetir "esperanza" cada vez que Manu dizia "próxima estación" no decorrer do show. Na seqüência, e também no ritmo jamaicano, veio "Bienvenido A Tijuana", versão mais sossegada e ampliada de "Welcome To Tijuana". Mudando radicalmente o clima, Manu disse o primeiro "¿Que pasa por la calle?" da noite e partiu para uma saraivada de ritmos, de latinos a dub, passando por ska e rap.

A partir desse momento, fica impossível traçar um set list fiel. Além de todo o *Clandestino*, tocaram inúmeros sons do Mano Negra, como "Bala Perdida" (citada inúmeras vezes em distintas versões), "Casa Babylon", "Mama Perfecta", "King of Bongo", "King Kong Five" (com direito a [illegible]), "The Monkey", "Sueño De [illegible] Mucaro".

Manu apresentou ainda as novas "Maryjuana Boogie" (forte candidata a hit, já lançada numa coletânea da revista espanhola *Cañamo*), a engraçadíssima "Vaca Loca" e "Mr. Bobby", homenagem ao ídolo Bob Marley.

No entanto, o show não é só diversão. Após a primeira hora, houve uma transmissão do manifesto do subcomandante Marcos presente no disco. Mais para o final, Manu levou ao palco jornalistas locais para ler um manifesto contra a demissão de 140 colegas, vítimas de uma fusão de jornais. Para completar, dedicou "Desaparecido" a todos os filhos de vítimas da ditadura militar, o que emocionou a cidade de Che Guevara.

O carisma de Manu pode ser simbolizado pela invasão do palco por dezenas de fãs, dentre estes muitos mochileiros, hippies e rastafaris. E assim, ele e a Radio Bemba se despediram da América Latina, prometendo retornar em setembro. Será que eles pintam pelo Brasil? Manu assegurou que sim, uma vez que suas turnês são, na verdade, uma grande desculpa para conhecer gente e lugares.

Você leu antes em SHOWBIZZ

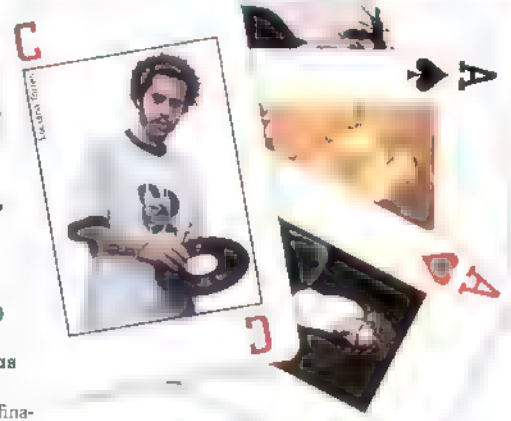
Manu Chao era integrante da banda francesa mais importante dos anos 80/90, o Mano Negra. Mas achou que isso era pouco para seu currículo. E, enquanto os integrantes do grupo se perguntavam o que fazer, ele pegou e foi viajar pela América do Sul, colecionando sons e imagens – participou de "Zé Trindade" e "Sem Terra", faixas do CD *O Samba Poconé*, do Skank. Chao juntou os novos sons com sua formação européia e agora sai com essa mistura especial de etnia e pop. Ouça "Mentira", interminável loop cafajeste de viola sobre uma salsa lenta salpicada de rap preguiçoso – a palavra "mentira" é repetida mais do que "hammer" em "U Can't Touch This" [illegible] do nada saudoso MC Hammer. Gravá-la com pouco mais de 4 minutos é uma enorme injustiça, porque deveria durar pelo menos meia hora.

A levada de "Mentira" reaparece de várias maneiras: na moleza de "Bongo Bong", na malícia de "Je Ne T'Aime Plus", na indolência de "Mama Call". Às vezes Chao fica étnico demais, como mostra "Lagrima De Oro". Mas é um deslize perdoável diante do impressionante conjunto da obra. A diversidade de ritmos e melodias de *Clandestino* também nos leva a acreditar que Chao está em busca de uma identidade. E isso faz com que seu trabalho soe mais original. Que essa busca não acabe nunca.

(Crítica do jornalista Zeca Camargo, que deu nota 8 ao disco de Manu Chao, publicada na SHOWBIZZ em dezembro de 1998)

batutas coringa

Samba? Samba, sim. Misturado com hip-hop, música eletrônica e experiências mil, o ritmo ganha novo fôlego e já não é mais um ET entre as modernidades do pop. Marcelo D2 explica a tendência – e, de quebra, revela as conexões do terceiro álbum do Planet Hemp



por Alexandre Matias

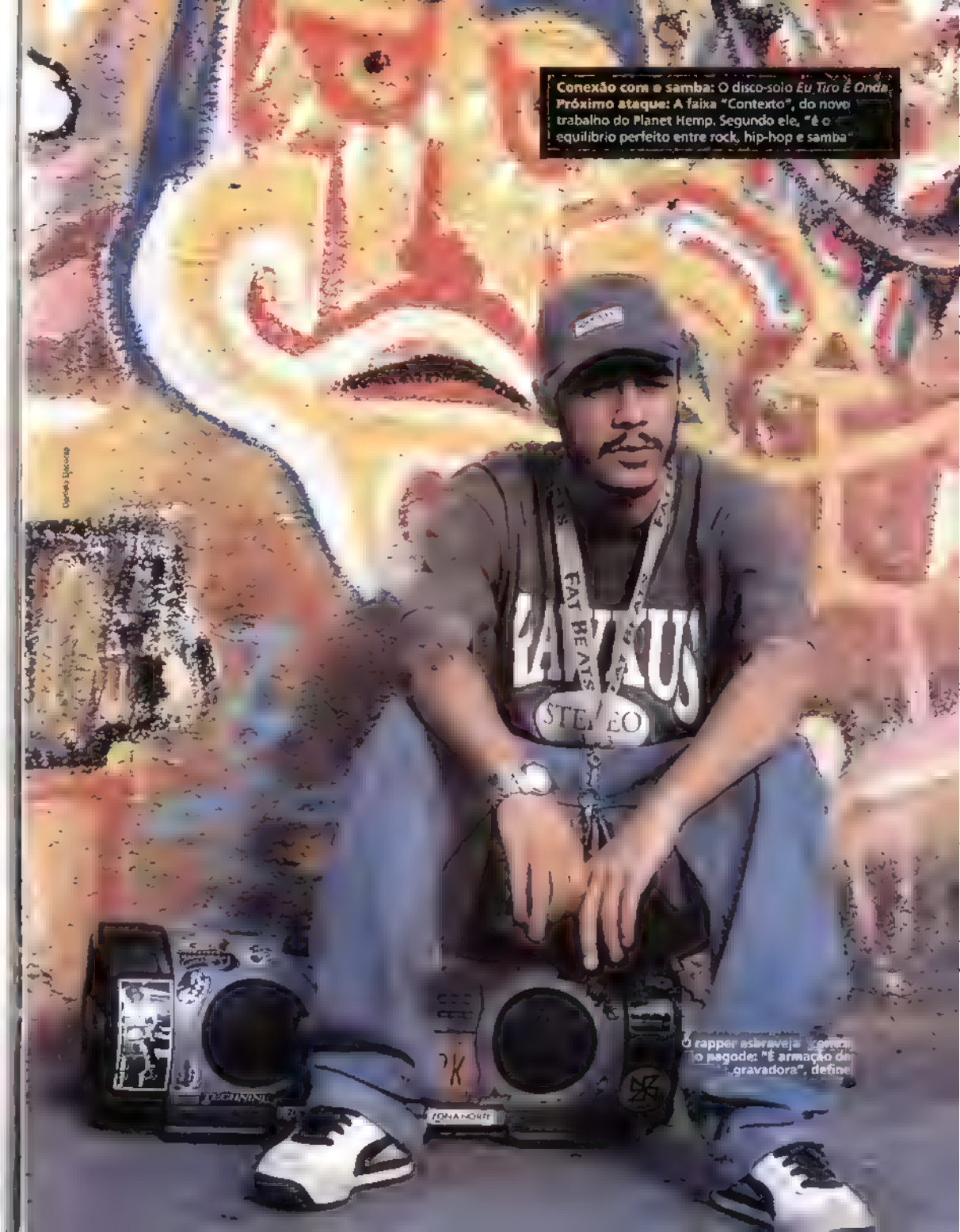
"Há muito tempo eu escuto esse papo furado, dizendo que o samba acabou", cantava Paulinho da Viola no final dos anos 80. "Só se foi quando o dia clareou", continua a letra. Só se foi, mesmo. Enquanto a versão oficial do gênero vaga pelas paradas de sucesso travestida de inócuo pagode romântico, a raiz da música popular brasileira mais uma vez busca caminhos alternativos e mesperados para sobreviver. Desta vez, o alvo não é nem a simples música pop – e sim sua vertente mais ousada, onde hip-hop, música eletrônica e experimentalismo respondem com a mesma empolgação.

Elemento primitivo essencial na evolução cronológica da música brasileira, o samba encontrou as mais diferentes formas de sobrevivência neste seu primeiro século de existência. Aliou-se à malandragem carioca, ao suingue baiano, à batucada nordestina, ao jazz, à música instrumental refinada e a tantas outras vertentes sonoras, dando origens a diferentes encarnações, como a bossa nova, o baião, o samba-rock, o samba de-roda, o partido alto, o samba de breque, o samba-canção, o samba-reggae, o samba-soul... Sempre adicionando ao ritmo pélvico um elemento novo e próximo a seu meio, o samba retratou diferentes Brasis. Por isso, não é estranha sua conexão com a chamada modernidade pop.

"O ritmo perdeu a credibilidade da rua com o público, e a grande maioria acha que samba hoje em dia é pagode. Isso não é samba. Isso é armação de gravadora", esbraveja Marcelo D2, vocalista do Planet Hemp, que em 1998 lançou um trabalho solo (*Eu Tiro É Onda*) fundindo samba com hip-hop. "Uma coisa é mercado, outra é música. Isso não está acontecendo só com o samba, acontece com o rap, com o rock. Essa banalização está generalizada." Ele continua: "Tem também a coisa dos puristas do samba. Quando fiz meu disco cruzei com vários. O Sergio Cabral (*jornalista e pesquisador carioca*) é um dos que acha que samba com rap é samba com rap. Não é samba. Sem contar neguinho que acha que o samba que a Beth (*Carvalho*) e o Zeca (*Pagodinho*) fazem não é mais samba puro. Tipo um cara falando que 'jazz é até os anos 40, depois não é mais jazz'", ele ri, surpreso.

"Eu sempre escutei o samba como a música popular brasileira", explica Otto, que submete seu *Samba Pra Burro* na mão dos principais DJs do País no primeiro disco de remixes baseado em um só álbum feito no Brasil. "O baião de Luiz Gonzaga, o forró de Jackson do Pandeiro, o soul de Luiz Melodia, Adoniran, a congada, o samba-enredo, folia de reis, bossa nova – tudo

Esta reportagem foi inspirada no disco *4 Batutas & 1 Coringa*, de Jards Macalé. Lançado em 1987, o álbum trazia o cantor e compositor interpretando obras de Lupicínio Rodrigues, Nelson Cavaquinho, Paulinho da Viola e Geraldo Pereira.



Conexão com o samba: O disco-solo *Eu Tiro É Onda*. **Próximo ataque:** A faixa "Contexto", do novo trabalho do Planet Hemp. Segundo ele, "é o equilíbrio perfeito entre rock, hip-hop e samba".

O rapper esbraveja contra o pagode: "É armação de gravadora", define.

Max de Castro

Conexão com o samba: É filho de Wilson Simonal
Próximo ataque: Difundir seu primeiro disco, o didático *Samba Raro*

Tom Zé

Conexão com o samba: o disco *Estudando O Samba*, de 1975, em que destrinchava as diversas correntes do gênero
Próximo ataque: O novo álbum, gravado intensivamente e quase não conversado fora de estudo. "É e e baiano, mas é mineiro!", confessa sua mulher Neusa

Otto

Conexão com o samba: Ex-percussionista do mundo livre S/A, com quem gravou *Samba Esquema Noise e Samba Pra Burro*, seu álbum de estréia de 1998
Próximo ataque: O disco (duplo) de remixes de seu primeiro trabalho

Satanésio

Conexão com o samba: o disco *Eu Sou O Rio*, de sua banda, o Black Future
Próximo ataque: A faixa "Tocar Na Lapa", que é e afirma ser uma "continuação natural de *Eu Sou O Rio*"

Rio, Curitiba, Brasília: em todo o país, artistas diversos estão subvertendo o batuque

isso é samba. Se você pensar todo o passado brasileiro, das coisas mais folclóricas, passando pelos valores tradicionais da música nacional e até as conquistas mais recentes – todo mundo samba, tudo é samba", garante o pernambucano

A descoberta da MPB pelo rock independente americano e europeu nos anos 90 também contribuiu para a revitalização do gênero dentro do Brasil. Das bossas novas dos Beastie Boys à Tropicália de Beck, passando por encontros bizarros, como Marcos Valle e Towa Tei (ex-DJ do grupo Deee-Lite), Tom Zé e Tortoise, Superchunk e Joyce, e pela gama de brasilianistas confessos como David Byrne, Stereolab e Jon Carter, todos os pontos convergem para o pulso do samba

E está todo mundo sambando. O DJ Bruno E lançou seu selo SambaLoco e o transformou num verdadeiro *bunker* das picapes no Brasil. Patife, Xerxes, Ramilson Maia, Mau Mau e Drumagik – todos súditos do samba. O pop carioca de bandas tão diferentes quanto Vulgue Tostoi, Vibrosensores, 4-Track Valsa e Som Tomé encontra como ponto em comum a batucada e o sotaque do samba, seja filtrado pela psicodelia dos Mutantes, pelo jazz informal da bossa nova ou pelo pós-tropicalismo dos anos 70.

Ainda no Rio, tanto as letras de Marcelo Camelo (do Los Hermanos) são influenciadas por Nelson Cavaquinho, Noel Rosa e Cartola, como a versão para "Dom't To Death" (do mestre James Brown) feita pelo baiano exilado Lucas Santtana soam como uma mesma roda de samba e capoeira. Nas madrugadas da festa Loud!, os DJs residentes Canibuque e Marquinho da Lua brecam seus sets de drum'n'bass com baterias carnavalescas.

ANTROPOFAGIA AO CONTRÁRIO

Organizando as idéias, lembra que esqueci de tudo, mas eu escuto samba", sintetizava Chico Science, a respeito da importância do gênero para o mangue beat. Em Brasília, o trip rock do Divine baixa num terreiro de umbanda enquanto o Postal Blue funde calmamente o pop inglês dos anos 80 com a bossa nova. Ao mesmo tempo, no Rio, Gerador Zero desrespeita as fronteiras entre jungle e big beat, transformando as "Águas de Março" de Tom Jobim num colosso chamado "Turboelis". O DJ Rica Amabis celebra o gênero em seu disco de estréia (*Sambadelic*) com a mesma intensidade dos acústicos e chorões do Maxixe Machine, em Curitiba.

E, o ranking que exista uma reação contra a estagnação da MPB, como se o samba tivesse unificado vários artistas ao mesmo tempo contra uma MPB cheia de regras e poréns", explica Max de Castro, filho do cantor Wilson Simonal, que transformou seu disco de estréia, *Samba Raro*, numa guia de redescoberta do gênero por meio de artistas obscuros e timbres digitais.

"Olhe para o mundo em volta. Ultramen, McDonald's, skate... Isso tudo está ao meu redor, não posso negar porque faz parte da minha cultura. Se eu fizer um samba como o Dudu Nobre, que é um cara que nasceu e viveu dentro do estilo, por exemplo, vou estar sendo desonesto comigo mesmo, com o meu som. Eu não, eu era do samba só quando tinha churrasco aos sábados em casa à tarde eu já estava andando de skate e ouvindo hardcore", volta D2, "O 04 (*líder do mundo livre S/A*), naquelas brigas dele com o (*escritor*) Ariano Suassuna, pergunta de onde é que veio a sanfona", emenda BNegão, de volta ao Planet e preparando um indefinível trabalho-solo. "P*, a sanfona veio da Europa". "A primeira sanfona brasileira foi feita de pedra", completa rindo, D2.

"O Black Future tinha uma relação com o ritmo que era uma espécie de antropofagia ao contrário", continua Márcio Satanésio, que recentemente ressuscitou seu grupo. "A gente deglute esse samba como um elemento de fora. Eu vejo isso em vários artistas atuais". Para Max de Castro, "há também a importância do estilo pelo fato de ele sintetizar a riqueza da música brasileira – rítmica, melódica, harmônica.

Entre a tradição e a evolução, o samba vai para frente e para trás ao mesmo tempo, e esse elo entre passado e futuro, ritmo e contra-ritmo, é o que o mantém vivo. Tom Zé, estudioso do gênero, sintetiza: "Quem sabe fazer faz. Quando a música resultante é bonita e boa, qualquer modo é pertinente. O samba tem personalidade intensa. Se o criador souber fazer essa personalidade, não derrete nem faz água"

Força que vem da repressão

Trabalho dos rappers cariocas aprofunda-se em outros estilos

Marcelo D2 completa o copo de BNegão enquanto sorri num bar de esquina na Lapa (RJ). "Tomar cerveja numa sexta-feira, às 6 da tarde, é um privilégio para poucos", brinca o rapper, brindando. Pausa merecida, depois de termina das gravações do terceiro disco do Planet Hemp. "Devia se chamar *Invasão de Sagaz Homem-Fumaça*", conta o vocalista. "Foi bom gravar esse disco porque rolou em casa, sossegado, sem horário."

Ele explica que o título vem do conceito do disco, que fala justamente do brasileiro comum. "Se nossa classe, que está começando a ter alguma coisa agora", mas que não concorda com o jeito que as coisas estão indo. "Quando eu era camelô, quanto mais (em me) reprimiam, mais forte eu fui ficando. A maioria dos brasileiros é assim, mas tem de tomar essa atitude: quanto mais reprimido, mais forte fica. Porque a única coisa que a gente tem é a gente mesmo". Ele concorda quando diga que o conceito do Planet mais uma vez se expandiu. "O primeiro disco era sobre a legalização da maconha, o segundo era sobre liberdade de expressão, esse é ainda mais amplo", conclui D2.

O som às vezes remete às raízes do grupo ("tinha hora em que a gente ouvia e dizia 'ih, parece Planet!'"), mas se aprofunda em outros territórios musicais. "Essa música, 'Contexto', que a gente batizou agora à tarde, é bem samba-rock, mesmo. Tem elementos de hip-hop, com loop e a banda tocando junto. É difícil ter uma música preferida, mas essa é a minha. Conseguimos fazer o equilíbrio perfeito entre rock, hip-hop e samba", orgulha-se D2. "É um divisor de águas", conclui BNegão. Outra faixa é um reggae tradicional, "que a gente quis que fosse uma levada bem roots mesmo", justifica o outro vocalista.

De formação mutante ("já tocamos com quatro e com 12 pessoas no palco", lembra), o grupo estabiliza-se com oito ou nove elementos: "Sou eu, o Bernardo e o Black Alien nos vocais, e Rafael na guitarra, o Formigão no baixo, o Pedrinho (ex-Cabeça) na bateria, o tecladista e baixista Daniel Ganjaman, que tocava com o Otto, o Zé Gonzales de DJ e talvez um percussionista ao vivo", enumera D2. O disco ainda conta com participação de mais gente da turma, que mostra a amplitude sonora do disco: "O Jackson que tocava com a gente, o Sen Dog, do Cypress Hill, uma mina que toca harpa, o Marcelzinho, filho do Mestre Marçal, na percussão... Vou acabar esquecendo alguém", disfarça.

Rick Wright, o tecladista contratado que virou integrante oficial

O tijolo que faltava

por Sérgio Martins

Registro das apresentações do [illegible] em 1980 e 1981, durante a turnê de *The Wall*, resgata o poder das músicas da banda, capazes de agradar a todos

Dos argentinos costuma-se dizer que eles cometem suicídio pulando do alto do próprio ego. Já o Pink Floyd, banda de valorosos serviços prestados ao rock, optou por isolar o grandioso complexo de superioridade do baixista e vocalista Roger Waters dentro de um muro – e com isso assinou sua própria sentença de morte. *The Wall* (1979), um trabalho que realmente importa na carreira do quarteto inglês – naquela altura já transformado em trio por conta da demissão do tecladista Rick Wright) foi sucedido por uma turnê monstruosa, que por pouco não levou o Pink Floyd à falência. O grupo faria apenas 29 concertos que estariam mais próximos das grandiosas produções bíblicas do cinema americano a uma apresentação normal de uma banda de rock. Os shows teriam bonecos infláveis, músicos convidados e um muro gigantesco, que seria construído à medida que o Pink Floyd executasse as canções de *The Wall*.

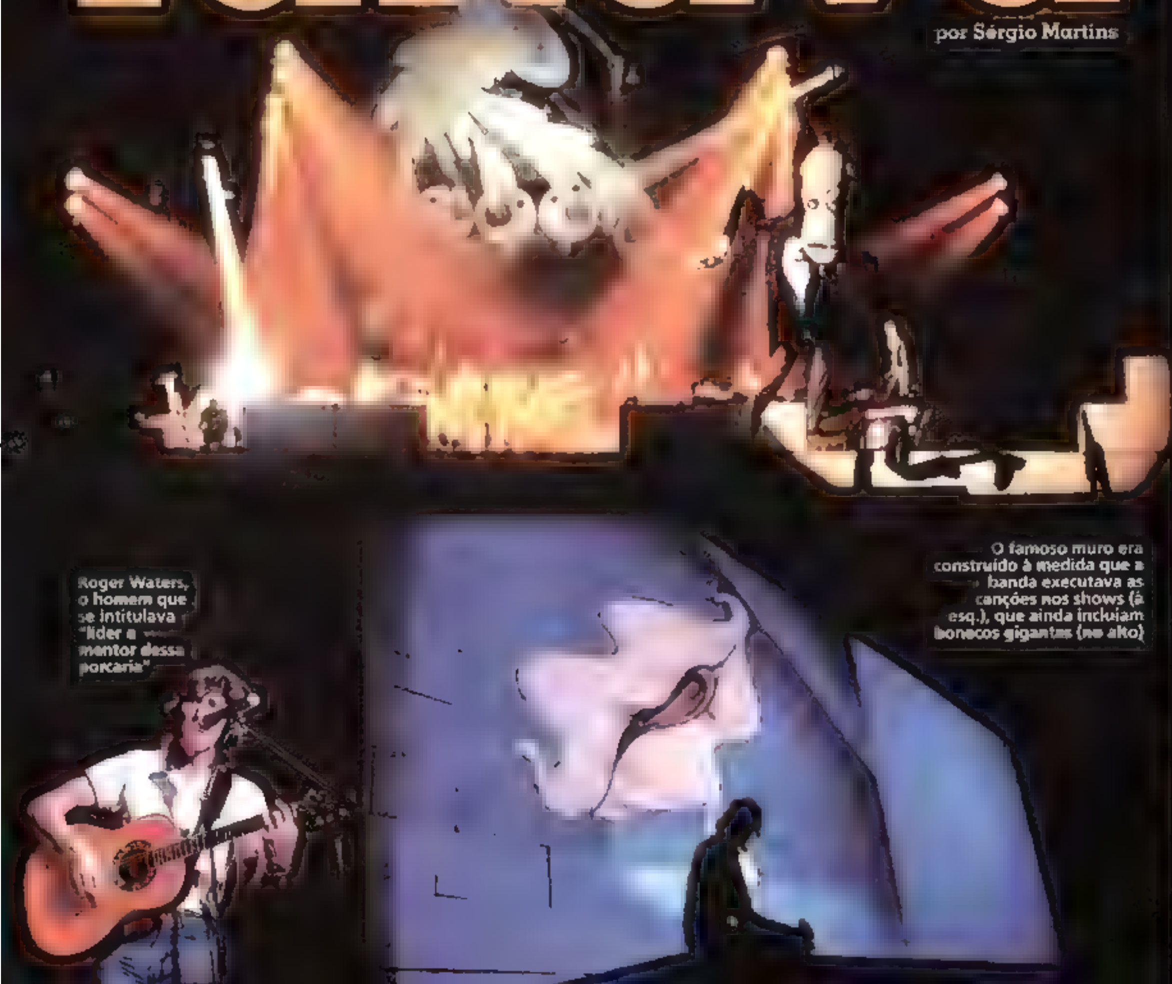
A situação do grupo se complicou ainda mais quando a Columbia (atual Sony Music), sua gravadora na época, decidiu usar o quarteto como aríete de uma luta [illegible] contra a *payola* – o popular jabá. Às vésperas da estreia do grupo em Los Angeles e com o álbum [illegible] de [illegible] paradas de sucesso, a companhia simplesmente decidiu parar com as contribuições aos radialistas [illegible]. Achava que apenas o nome Pink Floyd e o sucesso "Another Brick In The Wall" já eram suficientes para manter o grupo nas rádios de todo o país. Ledo engano. Quando os integrantes do quarteto giraram o dial das emissoras e viram que nenhuma delas tocava suas canções – e isso a poucos dias do concerto – a solução encontrada foi intimar o presidente da Columbia, Dick Asher, para dar molhar a mão dos radialistas. Para completar, ao final da turnê, o baixista Roger Waters virou-se para David Gilmour (guitarra) e Nick Mason (bateria) e deu o golpe de misericórdia: "Tenho duas coisas para anunciar. A primeira é que estou deixando a banda. Segundo: como sou líder e mentor dessa porcaria, os senhores estão impedidos de usar o nome Pink Floyd pelo resto de suas vidas."

Essa situação, com certeza, deixaria qualquer novo astro do rock americano inconsolável. Eddie Vedder, por exemplo, poderia compor alguma baboseira sobre como surfar liberta o ser humano da ganância que rói o mundo; os rappers, com certeza, iriam compor uma canção esculachando a perda das fortunas em tal obra faraônica – melhor é torrar o dinheiro com *bitches*. Felizmente, nenhum desses acontecimentos alterou a performance do Pink Floyd. Boa parte das 29 apresentações foram antológicas, com o grupo interpretando a melhor compilação de boas canções desde o milionário *The Dark Side Of The Moon*, de 1973. Uma boa prova disso está no álbum duplo *Is There Anybody Out There? – The Wall Live*, que chega ao Brasil em duas versões. Uma simples, normal, e outra luxuosa, repleta de fotos, declarações dos integrantes do Pink Floyd sobre a turnê e um esboço de como era o palco naquela época. Para os fãs do quarteto inglês, trata-se de um documento e tanto. E para quem apenas conheceu o Pink Floyd já reduzido a um trio medíocre, o disco mostra como eles eram bons.

Mesmo para aqueles que não apreciam rock progressivo, hão de convir que o Pink Floyd foi uma das grandes bandas de sua geração. O Yes tinha o problema de ser hippie demais, assumia a postura de querer salvar o mundo. O Emerson Lake & Palmer sempre foi a banda predileta daquele seu primo músico, que deve ter voltado inúmeras vezes o solo de bateria do Carl Palmer para aprender como ele fez aquela virada. E o King Crimson, apesar de ter sido a categoria, era a banda predileta do seu amigo "cabeça" por causa da genialidade de Robert Fripp. Já o Floyd tinha uma vantagem em relação a todos esses grupos: a capacidade de produzir canções que agradavam a todos. Até mesmo "Echoes", da faixa do álbum *Meddle* (1971) foi usada como tema de uma produção do programa de TV *Sala Especial* (estrelada pelo cantor brega Marcos Roberto)! Que dizer então das músicas de um álbum que tinha "Another Brick In The Wall Part 2", "Mother" e "Comfortably Numb"?

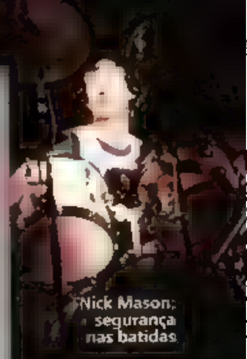
Pois foi esse o repertório que o público da lendária casa de shows inglesa Earl's Court saboreou em 1980 e 1981. Em sua formação clássica (o tecladista Rick Wright trabalhou como músico convidado) o Pink Floyd vai destilando, uma a uma, as tijoladas que compõem *The Wall*. O disco é composto de queixumes do baixista Roger Waters sobre o pai que ele nunca conheceu, a pobreza do sistema educacional inglês e lamentos [illegible], [illegible] mãe. Ao vivo, a banda [illegible] algumas das principais performances de sua carreira [illegible], já que todo mundo vai dizer isso mesmo [illegible] pelos solos de David Gilmour, um dos guitarristas mais elegantes da história do rock. E, se você optar pela embalagem luxuosa, saboreie as canções lendo os depoimentos no libreto.

O único efeito negativo [illegible] por conta das carreiras desses senhores depois da banda. Enquanto Roger Waters se afundou em projetos pífios (um deles encenou *The Wall* em Berlim com participação dos horrorosos Scorpions), o Pink Floyd virou uma espécie de "Rock Memory com orçamento extra", encenando os hinos de sua época como se ainda fossem grandes. Boa viagem.

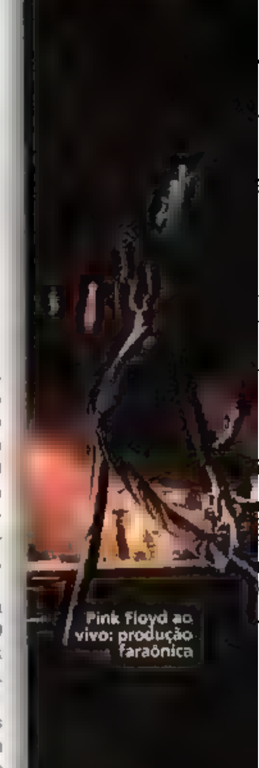


O famoso muro era construído à medida que a banda executava as canções nos shows (à esq.), que ainda incluíam bonecos gigantes (no alto)

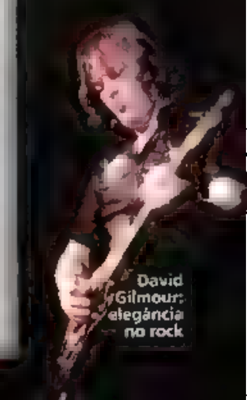
Roger Waters, o homem que se intitulava "líder e mentor dessa porcaria"



Nick Mason: segurança nas batidas



Pink Floyd ao vivo: produção faraônica



David Gilmour: elegância no rock

Nove MCs que revolucionaram o jeito de se fazer rap

Conheça o **Wu-Tang Clan**, o maior fenômeno do rap atual, que expande seus tentáculos para além das rimas

por Tatiana Ivanovici Fotos: Melissa Haidar

Febre na selva

Num rolê pelo centro [illegible] São Paulo, você com certeza vai se d[illegible] com o "W" gigante, em forma de [illegible]. Pode estar [illegible] capa [illegible] numa camiseta, num gorro, num adesivo, na pasta de algum office-boy, num CD do videogame Playstation ou tatuado [illegible] braço de alguém, mas vai estar. É a marca do Wu-Tang Clan, grupo formado há mais de dez anos por nove MCs de Nova York e um par de picapes, que marcou o rap do fim do milênio e encanta a vida de milhares de aficionados brasileiros.

N[illegible] festa de aniversário do programa *Espaço Rap* (da FM 105, de São Paulo), que aconteceu em abril e levou cerca de 40 mil fanáticos ao Anhembi para ver as apresentações dos rappers do clã, não era raro ver lágrimas escorrendo pelos rostos dos presentes. [illegible] mesmo, estamos falando de culto, de adoração e identificação, por mais distantes que sejam as realidades do gueto [illegible] e da periferia da capital paulistana.

A importância do Wu-Tang para o hip-hop é crucial, admitida até por aqueles que não simpatizam muito com o movimento. A agressividade, a linguagem vinda das ruas, as roupas e a maneira diferente de cantar rap e produzir bases fazem parte do legado. Dos grupos em atividade, é o que conta com mais integrantes em sua formação. Cada um dos nove rappers possui estilo próprio de se expressar. Em comum, só os carrões, os dentes de ouro, os relógios de brilhantes e as mulheres maravilhosas (que exercem função decorativa em fotos e videoclipes) e a inspiração em filmes de artes marciais.

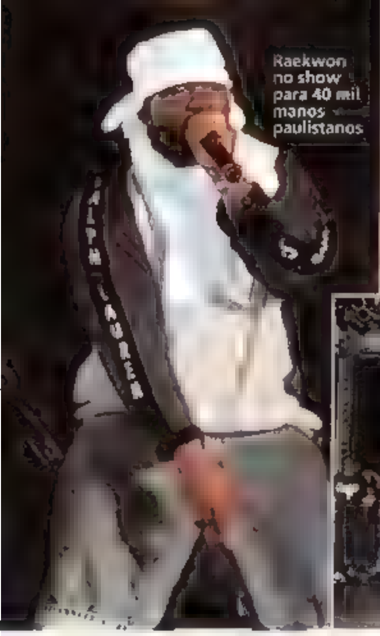
U-God, Mastakilla, Raekwon, Method Man, Ol' Dirty Bastard, RZA, GZA, Inspectah Deck e Ghostface Killa lançaram vários trabalhos-solo, paralelamente ao Wu-Tang. GZA, também conhecido como Genius, já gravava antes do grupo existir. A trilha sonora do filme de Jim Jarmush *Ghost Dog* foi produzida por RZA, que também trabalhou nos dois álbuns do Gravediggaz, grupo membro do clã (sim, existem ramificações). Raekwon tem um projeto chamado America Cream Team e acaba de soltar *Immobilarity* (com edição nacional), sua estréia-solo. "O álbum fala sobre muitas co[illegible] minha vida [illegible] e baixos [illegible] comentou o simpático [illegible] entre os que estiveram presentes na festa do *Espaço Rap* (Killah Priest [illegible] Kinda Sar [illegible] por ele [illegible] America Cream Team [illegible] gringo.

ATÉ ENTRE AS CRIANCINHAS

[illegible] *Enter The Wu-Tang Clan* [illegible] para cá, arrancaram 28 discos, incluindo [illegible] los [illegible] mais [illegible] fazer música, grafitar ou [illegible] de a que pertencem. [illegible] as posses, como a DRR (Di[illegible] mo R[illegible] Menos Crime e Co[illegible] bos da Zona [illegible] São Paulo. O Wu-Tang Clan [illegible] posse repre[illegible] senta[illegible] grupos [illegible] dos, como Gravediggaz, Wu [illegible] Sunz Of Man e Wu All [illegible] e outros.

[illegible] o produtor oficial da equipe. Criou uma sonoridade calcada em bases secas e extremamente graves, com [illegible] fazendo uso do MP[illegible] com bateria eletrônica, sampler e sequenciador. O som, forte e pesado, foi logo apelidado no Brasil de "bate-cabeça", graças ao resultado que causa ao ouvinte. Nas letras, brigas, garotas, dinheiro, drogas e baladas são onipresentes. Há exceções, como a tocante "America Is Dying Slowly" (A.I.D.S.) sobre a doença. "Canto histórias reais sobre a luta dentro do gueto. As pessoas [illegible] e se identificam muito", dá o recado Raekwon.

Depois de conquistar o sucesso no meio musical, o Wu-Tang lançou sua própria marca de roupas e acessórios, a Wu Wear. São produtos que vão desde casacos, calças e bonés até chaveiros e perfumes, que são produzidos (e muito consumidos) ilegalmente no Brasil, já que a marca não possui representação por essas plagas. Complementando o "catalogo" de RZA e aliados, o videogame de luta *Shaolin Style* para o console Playstation levou a grife para mais perto das crianças.


Raekwon no show para 40 mil manos paulistanos

Não, eles não tocam no rádio

Detalhe do meigo pingente de Killa Sun, rapper da posse do Wu-Tang

Quem sabe, recomenda

O Wu-Tang Clan trouxe um estilo novo, diferente. A produção da [illegible] har da, o fato de terem se inspirado em filmes chineses, tudo isso os torna mais do que um grupo de rap e faz com que eles se fortifiquem. Para mim, é um dos que mais representa a linguagem e os costumes da rua. São vários caras de personalidades e atitudes diferentes. Isso representa o gueto, porque lá há diversos comportamentos, atitudes e procedimentos. Tem o cara que vende crack, o que vende cocaína, o cara que cheira, o que está no sossego, o que cuida dos filhos, o que não cuida, o que prostitui as minas. Nada melhor do que vários caras para falar disso. [illegible] que eles lançaram seus álbuns solos. O RZA tem o jeito dele de produzir, de mixar, de samplear, que acho muito louco. Ele sampleia em mono. No toca-discos existem dois cabos que vão para o mixer. Se você desliga um deles, [illegible] se escuta o saxofone de uma música, por exemplo. Porque você tem apenas uma entrada de som, mas continua comendo a base. Isso dificulta a identificação do sampler e, quanto mais difícil de identificar, melhor. Também me preocupo [illegible]. Esse esquema protege o sample. Outra característica da produção do RZA [illegible] o som fechado, sem médios e [illegible] fica paranóico, louco. [illegible] pago um pau [illegible] do jeito que ele produz. Depois [illegible] Wu-Tang Clan surgiram outros grupos [illegible] ções, mas eles estão no topo [illegible]. No Wu-Tang, o RZA produz e os [illegible] a letra em cima da [illegible] tem um jeito de cantar, um [illegible].

Por KL Jay, DJ dos Racionais e proprietário da 4P Discos

KL Jay: "Pago um pau para eles"

As levadas difundidas pelo grupo emocionam garotos da periferia paulistana, que imitam o comportamento dos rappers

Mano a mano

Nome: D[illegible]
Idade: 2[illegible] anos
Atividade: D[illegible]
Como conheceu o grupo: [illegible] numa casa noturna de SP. Estava lá quando [illegible], que não me lembro o nome, tocou Wu-Tang Clan.
Discos preferidos: Todos, menos o último do Raekwon. Ele [illegible] o disco ficou muito produzido.
Músicas preferidas: Eu gosto muito de Tear[illegible], mas minha preferência muda de acordo com a época.
Rapper predileto: RZA, o cara [illegible].
Wu Wear: [illegible] alguém que conheço viaja e compra. Porque o que tem por aqui é falso."
Definição de Wu-Tang Clan: Diversão, entretenimento e [illegible]. Eles apareceram bem na hora em que [illegible] Snoop Dogg estava dominando e chegaram com uma batida diferente e mais rápida [illegible] elaborada, caindo como uma luva para os caras que gostavam de andar de skate e [illegible].
O que acha da moda Wu-Tang Clan: Tudo que é bom vira moda e não tenho nada contra. Na verdade, até o underground quer fazer sucesso, nem que seja só um pouquinho.
Eu indico: [illegible] do Ghostface Killa, com produção de RZA e participação de todos os caras do Wu-Tang Clan.

Nome: Walter Renato da Costa
Idade: 2? anos
Atividade: Nenhuma
Como conheceu o grupo: Foi um amigo que me apresentou o Wu-Tang. A primeira coisa que ouvi [illegible]."
Discos preferidos: [illegible]
Músicas preferidas: [illegible] Be There For [illegible] Protect Ya Neck
Rapper predileto: [illegible] das letras e do estilo do Method Man
Wu Wear: Não uso porque não tenho acesso
Definição de Wu-Tang Clan: Além de ser o [illegible] grupo de rap, [illegible] muito na minha vida. Depois que conheci o som, a minha maneira de pensar [illegible]. Antes, gostava [illegible]. Ouvia basicamente Public Enemy, [illegible] entender as letras do Wu-Tang e mudei o jeito de me vestir. Conheci o hip-hop de uma maneira geral, a cultura, o grafite.
O que acha da moda Wu-Tang Clan: Acho legal em termos, porque há várias pessoas que escutam, mas não entendem o que [illegible]. O legal seria se as pessoas se informassem para depois sair berrando Wu-Tang, Wu-Tang!
Eu indico: [illegible] do GZA

Nome: [illegible] Siqueira Miranda
Idade: 1[illegible] anos
Atividade: Desempregado
Como conheceu o grupo: Na rua. Eu andava de skate na [illegible] Roosevelt, frequentava a galeria do rap [illegible] e ouvia o pessoal comentando [illegible]. Daí formei uma posse chamada [illegible]. O primeiro som que eu ouvi foi na [illegible].
Discos preferidos: "Todos são iguais, mas o novo do Raekwon [illegible] é muito bom"
Músicas preferidas: [illegible] Protect Ya Neck [illegible] todas do Sunz Of Man e Wake [illegible]."
Rapper predileto: "Me identifico muito com o Ghostface Killa, com o jeito que ele se veste e com suas rimas"
Wu Wear: Tenho algumas coisas e ganhei várias camisetas deles no show do grupo aqui em SP
Definição de Wu-Tang Clan: É um grupo da [illegible]. Na atualidade são os melhores"
O que acha da moda Wu-Tang Clan: É uma coisa passageira, hoje aparece a quem quer [illegible]. A [illegible] por exemplo, [illegible] bastante [illegible] bem [illegible].
Eu indico: [illegible] do Sunz Of Man

CDs do Wu-Tang destacados na prateleira (acima) e jaquetas com o logo do grupo (dir.): produtos encontrados na famosa galeria do centro de São Paulo (abaixo)

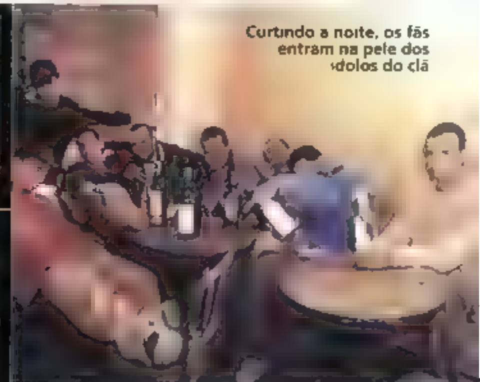
Onde comprar:
Flórida Discos
Rua 24 de Maio, 116, loja 07,
Tel. (11) 223-8359
www.cdnow.com
www.amazon.com

Onde ouvir:
Sunday Black Sunday
na Torre Do Dr. Zero –
DJs Eugênio Lima e Erica Li
Rua Mourato Coelho, 569
São Paulo, SP
Todo domingo

Baile no Usina – DJs: Nino e Dandan
Rua Cardeal Arcoverde, 3030
São Paulo, SP – Tel. (11) 212-2858
Toda sexta-feira

Wu-Tang Party no Vitrine
Avenida Portugal, 200
Mauá, SP – Tel. (11) 3151-5211
Toda sexta-feira

Sites:
www.ohhla.com
Com letras de grupos de rap
www.uwu.8m.com
Traz informações sobre os integrantes do Wu-Tang Clan, discografia e letras


Curtindo a noite, os fãs entram na pele dos ídolos do clã

Mania de fazer tudo "diferente"

Mesmo rezando na cartilha do pop, a banda Bidê Ou Balde prefere encarar o circuitão à sua maneira. A tática deu certo: o grupo está prestes a estrear em disco e emplacar um hit nacional

por José Flávio Júnior

D[illegible] SHOWBIZZ [illegible] Fu e Los Hermanos entraram no mundo pop por esta portinhola.

O [illegible] SHOWBIZZ [illegible] Bidê Ou Balde [illegible] Trata-se, isso sim, de um [illegible]

[illegible] Rossatto [illegible] na cabeça: fazer barulho. Do encontro saiu "Eu Te Amo Lucinda", joia pop que [illegible]

[illegible] 21 [illegible] 26 anos [illegible] Beatles [illegible]

SEMPRE CONTRA A MARÉ

Desde o [illegible] Carlinhos [illegible] Rossatto [illegible] Bidê Ou Balde [illegible] incessante busca do "diferente". Todos os passos foram dados assim até agora, escolhendo o lado "torto" e indo contra o bom senso. [illegible] Porto Alegre [illegible] Rossatto.

[illegible] para a gravação de dois álbuns.

Adivinha se eles aceitaram o produtor [illegible]

[illegible] SHOWBIZZ [illegible] vel de músicas como "Melissa", "[illegible] Que Não?", "Eu Te Amo Lucinda", "Si [illegible]

[illegible] BIZZ [illegible]

Viví, André, Rossatto, Kat a, Sandro, Carlinhos e Sá (da esq. para a dir.) em seus habituais trajes de palco

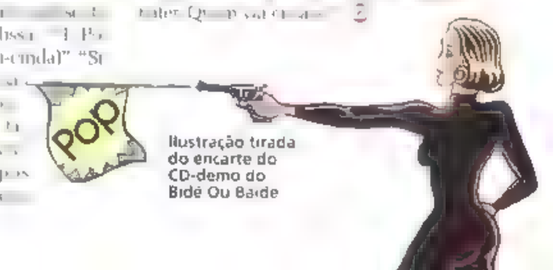


Ilustração tirada do encarte do CD-demo do Bidê Ou Balde

Caos sonoro

METAL 2000

Segundo o líder do Soulfly ele evoluiu sem afetar sua personalidade. "Em qualquer música, minha voz e atitude ainda são as mesmas", garante.

Max Cavalera promete abalar as estruturas da música atual com o novo disco do Soulfly, repleto de participações especiais e mais primitivo do que nunca

por Daniel Oliveira, de Phoenix, EUA

Todo de preto, Max Cavalera está sentado no quintal de sua casa, numa área classe média de Phoenix, Arizona. O ambiente está agitado nesta tarde ensolarada no fim do verão americano. Crianças brincam em tudo que é lugar e o telefone não pára de tocar no escritório do Soulfly, localizado entre o quintal e a cozinha. A porta da sala nem é fechada, já que pessoas entram e saem da casa constantemente. "Estamos mudando a música atual se f**", começa o líder da banda. "Estamos voltando ao primitivo", completa.

Bebendo chá gelado, Max explica por que o próximo disco do grupo – previsto para sair em julho – será chamado *Primitive* (ou *Primitivo*, pois ele ainda pensa em usar a palavra em português). "É o lance de fazer música que vem do coração. As músicas surgiram de locais inexplicáveis e imprevisíveis. Na parceria com o Sean Lennon, ele começou a arranhar um violão e a idéia saiu do nada. Foi como construir uma pirâmide. Cada dia nós colocávamos mais coisas em cima. Acho que isso reflete o título: fizemos música sem pensar muito, sem fazer matemática."

Sean Lennon? Sim, ele é o filho do beatle John. Expandindo a fórmula do primeiro disco do Soulfly, Max trabalhou com artistas variados. Desta vez, suas escolhas também incluem o baixista-vocalista Tom Araya, do Slayer, e o vocalista Chino Moreno, do Deftones. "Acho que é curiosidade musical", alega Max por gostar de convidar tanta gente. "É algo que influencia meu trabalho e diferencia minha música. Eu poderia fazer um disco inteiro sem participações, mas eu me sentiria meio pra baixo. Faltaria adrenalina e excitação."

Gloria Cavalera, esposa de Max e empresária do Soulfly, dá seu ponto de vista durante uma pausa de trabalho. "O primeiro disco do Soulfly foi muito doloroso. Ainda que muitas pessoas não tenham percebido, foi um disco sobre os problemas daqui de casa, a morte de Dana Wells (seu filho de um casamento anterior), Sepultura e as outras coisas. Agora Max está prosseguindo o que havia feito no *Roots* (último disco dele com o Sepultura). Ele sempre quis trabalhar com músicos convidados. Com o passar dos anos, ele apresentará muita gente nova aos fãs."

Na música "Terrorist" Max cita "Inner Self", do Sepultura

Animado, Max quer mostrar algumas músicas novas e falar destas colaborações externas. Gloria lhe dá um CD com mixagens temporárias e ele o coloca num equipamento de som perto de uma mesa de pebolim, também no quintal. Não haveria ambiente mais espontâneo para ouvir seu trabalho – nada de hotéis luxuosos, funcionários de gravadora ou sistemas sonoros de última geração.

A primeira música, "Terrorist", abre com percussão. Max berra e o ataque de guitarra, baixo e bateria começa. Com Tom Araya dividindo os vocais a canção segue a linha de "Eve For An Eye", do primeiro disco da banda, porém com mais agressividade. Max joga pebolim com seu filho, Zyon, mas não deixa de prestar atenção na música. "Agora é a parte pau", diz ele, introduzindo a rápida pancadaria final. Para a alegria dos fãs de Sepultura e Slayer, Max repete o verso "nonconformity in my inner self" da música "Inner Self" do disco *Beneath The Remains*; e Tom repete os versos "night will come and I will follow/ for my victims, no tomorrow", de "Criminally Insane", presente no álbum *Reign In Blood*. Sem dúvida, "Terrorist" será um clássico na carreira do Soulfly. "Eu e Tom ainda estamos fazendo música", Max diz após o fim da canção. "Não negamos nossas raízes metal. Além disso, colocamos um ponto final naquela rixa de Slayer e Sepultura."

LANCE TRIBAL

Max agora torra "In Memory Of..." (título provisório), um hip-hop na veia experimental do Soulfly. Os três rappers do Cut Throat Logic, grupo de Phoenix, rimam os versos, e Max grita o explosivo refrão "we are what we are!". A próxima canção, "Pain," tem andamento acelerado e guitarras com afinação baixíssima. Max, Chino Moreno e Grady, da banda hardcore californiana Will Haven, berram alternadamente no refrão. A última música da tarde, "Primitive", que abrirá o disco novo, traz guitarras agudas e prossegue com uma furiosa troca de riffs e acordes. É uma das canções mais sujas e agressivas do Soulfly. "Back to the primitive fuck all your politics", canta Max. Não é preciso dizer mais nada.

Estas canções são suficientes para constatar a maturidade, musicalidade e, principalmente integridade do Soulfly. Todos os convidados (de Tom a Sean) e todas as experiências musicais (do hip-hop aos ritmos brasileiros) não comprometem o que Max, o baixista Marcello Rapp, o guitarrista Mikey Doling e o baterista Joe Nunez realmente são, um grupo de metal pioneiro. "Agradeço a Deus por me permitir evoluir, mas sem afetar minha personalidade", reflete Max. "As pessoas não podem fazer isso. Não é mais o Max. Não quero mais ouvir isso. Em qualquer música a voz e a atitude ainda são as mesmas."

O estilo abrangente do Soulfly já atraiu milhares e milhares de fãs europeus, mas merece conquistar um público maior nos Estados Unidos. Max acha que o problema no país é a constante mudança de modas musicais. "Nos comparam com Korn e Limp Bizkit, mas não somos como estas bandas. Musicalmente, estamos em outro planeta. Por isso é mais difícil sermos aceitos aqui. O negócio principal é imagem, mas não temos o visual destas bandas. Temos nosso próprio lance tribal."

Gloria, contudo, acha que o Soulfly está prestes a explodir na cena americana. Ela diz que o primeiro disco do grupo vendeu em torno de 250 mil cópias nos Estados Unidos, o equivalente a *Roots*, do Sepultura. "O que falta na América é ajuda da MTV e das rádios", explica Gloria. "Mas quando você trabalha com Max, não há para contar muito com isso. As coisas principais são as turnês e o relacionamento dele com os fãs."

ORAÇÃO E VELAS ACESAS

Inicialmente, o Soulfly queria gravar em quatro países com quatro produtores. Max mudou de idéia por achar que o projeto viraria uma bagunça. Então convidou Toby Wright para pilotar a mesa (que já trabalhou com Korn, Alice In Chains e outros grupos pesados) e decidiu gravar perto de casa, no estúdio Saltmine. O produtor diz que a banda lançará "o disco mais insano e agressivo do ano" e elogia Max como letrista e vocalista. "Há vários convidados no disco, mas você sente logo a diferença quando é ele quem canta."

Toby oferece um pequeno giro no Saltmine. À esquerda da sala de controle está o cubículo onde Max grava seus vocais – ou "sessões" como o guitarrista Andreas prefere chamá-lo. Um terço gigante e fotos de Bob Marley, Dana Wells, Lynn Strait (falecido vocalista do grupo hardcore Snot) e da família Cavalera decoram as paredes. Velas, flores e uma estátua preta que lembra um Buda cobrem parte do chão.

Toby revela que Max ora e acende velas no estúdio. O canto dele é pequeno, mas tem um grande cunho espiritual. "Vem do nome Soulfly, ou seja, a alma dos que se foram, mas ainda voam", explica o vocalista. "Sinto a presença destas pessoas – elas me dão espírito e motivação. Se uma música não está ficando legal, procuro ajuda olhando em alguma destas fotos."

Na frente do "cubículo" de Max está a sala para gravação da bateria. Acessórios do instrumento estão espalhados pelo chão e uma pintura do logotipo do Soulfly está pendurada na parede. Ao lado desta sala, encontramos a área dos amplificadores de guitarra e baixo. Toby explica que Max, Mikey e Marcello gravaram seus instrumentos ao lado dele, na sala de controle, longe dos amplificadores.

PERTO DO SEPULTURA?

Em qualquer conversa com Max, é difícil evitar aquele assunto delicado e controverso: Sepultura. Mesmo que o Soulfly grave mais dez discos, faça mais vinte turnês e dure mais trinta anos, fãs e jornalistas sempre perguntarão sobre sua ex-banda. Sua reação? "Não posso fazer nada", diz. "Para a grande massa existe Sepultura e mais nada. O mesmo ocorre com alguns fãs do Black Sabbath – eles não querem saber da carreira solo do Ozzy."

Seja como for, os ex-companheiros de Max parecem querer reconciliação. O guitarrista Andreas Kisser, por exemplo, disse à revista inglesa *Metal Hammer*: "Quando Max estava na banda, éramos como uma família. É muito ruim não termos relacionamento agora. Isso me perturba. Queremos resolver os problemas e reatar nossa amizade e respeito. Quero dizer ao Max que a porta está aberta."

O que Max acha disso? É recíproco, mas não é tão fácil quanto parece. O problema é o pessoal ao redor de nós quatro – esposas, amigos, empresários e roadies. Mas acredito que haverá reconciliação. Seria estúpido isso não acontecer. Não nos odiamos como a imprensa diz. Tenho fé que derrubaremos os obstáculos para atingirmos respeito, como Andreas disse, mesmo que não toquemos mais juntos.

"Nos comparam com Korn e Limp Bizkit, mas não somos como estas bandas. Musicalmente, estamos em outro planeta."

A nova formação da banda (da esq. para a dir.): Marcello, Mikey, Max e Joe

Convidados do barulho

Max fala dos artistas que participam do novo disco do Soulfly:

Tom Araya (Slayer) – vocal em "Terrorist"
"Nunca havíamos trabalhado juntos – dois caras que carregam o metal nas costas por tantos anos! Não há como negar: a banda é uma grande influência para quem faz som pesado. A música com o Tom tem sangue e violência."

Chino Moreno (Deftones) – vocal em "Pain"
"O nome Soulfly vem do disco *Around The Fur* (*segundo álbum do Deftones*), quando fizemos a música 'Headup'. Eu anunciei o nome na França, tocando com eles. O Chino está envolvido no nascimento do Soulfly."

Sean Lennon – contribuição na composição
"O destino nos uniu. Estávamos no mesmo avião para a Austrália, no mesmo ônibus... De todos os convidados, ele foi o mais próximo do grupo. Ele quis ficar aqui em casa, enquanto as outras pessoas preferiram hotéis."

Grady (Will Haven) – vocal em "Pain"
"Ele era amigo do Dana. Eu gosto do Will Haven, é uma banda hardcore bem pesada. O Chino é mais que padrinho do grupo. A fama da banda no underground é por causa dele. Como nós três conhecíamos o Dana, foi especial cantarmos juntos."

Meia-Noite – percussão
"Ele é da banda do Sergio Mendes, mora em Los Angeles e toca com várias pessoas. É um músico incrível, fã do Sepultura e do Soulfly."

Larry McDonald – percussão
"Ele é percussionista do Gil Scott-Heron, nome que influenciou artistas de soul e hip-hop nos anos 70, 80 e 90. Encontrei-o na Holanda, fizemos uma jam e viramos amigos."

Cut Throat Logic – vocal em "In Memory Of..." (título provisório)
"Eles são bem underground, só tem uma demo-tape. Eu gosto da realidade na letra deles, a vida nas ruas. Se eu fosse fazer algo de hip-hop, teria de ser underground – nada de dinheiro, cordões de ouro, estas coisas. Estes moleques são super-humildes."

O novo casamento da donzela

Bruce Dickinson explica por que o Iron Maiden voltará a ser a maior banda de rock pesado do mundo neste ano

por Aline Bieites

Bruce Dickinson (terceiro, da esq. para dir.): "*Brave New World* é o melhor disco do Iron Maiden em muito tempo"

Alguém ainda pensa que o heavy metal em seu estado puro, aquele dos solos de guitarra, dos vocais operísticos, dos chifrinhos com as mãos, morreu? Será que tem gente que acha que música pesada hoje em dia tem de ter uns vocais rap, palavrões e texturas de guitarras eletrônicas? Bom, a Inglaterra tem seis bons motivos para discordar: Bruce Dickinson, Steve Harris, Adrian Smith, Dave Murray, Janick Gers e Nicko McBrain, todos juntos no que promete ser a mais devastadora das muitas encarnações do Iron Maiden. Reunido em janeiro de 1999, o grupo mais do que depressa começou seu plano de reconquista do mundo. Os seis partiram para Portugal (o baixista Steve Harris tem uma mansão e um bar na terrinha, ele é bem amigo dos patrícios), onde se trancaram nos estúdios do chefão para compor as canções de *Brave New World*, o novo disco da banda.

Após três meses de trabalho duro, veio mais ralação: ensaios para a turnê de divulgação de *Ed Hunter*, o jogo de computador acompanhado de uma coletânea com vinte sucessos do grupo, escolhidos pelos fãs via internet. E aí veio a ironia. Bruce teve de aprender três músicas gravadas por seu substituto/antecessor Blaze Bayley, para cantá-las ao vivo. "Não houve problema nenhum. 'The Clansman', 'Futureal' e 'Man On The Edge' funcionaram muito bem ao vivo. Até as gravei para lançarmos como bônus nos singles do disco. Aliás, na turnê de *Ed Hunter* nós tocamos melhor do que nunca", disse Bruce em sua passagem pelo Brasil (os guitaristas Dave Murray e Adrian Smith também estiveram na área) para divulgar o novo disco.

Só evitou falar sobre os motivos da saída de Blaze: "Não, não quero me meter nisso. Mas não dá para dizer que foi uma grande surpresa quando Rod (*Smalwood, empresário do Iron há décadas*) ligou e fez o convite a mim e a Adrian". Na verdade, existe uma grande família, a da Sanctuary Music. A companhia, batizada com o nome de uma velha canção da banda, pertence a Steve Harris e milita no campo do empresariamento de bandas, além de ser uma gravadora. Antes de voltar para o Iron, Bruce tinha sua carreira gerenciada pela Sanctuary. Depois de demitido, Blaze também passou a ser artista solo da companhia. E mais: todo o catálogo solo de Bruce acaba de ser comprado pela empresa de Steve. Ou seja: vem cantor, vai cantor e os tentáculos de Mr. Harris estão sempre à volta de tudo o que acontece.

Modesto, o baixinho de garganta gigantesca nunca foi. Nos tempos de artista-solo era um pouquinho mais humilde. Agora, por cima da carne seca, ninguém segura o ego de Mr. Dickinson. Depois da turnê a banda entrou no estúdio e, em três meses, estava concluído *Brave New World*. Elogios? "É o melhor disco do Iron em muito tempo. Foi todo gravado ao vivo no estúdio, afora pequenas correções, algo que jamais havíamos feito antes", contou Bruce. Segundo ele, trata-se de um clássico disco do Iron, com tudo o que isso acarreta, mais o peso extra das três guitarras. Ele deixou escapar que não compôs diretamente ao lado do velho desafeto Steve. "Mas foi por acaso. E muitas músicas que comecei com algum dos guitarristas ele finalizou depois", minimiza. "Estamos praticamente morando juntos há um ano, nunca nos demos tão bem", garante. "Em Portugal foram três meses na casa dele, e não tivemos qualquer problema. Steve e eu estamos mais velhos e sábios, e conhecemos muito bem as características de um que levam o outro à loucura. É apenas evitamos que isso aconteça."

E os planos de turnê? "Tudo: Europa, América do Norte, Oceania, Japão, América do Sul, depois América do Norte e Europa de novo. Existem até planos de tocarmos em alguns lugares pela primeira vez, como a Índia. O Brasil nos verá em outubro", garante o vocalista. A carreira-solo de Bruce está suspensa, mas não acabou. "No final deste ano será lançado *Catacombs*, um disco de sobras e raridades, e possivelmente no final de 2001 gravarei mais um CD, com músicas que estou compondo com Roy Z, guitarrista da minha banda". Adrian não deve participar novamente da história. "É possível que ele grave alguma coisa, mas não como músico fixo de meu grupo."

O mundo parece um lugar tão propício para a volta da formação clássica do Iron Maiden (com um guitarrista de bônus) que até a banda mais badalada do tal "novo metal", o Korn, estará abrindo os shows na parte americana da excursão. Não deixa de ser irônico, pois Bruce se lembra muito bem de um encontro que teve com Jonathan Davis (vocalista do Korn) e companhia na sede da MTV em Nova York. "Eles não quiseram que aparecêssemos no mesmo programa porque achavam que eu era heavy metal demais", recorda Bruce, rindo. É, o mundo dá voltas.

A primeira ninguém esquece

Slayer, hoje: relembrando o passado e preparando novo disco para o segundo semestre

Como em qualquer profissão, tudo na carreira do músico tem uma primeira vez: primeiro show, primeira droga, primeiro ensaio, primeira crise, primeira groupie e por aí vai. Para o grupo californiano Slayer, cuja carreira já dura quase 20 anos, estas experiências são praticamente infinitas. Os guitarristas Kerry King e Jeff Hanneman, companheiros inseparáveis no mundo do metal porrada, exploram suas memórias e lembram de alguns destes momentos

Por Daniel Oliveira, de Devore, EUA

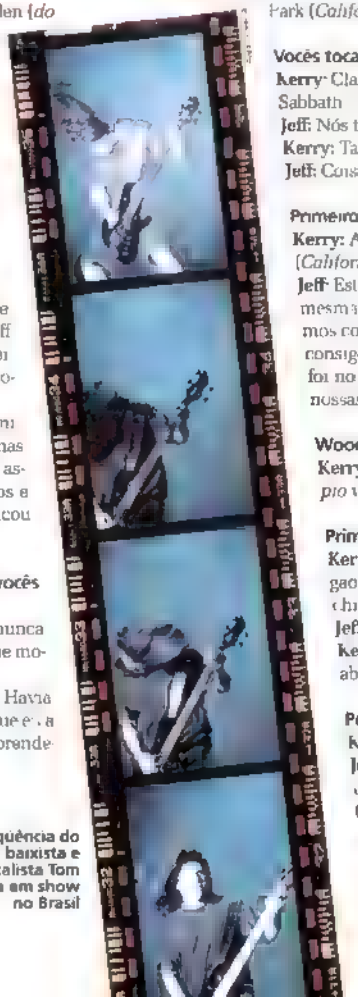
Primeira inspiração para tocar guitarra?
Kerry King. Provavelmente Eddie Van Halen (*do Van Halen*)
Jeff Hanneman. Eu e Kerry temos a mesma idade, mas ele começou a tocar guitarra bem antes. Seja como for, o Black Sabbath me inspirou a virar músico

Quantos anos vocês tinham na época?
Kerry: Acho que eu tinha 13, pois foi quando eu ouvi o primeiro disco do Van Halen
Jeff: Éramos muito jovens – 13 ou 14

Primeira vez que vocês se encontraram?
Kerry: Eu queria entrar numa banda hippie que ensaiava no mesmo prédio em que Jeff trabalhava. Eu toquei com os caras e pensei "Eles são horríveis." Acabei ouvindo Jeff tocar e quis levar um som com ele.
Jeff: Eu trabalhava com telefones. Eu era amigo dessa banda que ensaiava no prédio, mas eu também não queria tocar com eles. Foi assim que encontrei Kerry. Nós conversamos e acabamos tocando juntos. Ele se identificou mais comigo do que com aquela banda.

Primeira reação de seus pais ao saber que vocês tocariam guitarra?
Jeff: Meu pai riu pacas. Ele disse: "Você nunca fará sucesso e acabará sendo preso." Isso me motivou a ralar ainda mais numa banda.
Kerry: Meu pai me apoiou a tocar guitarra. Havia uma guitarra jogada em casa, e ele queria que eu a tocasse. Eu lhe disse: "Me dê aulas e eu aprenderei a tocá-la."
Jeff: Foi completamente o oposto comigo.

Primeiro ensaio do Slayer?
Kerry: Foi na casa do Dave (*Lombardo, ex-baterista da banda*), na garagem. Não me lembro bem, mas éramos muito ruins. Dave morava perto de mim em Huntington Park (*Califórnia*)



Sequência do baixista e vocalista Tom Araya em show no Brasil

Vocês tocaram covers?
Kerry: Claro! "Highway Star" (*do Deep Purple*) e Black Sabbath
Jeff: Nós tocamos AC/DC?
Kerry: Talvez.
Jeff: Coisas velhas de metal

Primeiro show do Slayer?
Kerry: Acho que foi num sarau em South Gate Park (*Califórnia*). Tenho certeza de que foi péssimo
Jeff: Este não foi o primeiro show. A formação era a mesma, mas não usávamos o nome Slayer. Tocávamos covers e não sabíamos o que queríamos. Nem consigo me lembrar do primeiro show. Acho que foi no Woodstock, quando começamos a compor nossas músicas

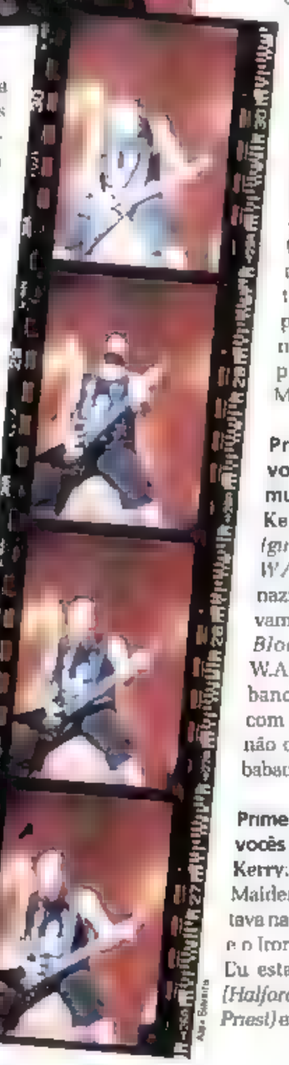
Woodstock?!
Kerry: É um clube em Orange County (*município vizinho de Los Angeles*).

Primeira experiência com drogas?
Kerry: Eu nunca usei drogas, mas caí de um furgão uma vez. Foi a primeira vez em que eu encharquei a cara de álcool.
Jeff: Acho que sim.
Kerry: Estávamos num furgão, a porta estava aberta, e eu tomei um belo tombo

Por estar bêbado?
Kerry: Sim. Foi numa turnê européia em 1985.
Jeff: Comecei a fumar maconha quando tinha uns 15 anos. Depois passei a beber. Por algum tempo, cheirei cocaína. Agora eu só bebo, mas não me lembro da primeira experiência.

Primeiro relacionamento com groupies?
Kerry: Boa sorte para nós – as garotas não

Kerry King: "Quando Rob Halford, do Judas Priest, entrou no palco vestindo jeans ao invés de couro, pensei: 'Que p*** é essa?'"



gostam do Slayer!

Jeff: Me lembro de uma garota que invadiu nosso ônibus, uns dez anos atrás. Ela estava chorando e se atirando em cima da gente. Ela viu o Tom *(Araya, baixista e vocalista)* e avançou nele. Eu a peguei do fundo do ônibus, ela veio na minha direção e me jogou num canto, berrando! Nossos roadies tiveram de tirá-la do ônibus. Me lembro bem disso, pois ela estava completamente doida.

Kerry: O passado... Coisas do tipo também aconteceram comigo, mas não consigo me lembrar agora.

Primeira vez em que sentiram o gostinho da fama?

Kerry: Quando mais de 100 pessoas começaram a nos ver ao vivo. Também quando passaram a brigar por um autógrafo nosso. Eu pensei: "Por que pedem meu autógrafo?"

Jeff: Depois que o *Reign In Blood* saiu, excursionamos em nosso primeiro ônibus. Naquele momento eu senti que havíamos virado uma banda profissional.

O guitarrista perdeu a memória, mas não a pegada

Primeiro encontro com um ídolo de infância?

Kerry: Como não me lembro de nada antes, acho que foi quando abrimos para o Judas Priest em 1988. Glenn *(Tipton, guitarrista)* e K.K. *(Downing, guitarrista)* eram meus ídolos. No fim da turnê fomos no camarim deles. Eu me senti como um próprio fã do Slayer, mas não quis pagar mico. Peguei autógrafos e fui embora.

Jeff: Michael Schenker *(ex UFO e Scorpions)* é um de meus guitarristas prediletos. Estávamos gravando *South Of Heaven* em Hollywood. Eu e minha namorada estávamos saindo do estúdio, e ela quase atropelou Michael Schenker. Ele estava atravessando a rua, e ela parou bem na frente dele. O cara olhou pro nosso carro, e nós fomos embora. Foi legal, pois quase matamos Michael Schenker!

Primeiro babaca que vocês encontraram no mundo musical?

Kerry: Blackie Lawless *(guitarrista e vocalista do W.A.S.P.)*. Ele é um cuzão nazista, filho da p*. Estávamos na turnê do *Reign In Blood* abrindo para o W.A.S.P. Os outros caras da banda queriam se divertir com a gente, mas Blackie não os deixava. Ele era um babaca, sem dúvida.

Primeiro show de metal que vocês assistiram?

Kerry: Judas Priest com Iron Maiden abrindo. O Judas estava na turnê do *Point Of Entry* e o Iron Maiden na do *Killers*. Eu estava puto, porque Rob *(Halford, ex-vocalista do Judas Priest)* entrou no palco de jeans ao invés de couro. Pensei: "Que p* é essa?" O Iron foi muito melhor.

Jeff: Eu fui em alguns festivais. Também gostava de Judas Priest. Acho que já vi 11 shows deles.

Primeira coisa de valor que vocês compraram depois que o Slayer explodiu?

Kerry: Uma caminhonete, em 1987. Não era especial – apenas uma Toyota 4 x 4, mas novinha.

Jeff: Saí da casa de meus pais. Foi ótimo passar a morar sozinho.

Primeira crise dentro do Slayer?

Kerry: Dave Lombardo causou todas as crises na banda. Ele saiu uma vez, depois saiu de novo e, na última vez, saiu ou foi despedido – depende de sua fonte de informação. Tínhamos um show e ele não queria tocar. Estava num leito, com gripe ou algo do tipo. Naquele dia, deixamos um recado na porta dele dizendo que procuraríamos outro baterista. A segunda vez foi após a turnê do *Reign In Blood*. As crises no Slayer foram todas por causa dele. Por isso não temos mais crises hoje.

Primeira vez em que vocês foram roubados na indústria musical?

Jeff: Provavelmente na época da Metal Blade *(primeira gravadora do grupo)*.

Kerry: Também quando tocamos na Polônia. Os seguranças nos roubaram. Acho que foi na turnê do *Seasons In The Abyss*. Por isso eu não coloco mais aqueles tachas nas minhas pernas.

Primeira grande alegria com o Slayer?

Kerry: Quando assinamos um contrato com a Def Jam *(selo fundado por Rick Rubin, produtor que já trabalhou com Slayer, The Cult e Beastie Boys)*. Estávamos na Metal Blade e subimos de nível.

Jeff: De repente, a garotada passou a idolatrar nosso estilo musical. O público estava louco em nossa primeira turnê européia. Sempre curti nosso estilo musical, mas não achava que iria se tornar tão grande. Gostávamos de chocar as pessoas, pois éramos rápidos e extremos. Mas quando fomos à Europa, vimos que as pessoas realmente nos adoravam.

O Slayer está trabalhando num disco novo, previsto para sair na metade do ano.

O novo peso

por Marco Bezzi

Entra ano, sai ano, e a pergunta é sempre a mesma: "O heavy metal morreu?". Da metade dos anos 90 para cá, uma nova geração de bandas surgiu para sentenciar a resposta definitiva. "NÃO!" Primeiro lugar nas paradas americanas, vendagens milionárias e shows abarrotados voltaram a virar sinônimo de música pesada. Mas será que essa nova onda carrega alguma lembrança do som tocado por nomes como Black Sabbath e Iron Maiden? Para os fãs tradicionais, nem pensar, mas para você, que deseja entender um pouco mais dessa nova mania mundial, aqui vai uma pequena explicação:

NU-METAL: Não confundir com naturistas que tocam metal. O Nu vem de new (novo) e, por ostentar esse rótulo, é o gênero que abrange a maior quantidade de bandas. Industrial, world, gótico, hardcore, toda mistura aqui é bem-vinda, contanto que o resultado soe pesado e moderno ao mesmo tempo.
Principais nomes: Soulfly, Deftones, System Of A Down, Kittie e Hellacopters
Influenciados por: Sepultura, Faith No More, Slayer e Dead Kennedys
Para entender: *Around The Fur*, Deftones (1997)

RAP-METAL: O nome já diz tudo. Quando Kerry King (guitarrista do Slayer) e os Beastie Boys se uniram em meados dos 80, mal sabiam eles que estavam decretando o que seria o embrião do gênero de maior sucesso no meio do novo metal. Guitarras cortantes, misturadas com scratches e vocal cantado no estilo rap, dão a cara dessa facção.
Principais nomes: Kid Rock, Korn, Limp Bizkit e Incubus
Influenciados por: Beastie Boys, Anthrax e Red Hot Chili Peppers
Para entender: *Follow The Leader*, Korn (1998)

SCARY-METAL: Shows imperdíveis, álbuns nem tanto. Acima da qualidade musical, aqui o que está em jogo é quem usa a maior quantidade de piercings, tatuagens e maquiagem. Imagine o Jason, de *Sexta-Feira 13*, elevado à décima potência.
Principais nomes: Marylin Manson, Slipknot, Coal Chamber, Powerman 5000 e Rob Zombie
Influenciados por: Alien Sex Fiend, Kiss e Alice Cooper
Para entender: *Antichrist Superstar*, Marylin Manson (1996)

STONER-METAL: Calça boca-de-sino, cabelo pela cintura e uma boa dose de psicodelismo retratam a maioria das bandas dessa vertente. Aclamada também por artistas do meio alternativo (Courtney Love, Dave Ghrol, Anthony Kiedis, Billy Corgan), o som, com ótimas melodias e para lá de saudosista, tem todo o potencial para arrebatar o grande público.
Principais nomes: Queens Of The Stone Age, Monster Magnet, Unida, Goatsnake, Orange Goblin e Fu Manchu
Influenciados por: Black Sabbath, Ted Nugent e Kyuss
Para entender: *Dopes To Infinity*, Monster Magnet (1995)

ELECTRONIC-METAL: Se a música eletrônica entrou em todos os meios possíveis e imaginários, por que não pegar uma carona também no novo metal?
Principais nomes: Orgy, Pitchshifter, Fear Factory e Rammstein
Influenciados por: Depeche Mode, Ministry e Bauhaus
Para entender: *Demanufacture*, Fear Factory (1997)

Disco é apelido

O apresentador do programa *Lado B*, na MTV, compra quase tudo o que ve pela frente, atraído pelas capas, embalagens e edições com tiragens limitadas

De porta da sala do apartamento da para ver seis torres giratórias com capacidade para uns 500 CDs cada. Em volta, estantes por toda a parte abarrotadas de vinis. Para onde se olha estão prateleiras e mais prateleiras com discos. Num canto, o espaço das caixas especiais, dos mais variados artistas, tamanhos e formas. A riqueza de detalhes da parafernália fonográfica é tanta que torna ridículo qualquer trocadilho com a coleção de um sujeito chamado Kid Vinil. O cara tem disco que não acaba mais. "Uns 10 mil vinis dos anos 60 e 70 na casa dos meus pais, 5 mil aqui e 5 mil CDs", calcula o feliz proprietário, que organiza o acervo de um jeito todo particular. "Não tem ordem [illegible] mas acho o que quero em segundos", garante.

Como que para provar o que disse, Kid pega de uma estante o compacto *Magical Mystery Tour* dos Beatles. "O primeiro disco que comprei aos 12 anos. Fui com meu irmão aos filmes *Os Reis Do Iê-Iê-Iê* e *Submarino Amarelo* e fiquei fascinado pela banda", conta o apresentador do programa *Lado B* na MTV. Na época, 1967, dinheiro para música era artigo escasso no orçamento da sua família. Para poder gastar com rock, era preciso ser, digamos, criativo. "Torrava a grana do passe escolar", diverte-se.

Mais tarde, o garoto que ainda atendia por Antonio Carlos Senefonte descolou um jeito melhor de obter os álbuns cobiçados. "Entrou um português na minha classe e apresentou Rolling Stones e Jimi Hendrix para todo mundo", lembra. "Aí eu pegava os discos dele emprestados e não devolvia", diz.

levantando-se e voltando com a cópia do *Beggar's Banquet* (dos Stones) na mão, para confessar em seguida. "Era dele."

RESISTÊNCIA AO LASER

De jovem sem condições para comprar discos a esse maníaco que hoje acrescenta uns 20 CDs e uns dez vinis" por mês à coleção, o caminho percorrido foi longo. Começou na seção de recursos humanos da gravadora Continental. "Um dia, o presidente da companhia estava atrás de uma música do Seals & Crofts, 'Fresh Freaks', que rolava na rádio e ninguém sabia de quem era. Como conhecia a canção, fui promovido para o departamento artístico", conta. Seu acervo, já com mil títulos, ganhava oportunidade de rápida ampliação.

Em 1977, a empolgação de Kid – então fã de rock progressivo – com a música dava sinais de cansaço. O punk o salvou. "Meu irmão que não deixou, senão eu ia trocar meus álbuns pelos lançamentos que pegava na Wop Bop, a loja onde achei *God Save The Queen*, dos Sex Pistols". Ao mesmo tempo, pintou também a new wave americana. Assim, no programa que manteve de 1979 a 1981, na rádio Excelsior, ele (estreando o [illegible] tocado, óbvio para um tarado por discos, tocava "Blitzkrieg Bop", dos Ramones, e "Psycho Killer", dos Talking Heads.

Nestas alturas, Kid recebia álbuns de todo mundo e comprava outros tantos. Mas nada que se comparou à fartura proporcionada pelo estouro de "Safe Boy", em 1983. A bordo da banda Magazine, ele [illegible] o cachê dos shows em viagens para procurar mais discos – [illegible] quatro vezes por ano, para Londres e Nova York. Descobriu coisas do Devo, Runaways, The Dickies, [illegible], enumera. Com o fim do grupo, em 1987, Kid voltou para o rádio e iniciou na TV Cultura nos programas *Boca Livre* e *Som Pop*, até 1993. Daí em diante, retornou às gravadoras, primeiro na Eldorado e atualmente na Trama.

Agora, imagine quantas vezes ele já não escutou a piadinha: "Ei, quando é que você vai mudar seu nome para CD?". Na verdade, Kid resistiu ao laser. "Comprei, em 1987, na Alemanha, mas só comprei um aparelho em 1992, porque ganhei uma caixa de singles dos Stones", afirma. "Da década de 90, por exemplo, muitas bandas só tenho em vinil", diz, puxando LPs do Primal Scream, Happy Mondays e Inspiral Carpets.

Mesmo assim, deve ter uns mil discos nos dois formatos. Sou fã dos grafismos, das capas, da arte que se perde com o CD.

Kid vai ilustrando suas predileções com uma infinidade de picture discs, imagens ampliadas, capas com dobras malucas. No meio de tantas opções, ele reconhece que os mais loucos são Dead Boys, New York Dolls e Blondie. "Não me canso de ouvir", conta Kid, que teve seu primeiro contato com a música pop aos 7 anos, por intermédio de uma tia fã de Elvis Presley. Aliás, na estante de cima estão três caixas do Rei do Rock, lacradíssimas. "Não tive tempo de abrir", alega, enquanto aponta para outras caixas igualmente virgens. Mas, só de poder sentar no sofá e contemplar cada item de sua coleção, Kid já está satisfeito.

Emerson Gasperin

Prateleira especial

Faces
A Nod Is As Good As A Wink
"Meu guru na época, 1971/72, o jornalista Ezequiel Neves, escreveu loucuras sobre a banda. Foi uma abertura para outros sons. E as pegadas de guitarra de Ron Wood me enlouqueciam. Com o piano boogie, então, era um casamento perfeito."

Dead Boys
We Have Come For Your...
"Eu tinha um programa de punk na rádio Excelsior e rolava essas coisas todas. Esse disco me chamou a atenção porque eles fizeram uma versão fantástica de "Tell Me", dos Stones. Até hoje, é uma das minhas bandas prediletas."

Chicago
[illegible]
"Eles faziam uma fusão de jazz e rock com sabor pop que marcou minha adolescência. E eu sempre gostei da parte gráfica dos discos deles, adorava o jeito que eles exploravam o logotipo da banda. Esse é em papel-moeda mas tem imitando ferro, chocolate, madeira."

Raspberries
Side 3
"Minha cópia é importada, mas saiu no Brasil numa época (1973) pela FM. É uma das bíblias indispensáveis para se entender o power pop. E a banda do [illegible] que depois virou um bredão."

VÁRIOS
Streets
"Traz uma banda chamada Nine Bleeks com Morrissey nos vocais e Billy Duffy (The Cult) e Vini Reilly (Durutti Column) nas guitarras. Nunca saiu em CD, paguei 60 dólares em uma loja em Los Angeles. Na Inglaterra, não se acha em [illegible] menos de 300 libras."

Elephant's Memory
Elephant's Memory
"Era uma banda que [illegible] acompanhar John [illegible] após a Plastic Ono Band – e lançou o primeiro disco deles foi produzido por John e Yoko. Este é o segundo trabalho do grupo, regado a psicodelia total. Basta dar uma conferida na capa."

10 discos...

...para você entender o Tecnopop

Um sintetizador na mão e um refrão na cabeça: nos anos 80, essa foi uma combinação quase infalível para invadir as rádios

Houve um período no qual pela primeira vez teclados e sintetizadores tomaram conta da música pop. Estamos falando, claro, do tecnopop da virada dos anos 80. A grande diferença é que os artistas que adotavam este gênero não contavam com DJs fazendo música, e sim com cantores chegados num vocal intenso e dramático

"O sintetizador é o instrumento mais democrático que existe", proclamava Daniel Miller no manifesto de lançamento de sua gravadora (a Mute), que deu ao mundo Depeche Mode, Yazoo e (pós-boom tecnopop) Erasure. Democrático porque qualquer um, independente de saber ler partituras, poderia fazer música

O tecnopop levou, portanto, o ideal punk de "faça-você-mesmo" ao estágio seguinte. Se no punk o máximo que se podia fazer era rock barulhento, com a eletrônica as possibilidades eram bem mais amplas. Tudo isso graças às novas tecnologias, menores e mais baratas. Se, no início dos anos 70, sintetizadores eram jamantas que custavam tão caro que só Yes e Emerson, Lake & Palmer podiam tê-los, no final da década apareceram vários Rolands, Casios e Yamahas bem mais compactos e a preços mais acessíveis.

Em pouco tempo, nomes como Gary Numan, Japan, Soft Cell, Depeche Mode, Visage, Heaven 17, Human League, New Order, Ultravox, Classix Noveaux, Eurythmics, Yello, Yazoo, Talk Talk, Kajagoogoo, Howard Jones, Thomas Dolby e Thompson Twins tomavam conta das paradas. Quase todos eram britânicos e se apresentavam em duplas com vocalista e tecladista, o formato típico do gênero. Seu impacto foi tal que, no auge de sua popularidade nos Estados Unidos, em 1983, um terço da parada da Billboard estava ocupada por singles de ingleses. Sua influência foi e é enorme: do electro ao techno, passando pelo house e o industrial.

GARY NUMAN
The Pleasure Principle (1979)

O inglês Gary Numan foi o primeiro popstar tecnopop, conquistando as paradas com pérolas sintéticas de três minutos já em 1979. Primeiro veio "Are Friends Electric?", do seu álbum de estreia, *Replicas*, também um estouro. Não contente, alguns meses depois ele lançou *The Pleasure Principle* e a música "Cars" foi megahit em toda parte. Cabelinho engomado, expressão robótica, olhar vazio, discurso futurista pastiche: todo o conceito inventado por Numan serviu de base para inúmeros grupos tecnopop. Entre seus vários álbuns, este é o que melhor resume o som e a atitude "numanóide". Numan continua na ativa até hoje.

DAVID BOWIE
Low (1977)

Embora Bowie não faça parte da onda tecnopop, este disco é essencial para literalmente entender o tecnopop. Kraftwerk e Roxy Music também foram inspirações fundamentais, mas a influência maior de tudo é esta aqui. A receita inclui lados gelados, vocais afetados/distantes e uma atmosfera entre melancólica e soul da, às vezes apocalíptica. Tudo seguido a risca por nove entre dez grupos tecnopop. Junto com os também influentes *Heroes* e *Lodger*, *Low* faz parte da célebre "trilogia berlinense" de Bowie. Nesse período, o cantor inglês se auto-exilou na capital alemã, chafurdou cocaína feita um condenado, ficou pelo e osso e passou muito tempo enfurnado no estúdio com Brian Eno (ex Roxy Music, pai do ambient music) produzindo, assim, a trinca clássica.

HUMAN LEAGUE
Dare(1981)

O álbum tecnopop por excelência, com todos os teclados possíveis e imaginá veis decorando canções pop clássicas. Enquanto muitos de seus colegas se dedicavam a falar de problemas sociais, sexo inseguro ou do futuro da sociedade pós-industrial, o Human League falava de amor, rejeição, paixão, ciúme – isto é, emoções puras e baratas. Sem falar que é o álbum que contém o supersucesso "Don't You Want Me". *Dare* foi o primeiro disco com a nova formação da banda: Ian Marsh e Martin Ware haviam saído para fundar o Heaven 17, deixando o vocalista Phil Oakey e o tecladista Adrian Wright livres para adotar um rumo mais pop. Recrutaram as vocalistas/dançarinas Joanne Catherall e Susanne Sulley, e o resto é história.

JAPAN
Tin Drum (1981)

Este grupo inglês começou como um Roxy Music de segunda linha. Mas, no final da década de 70, ao converter sua sonoridade em um tecnopop de classe no disco *Quiet Life*, ganhou não só uma identidade própria, como também seus primeiros sucessos. *Tin Drum* é universalmente apontado como o apogeu criativo do grupo. Neste álbum, que inclui o hit "Ghosts", a música do Japan recebeu uma vasta quantidade de influências (como ambient, funk e sons do Oriente Médio). Ironicamente, a banda se separou após o lançamento do disco. O vocalista David Sylvian embarcou numa carreira-solo de êxito, produzindo discos experimentais. Murphy

SOFT CELL
Non-Stop Erotic Cabaret (1982)

Formado por Marc Almond e David Ball, o grupo uniu o tecnopop com o cabaré, a perversão sexual, o *kitsch* e a decadência da noite. Tudo graças ao teatral vocalista Marc Almond, misto de performático gay com cantor de inferninho. Seu maior hit (e pai hit nisso) incluído neste álbum foi "Tainted Love", versão de um clássico soul dos anos 60. Os vocais dramáticos de Almond encontraram o par perfeito na genialidade eletrônica de Ball, que compunha instrumentais simples mas com barulhinhos pegajosos e certeiros. Vale mencionar que o Soft Cell foi talvez o primeiro grupo a lançar uma música com referência ao ecstasy, droga que experimentaram em Nova York em 1981. Esta foi o remix do single "Torch" e é um dos mais apaixonados momentos do pop de plástico.

YAZOO
Upstairs At Eric's (1982)

Embora seus críticos não queiram admitir, o tecnopop foi um gênero extremamente versátil. No caso do Yazoo (que nos EUA era conhecido como Yaz), a eletrônica inventiva do Vince Clarke – que fez parte da primeira formação do Depeche Mode – acompanhava o vozeirão de uma cantora formada no jazz e no blues, Alison Moyet. Clarke ainda criaria o Erasure, com outra "diva" nos vocais (Andy Bell), mas sem o mesmo brilho ou potência anteriores. Dentre todos os grupos tecnopop o Yazoo é certamente um dos que menos envelheceram, especialmente nas faixas mais dançáveis, com teclados urgentes, arranjos esparsos e batidas nervosas.

DEPECHE MODE
Construction Time Again (1983)

A maior banda tecnopop de todos os tempos e a única que conseguiu manter uma carreira de sucesso regular até bem pouco tempo. Neste que é seu terceiro disco, a banda se encontra em plena forma e domínio das possibilidades do pop eletrônico. Seu primeiro disco é um tanto simplório e o seguinte não deixou muito o que marcasse. Já um álbum com "People Are People", "Everything Counts" e "Two Minute Warning" é outra história. O disco mostra a banda adotando um som mais agressivo e ousado, incorporando até toques de som industrial. Outra mudança na trajetória do grupo é a inclusão de temas políticos nas letras de Martin Gore. "Everything Counts", por exemplo, é contra as multinacionais e a competição capitalista.

NEW ORDER
Power, Corruption And Lies (1983)

Foi nesta obra-prima que o New Order livrou-se da sonoridade de sua encarnação anterior (o Joy Division) com o sintetizador e as baterias eletrônicas passando a ter um papel essencial no som da banda. O grupo já usava muito o eletrônico nos singles "Everything's Gone Green" e "Temptation", exibindo uma forte influência de Kraftwerk, disco music e electro-funk. O vocal triste mas contido de Bernard Sumner e o baixo veneno so de Peter Hook entraram em sintonia perfeita com as sofisticadas camas de teclados da recém-chegada Gillian Gilbert.

HEAVEN 17
The Luxury Gap (1983)

Fundadores do Human League, Ian Marsh e Martin Ware deixaram a banda em 1980. Juntos, começaram sob o nome de British Electric Foundation, mas foi como Heaven 17 (termo tirado do livro/filme *Laranja Mecânica* – que dissemiraram sua música eletrônica. Com o vocalista e compositor Glenn Gregory também a bordo, o grupo dedicou-se a um synth-pop grandioso, com letras politizadas e conceito visual bem cuidado. Este segundo disco traz muitas influências de funk e electro. Daqui saíram quatro hits: "Temptation", "Let Me Go", Crushed By The Wheels Of Industry" e Come Live With Me.

THOMAS DOLBY
The Golden Age Of Wireless (1983)

O britânico Dolby foi um dos personagens mais conhecidos do tecnopop, graças ao seu visual de cientista louco e o clima bem-humorado de seu maior hit e hinkeada "She Blinded Me With Science". Antes, ele trabalhou como músico, técnico e compositor de estúdio. Este disco foi originalmente lançado em 1982, na Inglaterra. No ano seguinte, saiu um EP com "She Blinded With Me Science", que explodiu no mundo inteiro. A gravadora de Dolby decidiu então relançar *The Golden Age...*, agora com a tal música. Dolby não teve hits de expressão depois, se estabelecendo como produtor musical de renome e trabalhando com George Clinton, Prefab Sprout e Stevie Wonder.

Camilo Rocha

Discos independentes, CDs e fitas demo
Envie para: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP

Cowboycore

O hardcore "tex-mex" do Matanza está com o gatilho puxado... e a vítima será o sucesso

Sempre achei que a música country e o hardcore são estilos completamente incompatíveis e é impossível que a mesma pessoa curta tanto um quanto o outro, ainda não conhece o **Matanza**. Misturando os dois estilos, a banda carioca já brincou muito de fazer arranjo pesado para melodia country e o resultado foi a gravação de duas demos que prometem levar os garotos pelo mesmo caminho dos seus conterrâneos Planet Hemp e Autoramas. O primeiro trabalho saiu logo que o quarteto começou, em 1996. Intitulado *Terror Em Nashville*, era uma homenagem ao Dash, ex-banda de Donida guitarrista (que também fazia parte do Acabou La Tequila, junto com o baterista Nervoso). O segundo, *De Volta A Tombstone*, é de 1999. Suas influências vêm do som bucólico de Johnny Cash e Creedence Clearwater Revival, passando pelo hardcore, pelas guitarras barulhentas do Slayer e Motorhead, até o psychobilly do Reverend Horton Heat, artista de cabeceira do quarteto. As letras são historinhas que ambientam as músicas, como se fossem trilhas de filmes, ora de velho oeste, ora de terror – quase todas em português. "Já que estamos traduzindo o country dos Estados Unidos, traduzimos a letra também", sorri Donida. O plano é seguir fazendo muitos shows e deixar as coisas acontecerem naturalmente. No verdade, o Matanza quer é chegar aonde o Cramps chegou, "conseguir a mesma longevidade, sem estresse de superprodução, sem ter a carreira abalada pelas altas e baixas. Do jeito que tocar para o resto da vida", revela o guitarrista. E conclui: "A sorte do Cramps é que, por cada cidadezinha que passam existem quinhentos bares para tocare n... **Contatos: Tel. (21) 9727-9837; e-mail: matanza_br@yahoo.com**

Lixo espacial

"Dick Dale, Dead Kennedys, Cramps, filmes B, histórias de terror, quadrinhos, tudo isso um pouco mais acelerado e pesado." Assim, o vocalista Daddy Jr. define os **Limbonautas**. Nascida há dois anos, a banda movimenta bastante o cenário underground curitibano e tem na bagagem shows de abertura para os Misfits, Man... Or Astroman? e Agnostic Front. Com o primeiro álbum, *Rendam-se Humanos*, lançado no meio do ano passado, os astronautas do limbo passeiam pelo universo trash. Seu psychobilly recebe ingredientes do punk rock e da surf music, pitadas de contos cavernosos e altas doses de bom humor. O resultado é um som pesado, com letras irônicas, mas sem agressividade ou apelação. "Não gostamos de fazer letras 'istas' machistas, feministas...", explica Daddy. Enquanto o segundo álbum não sai, os planos para conquistar o espaço sideral são emplacar o videoclipe de "Vudu É Pra Jacu" e participar de uma coletânea japonesa de hardcore. **Contatos: Tel. (41) 284 3677 (Bloody Records); e-mail: limbonautas@yahoo.com**

Grito burguês

NumtemCaô: ricos em indignação

Formado por quatro universitários oriundos da classe média alta curitibana, o **NumtemCaô** surpreende pela postura. Faz uma mistura de hardcore e hip-hop, recheada de mensagens ecológicas, sociais e políticas, contrariando o estereótipo dos rapazes bem de vida que vivem nas capitais. "Não queremos ensinar nada a ninguém, e sim mostrar que está todo mundo sentado de braços cruzados", aponta o baterista e estudante de engenharia [illegible] Gustavo, referindo-se ao conformismo e à imparcialidade da sociedade. "Se pensa que as pessoas andam se identificando com heróis errados, como lutadores de jiu-jitsu, e que estão sem embasamento nenhum para defender seus ideais. Mas nós vamos continuar tocando, contanto que não tenhamos que fazer nossas coisas de fórmula fácil ou parar de protestar", finaliza Gustavo. **Contatos: Tel. (41) 323-1971; site: www.numtemcao.com.br**

Simples de coração

No final da década de 80, em Porto Alegre, Egisto 2 resolveu montar uma banda com os amigos (que não sabiam tocar nada). A idéia era muito simples: músicas de um acorde só para que os companheiros pudessem aprender logo letras de um ou dois versos e muita diversão. Se reuniam num estúdio, apagavam as luzes, acendiam algumas lâmpadas coloridas tomavam ácidos e a loucura rolava. Ao longo da década, algumas coisas mudaram no **Acretinice Me Atray**, principalmente a formação. Várias pessoas fizeram parte do projeto, entre elas, Edu K do De Falla, e Edgar Scandurra, do Ira! Em 1998 resolveram gravar um álbum *Era Uma Vez Um Gato Xadrez* (*copinha em detalhe*), que, por questões financeiras, demorou mais de um ano para ser lançado e não despertou muito o interesse do público. "Apesar de termos intenções mais profissionais agora, acho que a mídia ainda nos enxerga como uma brincadeira", reclama o baixista e produtor Egisto. O que continua igual é o estilo da banda, uma mistura de pós-punk com psicodelia, de Bauhaus a Pink Floyd. As letras seguem irônicas, cheias de duplo sentido, com grande influência de Oscar Wilde, mas sem complicações. O poeta e escritor inglês do final do século 19 é mesmo a grande referência literária dos gaúchos, tanto que Egisto o parafraseia: "Adoro as coisas simples. Elas são o último refúgio de um espírito complexo." **Contatos: Tel. (51) 311-6586 ou (51) 311-4107, e-mail: acretinicemeatray@yahoo.com**

Atraídos pela lisergia, os gaúchos do Acretinice [illegible] Oscar Wilde [illegible]-punk

Raio-D

Um exame nas fitas-demo mais interessantes do mês

Malditos Ácaros Do Microcosmos

Som: Hardcore experimental
Origem: Curitiba, PR
Auto-retrato: "O som é produzido pelos ácaros, que transmitem sua mensagem de indignação com os seres humanos. Eles tomam nosso corpo e manifestam-se através de nossos instrumentos ou vozes, criando barulhos ensurdecedores, caóticos. Melodias que vão do macabro ao melancólico, da dissonância às harmonias agradáveis."
Resumo crítico: Os seres unicelulares tomaram mesmo conta dos corpos e mentes desses cinco jovens (três deles, ex-Boi Mamão), fazendo-os produzir um esporro que lembra muito Mr Bungle.
Produção: Muito boa
Contatos: Tel. (41) 244-6872 ou (41) 274-6756, site: http://malditosacaros.iuma.com

Postal Blue

Som: Indie pop
Origem: Taguatinga, DF
Auto-retrato: "Somos, basicamente, uma banda de estúdio, que existe para compor. Não fazemos muitos shows devido às condições precárias dos espaços disponíveis e pela falta de público interessado nesse tipo de música, um rock com influências folk."
Resumo crítico: O vocal suave e o flerte com outros estilos musicais fazem o som do Postal Blue lembrar um pouco bandas européias, como Belle & Sebastian e Stereolab. Prevêem lançar dois LPs nos EUA dentro dos próximos meses.
Produção: Boa
Contatos: Tel. (11) 221-0668; site: http://www.geocities.com/spector.geo

Déjà Vu

Som: Pop rock
Origem: Osasco, SP
Auto-retrato: "Fazemos um rock acessível, cantado em português e influenciado por várias coisas que ouvimos, desde MPB às bandas dos anos 80, como New Order, The Smiths e Galaxy 500. Não queremos ficar no alternativo a vida inteira, tocando só para amigos."
Resumo crítico: O Déjà Vu nasceu do encontro dos ex-integrantes da banda Blow Up com a admiradora de poesias Juliana Evangelista, durante o ensaio de um recital de teatro, em 1998. Fizeram poucos shows, mas a demo impressiona.
Produção: Boa
Contatos: Tel. (11) 7083-5469 ou (11) 3721-7694; e-mail: dejavuband@hotmail.com

Compre uma camiseta que sua filha vai herdar.

Hering

SEDA
PATROCINIO

À venda nas melhores lojas

O CFEMEA é uma organização não governamental feminista que luta pela plena cidadania das mulheres e em defesa dos seus direitos. Atua junto ao Congresso Nacional pela aprovação de leis não discriminatórias. Participe da Campanha das Nações Unidas pelos Direitos Humanos das Mulheres. Se você é mulher [illegible]

CFEMEA

Notas de 0 a 10 dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

Nada é o que parece

Em trabalho marcado pela irregularidade, Pearl Jam testa a paciência do fã

PEARL JAM
Binaural 6
Sony

Nada mais brochante do que o primeiro single deste *Binaural*, "Nothing As It Seems", uma balada agridoce tingida por guitarras que emulam Pink Floyd com solo e tudo. Só que se trata da música que puxa o disco novo do Pearl Jam, e não há nada que ouça à isca sem parar. A regra fabrica mais um sucesso nas paradas, mas não impede uma certa frustração aqueles que mantinham alguma expectativa quanto ao sexto álbum (sem contar o ao vivo *Live On Two Legs*, de 1998) da banda. Tanta onda, tanta história, tanto mistério, para chegar na hora H e aparecer com essa chatice?

Os persistentes que ouvirem o álbum inteiro, no entanto, vão sair com outras impressões. Parodiando a faixa citada, "nada é o que parece". De cara, "Breaker-fall" e "God's Dice", quase punks, deixam a pista de que este será o tom dominante do resto do trabalho e que a lentinha foi selecionada para as rádios apenas para não assustar as boas famílias. Não se iluda: a raiva do vocalista Eddie Vedder acaba aqui. Pelo menos em termos musicais.

A seguir, *binaural* oscila entre esbarços de grunge e músicas arrastadas. Quando surge "Evacuation", a balança pende para o lado de Seattle. A composição do baterista Matt Cameron, que substituiu Jack Irons, lembra Soundgarden, o ex-grupo do autor. Ou melhor, o Temple Of The Dog, projeto que reunia integrantes das duas bandas.

O problema é que o grunge já era e, para sobreviver, o gênero precisa dar uma disfarçada. A estrutura continua igual, mas os vocais, quanta diferença. Gravados lá embaixo ("Insignificance") ou por um Vedder contido ("Grievance") em ambos os casos trazem a típica alternância de peso com melodia – uma estrofe calma com outra pancada, na linha confusa dos trabalhos anteriores. *No Code* e *Yield*.

Baladas não faltam: rechaçadas de cellos ("Parting Ways"), com timbres mais roqueiros ("Of The Girl") ou apostando na simplicidade ("Thin Air"). Todas, diga-se, com muito mais condições normais de agradar ao consumidor médio do que a primeira música a ser divulgada. A pseudo-ousadia é proposital: a banda revelou que escolheu "Nothing As It Seems" para desafiar os fãs, colocar em xeque sua devoção para com o grupo.

Por aí se tira uma amostra de quanto os caras do Pearl Jam são malas – e seu som não é imune a esta ranhetice. Na indicação do single, preferiram aquela que mais ia testar/torrar a paciência dos ouvintes. Antes de mandar Vedder plantar batatas, ouça "Rival", introduzida por ruídos estranhos (um porco?) com pegada de rock safado e voz dobrada. Cada geração tem o Neil Young que merece.

Emerson Gasperin

Felicidade rancheira

NEIL YOUNG
8 *Silver & Gold*
Reprise IMPORTADO

O arcadismo, a gente aprende ainda moleque, é aquela escola literária que floresceu no Brasil no fim do século 18: Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga, poetas que cantavam uma felicidade bucólica, pastoril, num mundo rural idealizado. O novo álbum de Neil Young filia-se tematicamente a uma espécie de arcadismo. Dedicado a Pegi, com quem o canadense é casado há 21 anos, o disco exalta, a partir de simples e gentis canções acústicas, a beatitude proporcionada pela vida doméstico-familiar rancheira. Um dos críticos sociopatas de plantão pode berrar que isso é reacionário, mas, francamente, Neil não tem culpa de ser espiritualmente superior e de ter encontrado a felicidade nesses termos. "O nosso amor parece que nunca fica velho/ É melhor que prata e ouro", resume a faixa-título, composta em 1982 e desengavetada para shows há oito anos. "O amor não está procurando a perfeição/ o amor é a resposta/ o amor é a questão", rima camonianamente "Horseshoe Man", montada ao piano sensível de Spooner Oldham. Ben Keith, companheiro de Spooner nos Stray Gators (banda que gravou com Young as obras-primas *Harvest Moon*, de 1992, e *Harvest*, de 1972), ajuda a arrepiar o ouvinte com os miados de sua guitarra pedal steel. Mas ninguém rouba o show de Neil, radiante velhice que ensina e emociona.
Pedro Só

Deus... ennn... quer dizer, Neil Young

CYPRESS HILL
Skull & Bones 4
Sony

Erva [illegible] mais chateia do que dá barato

É com imenso pesar que noticiamos aqui a morte do Cypress Hill. A banda, que [illegible] nos dois últimos trabalhos (o [illegible] *IV* e o picareta *Los Grandes Éxitos En Español*) partiu para outra em *Skull & Bones*, seu quinto disco de canções [illegible]. [illegible] sica, ficou evidente a luta do trio [illegible] para [illegible] os [illegible] vitais do seu hip-hop herbitumo, movido a balanços [illegible] e rimado por dois vocalistas [illegible] B-Real e Sen Dog. DJ Muggs, [illegible] lançou [illegible] sinfônicos e teclados grandiloquentes [illegible] menos a [illegible] do grupo. Mas todos os esforços mostraram-se em vão: Nem "Certified Bomb", única música a [illegible] Cypress Hill [illegible] conseguiu ressuscitar a banda. A segunda metade do disco é dominada por um grupo dedicado ao rap metal. Para honrar o peso que carrega [illegible] conta com a presença de vários nomes do [illegible] atual, como Dino Cazares (Fear Factory), Chino Moreno (Deftones) e Brad Wilk (Rage Against The Machine). O resultado é igual a centenas de artistas que rezam na cartilha de Kid Rock, Insane Clown Posse e outros boçais. Apesar de a versão rock de "Superstar" converter-se no maior sucesso do Cypress Hill desde "Insane In The Brain", de 1993, *Skull & Bones* dá razão à propaganda governamental: a maconha é a porta de entrada para drogas mais pesadas.
Emerson Gasperin

Pato Fá

MARCELO BONFÁ
O Barco Além do Sol 6
Trama

É tão fácil pichar disco solo de ex-baterista de banda gigantesca quanto [illegible] dos projetos póstumos dos herdeiros da Legião Urbana. Afinal, tanto Dado Villa-Lobos quanto Marcelo Bonfá nunca esconderam o conforto de estar à sombra da personalidade mais forte do rock brasileiro, fora do primeiro alvo que Renato Russo sempre foi. Mas o magnetismo magnânimo do vocalista, ao mesmo tempo em que centrava as atenções, evocava uma espécie de nuvem negra e pesada, que fazia queixas juvenis tornarem-se lamentos existenciais e transformava a experiência rock'n'roll numa lira romântica à espera do mal do século. O primeiro disco-solo de Marcelo Bonfá afasta esta nuvem negra. Rumo ao sol da música pop, Bonfá vem cantando alegremente, mesmo falando basicamente de solidão e separação. O sotaque do disco é da mesma região do grupo de Brasília: pós-punk inglês com referências folk e ênfase na melodia. É subproduto da Legião, como são os discos-solos de Russo, como é a Rock it! de Dado, o Tantra e o Catedral. Mas subproduto não é sinônimo de falta de qualidade. O disco de Bonfá tem a insipidez do melhor pop, embora ainda fixe-se na influência legionária ("Vera Cruz" parece uma versão alternativa de "Quando O Sol Bater Na Janela De Seu Quarto" e a primeira faixa, "Depois Da Chuva", comete o pecado de ter o verso "Há tempos eu sei"). Bonfá canta direitinho, doce e tímido, como Fernanda Takai no Pato Fu. Fernanda é influência nítida no disco, autora de duas canções. Fazendo um som irmão do Pato Fu, Bonfá é o Pato Fá – anódino, asséptico e neutro. É pop.
Alexandre Matias

Bonfá: doce, tímido e pop

NO DOUBT
Return Of Saturn 5
Interscope/Universal

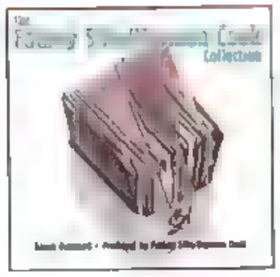
Californianos voltam com disco lerdo e esquisito

Se a cada trabalho e [illegible] menos o compasso do ska como ponto de partida para sua música, parecem ter abandonado [illegible] ritmo jamaicano em *Return Of Saturn*. As 15 faixas mostram jeitos diferentes de se fazer pop (e jeitos diferentes de não [illegible] sucesso). Quem conhece *Tragic Kingdom*, o multiplatinado álbum que os levou ao estrelato, sabe o que isso [illegible]. Mas se a banda já não primava por ter um som próprio (por mais [illegible] que seja dizer isso), em *Return* exagera. Difícil ouvir "Simple Kind Of Life", com violão country e refrão grudento, e não pensar em Sheryl Crow (!). Gwen Stefani continua faceira, escrevendo letras [illegible] "que tentam passar algo" [illegible] tando daquele jeito [illegible]. As letras são todas sobre o mesmo assunto: relacionamentos. Não aprenderam que [illegible] não implica fazer música sem pegada, o que [illegible] na maioria das novas [illegible]. Se Gwen e cia. tivessem [illegible] a genial "New" (música [illegible] para o filme *Vamos Nessa*) que aparece estrategicamente no meio de *Return*, 15 vezes, ao invés de tentarem fazer o que não sabem, poderíamos estar diante do álbum do ano. Claro que não é o caso.
José Flávio Junior

BLOODHOUND GANG
Hooray For Boobies 9
Universal

Tiradas engraçadíssimas para quem entende inglês

Mantendo-se na tradição dos seus discos anteriores, em que letras [illegible] sex, [illegible] e cultura pop pipocam sobre bases às vezes pop, às vezes heavy, o Bloodhound Gang já conquistou seu lugar no olimpo da [illegible] de "peido rrenta" americana. No Brasil, "The Bad Touch" virou a "melô do Discovery Channel" e invadiu rádios e pistas de danças. O vocalista, letrista e dono do BHG, Jimmy Pop, [illegible] na [illegible] de amor platônico e [illegible] Chasey Lain ("The Ballad Of Chasey Lain") e é [illegible] na busca incessante pela sua cara-metade em "Three Point One Four": "Eu preciso encontrar uma nova vagina — que seja independente como o NOFX, esperta com [illegible] explora. Em "[illegible]" [illegible] samples de [illegible] Frankie Goes To Hollywood e Metallica. A única barreira que ainda impede o grupo de ser mundialmente mais [illegible] é exatamente o seu ponto forte: as letras [illegible] de assimilar devido aos excessos de referências americanas. Mas já que quase tudo em *Hooray* dá para dançar, isso é apenas um detalhe. Quem quer entender o que o Aqua quer dizer nas suas músicas?
Renato Yada



FATBOY SLIM
Fatboy Slim/Norman Cook Collection (8)
Hip O Records — IMPORTADO

Compilação vasculha o passado do talentoso DJ

Para quem só começou a curtir Fatboy Slim depois de ter ouvido "The Rockafeller Skank" no rádio, aqui vai uma notícia: a carreira do seu alter ego, o DJ e produtor Norman Cook, remonta pelo menos a 1988. Para se entrosar com esse rico passado, há esta simpática compilação. Tem faixas do primeiro projeto bem sucedido de Cook, o Beats International, que no virada da década de 90 emplacou hits como "Won't Talk About It" e "Dub Be Good To Me" – esta última mesclando Clash, SOS Band e rap num resultado pop tão perfeito que [illegible] agora que Cook domina os truques [illegible] gerar sucessos instantâneos [illegible] coletivo. O disco contém também uma porção de remixes feitos por ele para os outros (entre eles A Tribe Called Quest ["I Left My Wallet In El Segundo"], o artista de house Wilson Dud ["Renegade Master"], James Brown ["The Payback"] e o eletrônico vanguarda Jean-Jacques Perrey ["EVA"]). Mas o cara é tão produtivo que essa idéia renderia fácil um volume dois, com projetos como Freak Power, Mighty Dub Katz e Pizzaman e remixes como "Body Movin'", para os Beastie Boys.
Camilo Rocha

ROBERT JOHNSON
King Of The Delta Blues Singers (10)
Columbia/Sony

Clássicos do bluesman que influenciou o rock britânico

Ouvidos não acostumados com o blues de raiz, levado apenas ao violão e voz, podem até não gostar de Robert Johnson. Mas, pelo menos, uma coletânea dele é obrigatória em qualquer boa coleção de rock ou blues. Afinal, o homem que vendeu a alma ao diabo influenciou todos os bluesmen que vieram depois e também todo o mundo do rock. Lançado em 1961, *King Of The Delta...* foi o primeiro LP a reunir vários de seus antigos 78 rotações. Logo tornou-se a bíblia do nascente blues britânico (Clapton, Stones etc.) que ia conquistar o mundo. São 17 faixas cheias de ruídos (foram gravadas em 1936 e 1937!), hoje soturnas e melancólicas, voz rouca e falsetes e vibratos e um violão que levou Keith Richards a perguntar, quando ouviu um disco de Johnson pela primeira vez, quem era o "outro músico que o acompanhava". Vá lendo o nome dos clássicos e ouvindo quais(is) deles seu artista pretendo regravou: "Cross Road Blues", "Ramblin On My Mind", "Kind Hearted Woman", "Me And The Devil", "Come On In My Kitchen". De quebra o CD traz uma versão inédita de "Traveling Riverside Blues", descoberta recentemente.
Helton Ribeiro

FILTER
Title Of Record (7)
Reprise/Warner

[illegible] Gitarrista do Nine Inch Nails [illegible] do para montar sua [illegible] dor de música Brian La[illegible] O resultado dessa amizade foi [illegible] em cheque com o [illegible] do álbum *Short Bus*, um [illegible] sol da base indus[illegible] santa de Brian, a banda forge[illegible] nalmente um duo) transfo[illegible] em um quarteto. Eles [illegible] mais com a música [illegible] Welcome To The Fold". *Title Of Record* mantém ainda um p[illegible] com uma roupagem mais pop [illegible] negativa, quase todo [illegible] tanto parece que ao querer [illegible] contrariar uma [illegible] para a banda, Patrick [illegible] potencial fazendo com que [illegible] canções sobrem muitas vezes p[illegible] Nos [illegible] balada "Tak[illegible] A Picture" – também [illegible] posta para alavancar as vend[illegible] consumido a bandeira [illegible] Seja lá [illegible] valem o [illegible] mento. Resta saber se o [illegible] vai levar mais quatro anos p[illegible] decidir realmente o quanto el[illegible] por ser [illegible]
Marco Bezzi

Brilho pop

MARISA MONTE
Memórias, Crônicas E Declarações De Amor (10)
Phonomotor/EMI

Cobrar de grandes artistas uma suposta evolução ou transgressão é vício típico da "crí-crítica" brasileira, tolice escrita hoje com vaga certa no festival de besteiras da posteridade. E, para o bem dos fatos, é preciso observar que, se este quinto álbum de Marisa Monte chega coerente com a trajetória anterior da cantora, a repetição de certos elementos e referências é imobilismo apenas na aparência. *Memórias...* é um trabalho antológico, de encantos imediatos e apostas certas, sim, mas também de ousadias. Nem vamos falar de Arnaldo Antunes lendo Eça de Queiroz na música escalada para as FMs... A maior revolução aqui é a insistência em Carlinhos Brown, cujo talento se revela melhor do que em qualquer outro disco. A assinatura dele está em cinco belas canções, com a polêmica verbosidade aparada e a exuberância rítmica trabalhada de modo apolíneo: colocaram ordem no barroco baiano. Os arranjos de percussão de "Tema De Amor" e "Não Vá Embora", com surdos virados, podem ser tomados como fundamentos para a construção de um novo pop, original e musicalmente rico como a música brasileira, por tradição, é. Em "Tema De Amor", esse dendê atenuado contrasta com um quarteto de cordas e se mistura ao baião funky de Melvin Gibbs e à guitarra lisérgica de Davi Moraes para emoldurar uma lindíssima melodia. Em "Não Vá Embora", a explosão percussiva é sublinhada brilhantemente por Davi, que pisa no pedal fuzz, evocando garagens de outras décadas – esse tipo de hibridismo jamais se apresentou tão bem-acabado. E já que se falou em barroco antes, vale traçar um paralelo entre as clássicas produções de Phil Spector, com seus grandiosos arranjos de cordas, e a beleza cameristica presente no sucesso "Amor I Love You", na balada "O Que Me Importa" (gravada por Tim Maia em 1972) e em vários outros momentos do disco. Dois sambas encabulados – "Para Ver As Meninas", de Paulinho da Viola, e "Gotas De Luar", de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito – não ofuscam esse brilho pop brasileiro que aponta para o futuro. Afinal, ouvir o baião sofisticado "Abololó" no piano de João Donato faz mais sentido ainda quando se sabe que a canção é de Marisa e de seu novo parceiro, Lucas Santanna.
Pedro Só

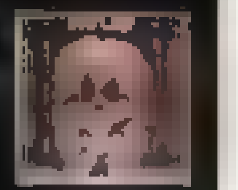
Fotocópia bem tirada

SYSTEM OF A DOWN
System Of A Down (7)
Columbia/Sony

Imagine se alguém misturasse o som do Faith No More com o do Mr. Bungle e com o do Fantômas. Essa pessoa seria Mike Patton, certo? Errado. Tal proeza foi perpetrada por alguns malucos de Los Angeles, o System Of A Down, em seu disco de estréia. Um quesito fundamental para orquestrar tal alquimia seria possuir um vocalista de excelente alcance vocal, que mandasse bem tanto nas partes melódicas quanto nas berradas. E não é que a banda tem isso? Serj Tankian, responsável também pelas letras, teclados e samples, canta maravilhosamente bem. Nas passagens pesadas, tira urros da garganta de deixar Max Cavalera com vergonha. Já na balada "Spiders", música de maior sucesso do álbum (lançado lá fora em 1998), que chegou a entrar na trilha sonora de *Pânico 3* e rola nas FMs roqueiras menos viciadas daqui, Tankian mostra seu lado "operístico". As estruturas das letras, registrando acontecimentos subsequentes, também lembram Patton: "Eu tive uma experiência fora do meu corpo, um dia desses, o nome dela era Jesus", começa "Suite-Pee". Considerado um dos grupos com melhor performance em palco na atualidade, o System Of A Down se destaca dos outros expoentes do novo metal, não só por ter como referência a esquizofrenia do ex-vocalista do Faith No More, mas por se posicionar politicamente e incitar seus fãs a pensarem. O encarte do álbum é todo permeado por frases que indicam uma conspiração mundial. Religiões, a CIA, a indústria tabagista e o governo americano são alguns dos alvos (fáceis). Funciona bem como marketing, pois é preciso ser muito jovem para engolir certos tipos de revolta.
José Flávio Júnior

Descarada salvação

KELIS
Kaleidoscope (7)
Virgin



Em seu álbum de estréia, essa pirralha (20 anos) insolente inventa uma terceira alternativa para a salvação da música negra norte-americana. Atualmente, o gênero se divide entre rappers e cantores de R&B (ambos de calças arriadas) e os revisionistas. Os primeiros especializaram em entupir tudo de teclados, gritos de "uou uuuu" (para mostrar o quão estão apaixonados) e letras débeis. O time dos saudosistas preferem fazer soul music como nos anos 70, com fartas influências de Marvin Gaye. Kelis soube equilibrar essas duas vertentes no mesmo álbum. O resultado agrada a garotada que veste a moda *extra-large* e tem tudo para cair no gosto dos apreciadores de Maxwell e D'Angelo. Tudo bem, dona Lauryn Hill já tinha proposto a mesmíssima coisa em *The Miseducation Of Lauryn Hill*, mas Kelis soa mais ousada nas letras. A ponto de compor uma maravilha chamada "Caught Out There", em que passa um pito no namorado porque ele a trocou por uma sirigaita. Pode anotar: o refrão "I hate you so much right now" será um dos grandes bordões deste ano no mundo da música.
Sérgio Martins

Foto: Divulgação

PETE TOWNSHEND
All The Best Cowboys Have Chinese Eyes (7)
Atlantic/Warner

Pauleiras e climas bucólicos do ex-guitarrista do Who

[illegible] (depois de dois discos desencanados) do ex-guitarrista do Who foi em 1980 com o excelente *Empty Glass*, com letras [illegible] confessionais. Dois anos depois, Townshend deu continuidade ao trabalho individual com este disco, que não chega a ser tão bacana quanto o anterior, mas reserva momentos de rara inspiração: "The Sea Refuses No River", a bucólica "North Country Girl" e a pauleira de "Slit Skirts". Sem contar o que Pete dificilmente faria da mesma maneira à frente do Who, como "Exquisitely Bored", "Stardom In Action" e "Face Dances Part Two". Até o título revela o refinado senso de humor britânico do autor. Pena que ele [illegible] teve a idéia de botar uma foto de John Wayne na capa.
Celso Pucci

GUITAR WOLF
Jet Generation (7)
Matador/Trama

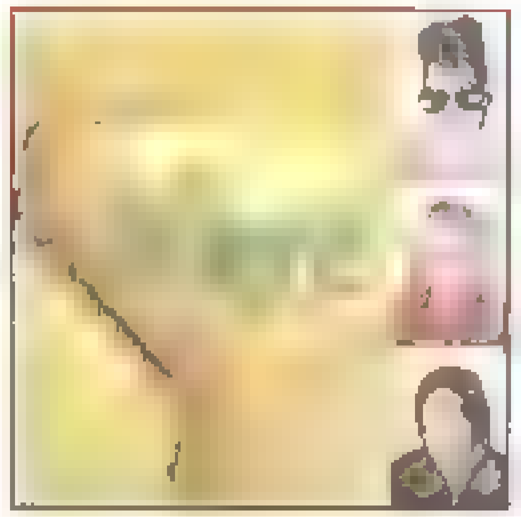
Trio de japas vai na onda de MC5, Stooges e Ramones

Depois que a SHOWBIZZ conferiu a performance do trio japonês Guitar Wolf no festival dos dez anos da gravadora Matador (em novembro de 1999), finalmente *Jet Generation* sai no Brasil. Honrando a tradição das boas bandas garageiras, o Guitar Wolf chega ao seu quinto disco com a mesma produção tosca e exagerada [illegible] alta que os caracterizava no final dos anos 80, quando as letras no idioma nipônico ainda eram maioria e fazer sucesso fora da terra natal, algo nada cogitável. Com uma mistura animalesca, "Jet Generation" abre o disco, que segue num pique implacável até o final. Impossível não se preocupar com a saúde do aparelho de som após a primeira audição, tamanho é o barulho feito por Seiji, Billy e Toru. Disco ideal para acordar o vizinho ou chamar a atenção do síndico do prédio.
José Flávio Junior

SIMPSONS
Go Simpsonic With The Simpsons (7)
Rhino IMPORTADO

Trilha celebra dez anos do desenho animado

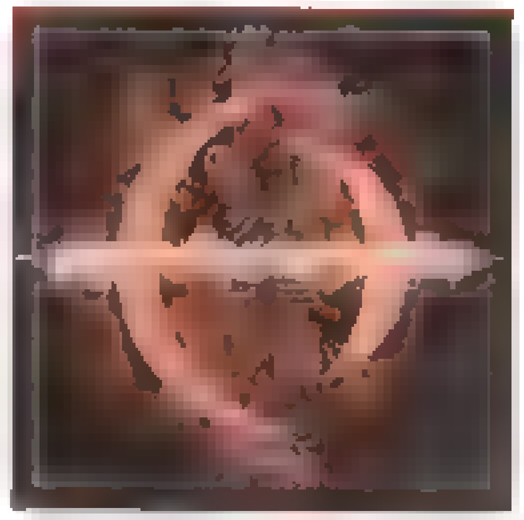
Ramones (desejando feliz aniversário para o inescrupuloso Burns), U2 (participando de um medley com "The Garbage man") e Sonic Youth (emprestando suas guitarras para o tema do encerramento) puxam uma fila de grandes figurantes do cenário musical. *Go Simpsonic* também apresenta algumas das mais belas e hilárias sacadas e palhadas por todos os desenhos. Os mais fanáticos ainda podem se deliciar com varias versões dos temas instrumentais de Danny Elfman e Alf Clausen e até a musiquinha do escorpião que aparece depois de todos os créditos finais.
Abonico R. Smith



LE TIGRE
Le Tigre (7)
Mr. Lady Records IMPORTADO

[illegible]

Kathleen Hanna [illegible] Bikini Kill entre 1991 e 1998, sendo a banda riot grrl [illegible] Estados Unidos [illegible] passada), de [illegible] Washington. Lançaram os discos *Pussy Whipped* (1993), *CD Version Of The First Albums* (1994) e *Reject All American* (1996), além [illegible] compilados em *The Singles*, de 1998. Após o fim da banda, Kathleen fez um disco solo sob [illegible] de Julie R[illegible] em 1998 [illegible] gravava [illegible] bateria eletrônica podraça [illegible] que utilizava el[illegible] punk rock e da [illegible] vertentes. Que [illegible] precisou ter [illegible] uma banda de verdade para tocar ao vivo [illegible] chinês). As escolhidas foram suas amigas Johana Fateman (fanzineira) e Sadie Benning (videomaker) que acrescentam [illegible] de Kathleen que sempre [illegible] forte. O destaque é "Hot Topic", que enumera dezenas de mulheres importantes [illegible] Gertrude Stein, passando por Nina Simone e Aretha Franklin, com uma batida irresistível (imagine se o B 52's fosse uma banda punk do tempo da Motown). O restante do álbum também vai por esse mesmo som inclassificável. Que tal "punk/new wave/pop feminino/rock n roll/moderno [illegible] lo-fi dance/noise/etc"?
André Luiz Fiori



A PERFECT CIRCLE
Mer De Noms (6)
Virgin

[illegible] Tool não sabe mais fazer bom rock soturno

[illegible] estréia dos californianos do A Perfect Circle [illegible] Maynard James Keenan [illegible] Tool. Para quem já ouviu falar do grupo, a primeira [illegible] personagens feitos de massinha sofrem de múltiplas paranóias e esquizofrenia. Junto a nomes do calibre como Nine Inch Nails [illegible] igual o A Perfect Circle [illegible] letras esdrúxulas [illegible] conteúdo. Quando [illegible] estrada da ex-banda (a Virgin [illegible] no Brasil [illegible] Ressaltando a "agradável" [illegible] de Keenan, "The Hollow" e "Magdalena" remetem aos bons momentos do Alice In Chains. Já "Judith" [illegible] para honrar a tradição tovo o seu vídeo dirigido [illegible] Keenan [illegible] alturas [illegible] Mas, apesar da boa [illegible] o novo CD perde intensidade e decepciona, resultando em faixas cansativas e dispensáveis.
Marco Bezzi

Linda e fria porcelana

BELLE & SEBASTIAN
Folds Your Hands Child, You Walk Like A Peasant (7)
Matador IMPORTADO

Stuart Murdoch, líder e (porta) voz da geração "tirem-me daqui, estou morrendo", criada a partir do segundo disco de seu grupo, o Belle & Sebastian, canta em "Woman's Realm": "Eu não importo em estar sozinho aqui, cantando canções para mim mesmo". Com seu quarto álbum, a banda escocesa segue polindo jóias de canção que ficam entre o folk pastoril de Nick Drake e a febre orquestral proposta pelas trilhas sonoras de Gabriel Yared – com mais delicadeza e cuidado no tratamento de cada uma das faixas, com cravos barrocos, pianos renascentistas, cordas austríacas, sopros à Burt Bacharach, guitarras à Ennio Morricone e doces e tristonhos vocais que parecem o tempo todo lamentar as limitações da vida e contemplar uma velhice que não chega. É um disco mais acessível que os anteriores e pode acionar o coeficiente *OK Computer* em relação à popularidade da banda mundialmente.

Murdoch: porta-voz dos deprimidos

Musicalmente, o grupo amadureceu, embora ainda soe vitoriano, com uma perfeição de louça rara – uma jóia, mas fria e distante. Os fãs, claro, têm no disco um prato cheio para compartilhar suas mágoas e frustrações. Mas é triste ouvir que uma juventude se contenta com tão pouco.
Alexandre Matias

PEDRO CAMARGO MARIANO
Voz No Ouvido (B)
Trama
Filho de Elis celebra o renascimento do suingue

Pedro Camargo Mariano pode ser chamado tranqüilamente de filho da [illegible] no melhor sentido que o termo permite. Para quem ainda não sabe, o rapaz é filho de Elis Regina com a maior cantora [illegible] e de quem pegou o gosto pelo canto e pelo violão, e do músico e arranjador César Camargo Mariano. Prevenindo que hereditariedade musical [illegible] Pedro abriu a categoria [illegible] segundo disco. Dono de [illegible] poucos [illegible] veia de [illegible] & blues [illegible] ao lado de [illegible] essa seara na [illegible] Realce [illegible] pois [illegible] ninguém fazia [illegible] esse [illegible] talho – Cláudio Zoli, [illegible] Cassiano, [illegible] relempo [illegible] Motta está em [illegible] tra, Tim Maia foi impecável com os retornos, graves e agudos no [illegible] lar supersônico. A [illegible] e 13 faixas entre [illegible] e noturnas. Pedro [illegible] para [illegible] nos novas como "Voz No Ouvido" [illegible] Se [illegible] chamar de Grande Amor [illegible] vem como uma [illegible] voz [illegible] segredo interpretadas [illegible] clássicas "Tom Dó" e "Fazendo Música Jogando Bola" ganham vida nova. Na robertiana "Bolinha de Sabão", o [illegible] gosto e o [illegible] saboroso dos irmãos [illegible] dos [illegible] César Camargo Mariano. O [illegible] o [illegible] a [illegible] presença [illegible] les [illegible] essa [illegible] dos [illegible] appers [illegible] Central [illegible] De [illegible] da Camorra em "Tá Todo Mundo Louco". Mas isso não compromete o resultado final.
Toninho Spessoto

ELIADES OCHOA
Sublime Ilusión (B)
[illegible]
Violonista cubano com travo sertanejo

O [illegible] [illegible] é a PQP! [illegible] [illegible] [illegible]

E mais...

Pop do bom, versões e acústicos fazem alguma diferença em um mês dominado por remixes, discos ao vivo e a "freakolândia" de sempre

Disco	Quem?	Como?	Funciona?
BELEZA AMERICANA (Universal)	Nova (Elliott Smith, Eels, Folk Implosion, Gomez) e velha guarda (Free, The Who, Bill Withers) da boa música pop	Na trilha sonora do filme que a Academia de Hollywood consagrou no Oscar 2000.	Só o toque delicado de Elliott Smith na perfeita "Because", dos Beatles, já vale o seu dinheiro. Mas a trilha tem mais: muito mais
UNPLUGGED (WEA)	Maná, se não o mais famoso (por causa do Cafe Tacuba), o segundo mais ilustre grupo pop mexicano.	Fazendo o que as grandes bandas fizeram na década de 90. (Inovar a música contemporânea? Não! Gravar um acústico para a MTV	O Maná tem anos de carreira, dezenas de músicas pop e méritos indiscutíveis. Mas não é nesse formato que vai conquistar novos fãs.
RITA RELEEDA (EMI)	Memê, Mau Mau e MAJ, Dudu Marote, DJ Marky e Ricardo Pinda, Apollo 9, Kid Abelha e outros remixadores.	Relendo (para usar uma palavra da moda) sucessos de Rita Lee, como "Mania De Você", "Banho De Espuma" e "Lança Perfume"	Talvez, "reouvindo" algumas vezes você ache algo que preste. Pensando bem, não, nada presta nesse angu azedo
CANÇÕES, VERSÕES (WEA)	Caetano Veloso, Ed Motta, Tom Zé, Zelia Duncan, Paula Toller, Cássia Eller, Sandra De Sá, Monica Salmaso, Gilberto Gil, etc	Dando vida a versões em português (a maioria, assinada por Carlos Rennó) para clássicos de Cole Porter e George Gershwin	Sempre que Caetano Veloso se faz presente, o indicado é pensar bem antes de comprar. Mas "Fascinante Ritmo", com Ed Motta, arrebata
BIG HITS & REMIXES (Sony)	O maravilhoso Earth Wind & Fire.	Como o nome indica, num disco que reune os sucessos (originais e remixados) desta grande banda.	A parte "velha", ou seja, jóias do quilate de "Let's Groove", "Getaway" e "September", sim. As novas versões para elas, não.
JOKO – FROM VILLAGE TO... (Sony)	O musico senegalês Youssou N'Dour (com alguns convidados especiais na manga).	Em seu terceiro trabalho, que funde ritmos africanos com pop e conta com as participações de Sting, Peter Gabriel e Wyclef Jean.	Principalmente em "How Come?", com Wyclef citando "Don't Look Back", imortalizada na gravação de Peter Tosh com Mick Jagger
ENQUANTO A TRÉGUA (EMI)	Os candangos da Plebe Rude	Em retorno ao vivo (no estudio) para gravar seus sucessos e proporcionar a famosa oportunidade para a nova geração conhecer a banda	Vocais desafinados, composições fracas, produção furreca... Como é que a gente não sacou isso antes? É o fim da mística em torno da Plebe
[illegible] PLATOS (Trama)	Tom Zé, o trop calista que precisou fazer sucesso nos Estados Unidos para ser descoberto pela terrinha.	Em um disco de remixes cometidos por baianas como Amon Tobin, John McEntire (do Tortoise) e High Llamas, entre outros.	As versões limam a voz do baiano e tornam ainda mais tranquilos os climas de sua música. Se ele aprovou, quem somos nós para discordar?
ARTISTAS REUNIDOS (Trama)	A prole de gente famosa como Elis Regina, Jair Rodrigues e Simonal.	Em projeto ao vivo regado a muita MPB, soul e samba	Como boa parte dos integrantes acabou de lançar disco próprio, há grande risco de o ouvinte ficar saturado dessa gente toda

LONDON CALLING
CDs - VHS - DVDs
Tel./Fax: (0xx11) 223-5300
londoncd@aol.com.br

A mais completa em novidades e raridades.
Sempre os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão.
ROCK-POP DOS 60 A 2000 EM TODOS OS ESTILOS.
ENVIAMOS PARA TODO PAÍS. ACEITAMOS CARTÃO.
Rua 24 de Maio, 116
Rua Alta - Loja 15
01041-000 - São Paulo - SP
www.londoncalling.com.br

SHOW
Para anunciar nesta seção, ligue

UMA DUPLA PERFEITA: VOCÊ VAI ADORAR AS NOTÍCIAS DA HOT E ELA ESTÁ LOUCA PARA OUVIR SUA OPINIÃO.

Entre no site e participe!
www.atrevidahot.com.br

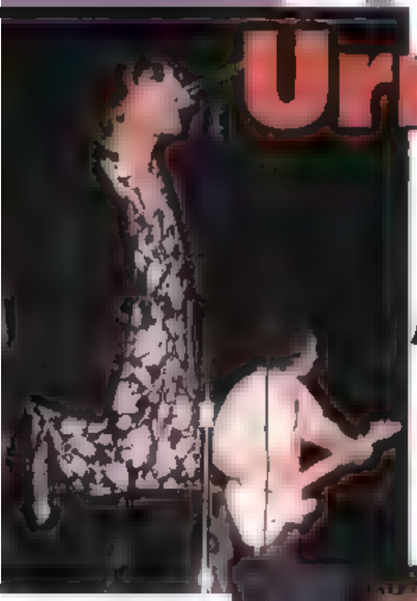
A PRIMEIRA REVISTA INTERATIVA DO BRASIL

EDITORA SÍMBOLO

TODAS AS TERÇAS NAS BANCAS

Ao Vivo

Urro garantido



Liam e Noel (acima) levaram sua tradicional competência a Nova York e apresentaram os recém chegados ao time Andy Bell (dir.) e Gem (abaixo, à esq.)

Oasis

Radio City Music Hall, Nova York, 1º/5

"Sentem suas bundas preguiçosas!" Foi com essa simpática frase que Liam Gallagher abriu o show do Oasis, na única data em Nova York de uma turnê de 18 apresentações em território americano. O público, que lotava o clássico Radio City Music Hall, pareceu nem ligar para a sentença proferida e urrava a cada grunhido no [illegible] sotaque britânico do cantor. Afinal, quem gosta do Oasis já saiu da fama [illegible] Brigas [illegible] parte do [illegible] dos anos 90, apesar de as polêmicas terem se intensificado nos últimos anos.

Quatro álbuns, milhões de cópias e muita confusão depois, o Oasis retorna aos EUA com a missão de divulgar seu atual filhote, o retrô *Standing On The Shoulder Of Giants* (batizado por Noel depois de uma noite de bebedeira num pub, após observar a moeda de duas libras, que tem algo semelhante escrito em sua face).

O show começa com "Go Let It Out", o maior sucesso do disco. Um tetão acompanha a banda projeta um filminho de 15 minutos com imagens de Nova York (gente, rua, prédios) que termina com uma foto de John Lennon no Central Park.

O filme será apresentado em todas as cidades dos Estados Unidos, mas, pelo fato de estarem em Nova York, a plateia delirou. Breve comentário: em rápido passeio pelo Radio City (pois os seguranças do local, além de não permitirem movimentos mais bruscos, cerveja e drogas proíbem que você saia da cadeira, a não ser se for pelo banheiro), note que [illegible] era composto majoritariamente por homens barrigudos, com um estranhíssimo detalhe: trajando camisa de gola alta e jaqueta de couro!

Daí para frente, foi aquele esquema de música nova, música antiga, música nova, música antiga... Os dois novos membros da banda, Gem Archer e Andy Bell (que entraram no lugar de Paul Arthus e Paul McGuigan) não olharam para a plateia. Noel, até ensaiou algum carisma e se divertiu sacaneando os jornalistas presentes quando avisou, no bis, que iria cantar uma música de Neil Young. "Atenção, jornalistas de bloco na mão, podem anotar: vou cantar agora um clássico de Neil Young". Quando a música chegou ao fim, mandou: "Para os que não sabem, o nome é 'Hey, Hey, My, My'". Nessa altura do campeonato, escondi meu caderninho.

Após Neil Young, o Beatles, é claro! Noel doa a alma em sua interpretação de "Helter Skelter" e o público aplaude. Liam (que esteve ausente enquanto Noel cantava, como de praxe) volta e encerra o show cantando "Tonight I'm a rock'n'roll staaar"... E, pode até ser – e foi, com essa impressão que a plateia saiu de lá. Entretanto, a mídia e as vendagens americanas não endossam esse refrão. Mas quem se importava com isso naquela noite?

O bom e velho Motörhead arrasou de novo

Todos estão surdos

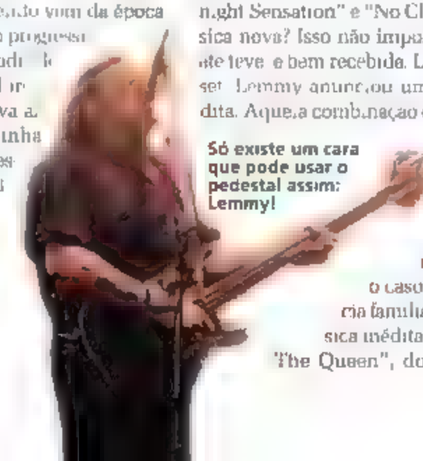
Motörhead

ATL Hall, Rio de Janeiro, 5/5

Bom que poderia ter aparecido uma banda de abertura para aquecer a galera na fresca noite de outono carioca. Fresca? Bom, taí um adjetivo que não se aplica aos senhores Ian "Lemmy" Kilmister, Phil Campbell e Mikkey Dee, há alguns anos estáveis no Motörhead. Em sua tortuosa visita à Cidade Maravilhosa, a banda mais uma vez deixou o público com aquele apito de satisfação nos ouvidos no fim.

A esta altura da vida, não dá pra se admirar que Lemmy (o apelido vem da época em que ele cantava no progressivo Hawkwind e era roadie de Jimi Hendrix, vivia dizendo sempre que encontrava algum conhecido já vinha pedir dinheiro emprestado) "Would you lend me...?". De tanto falar "lend me" acabou virando Lemmy) esteja meio surdo. Surpreendente é que ele não esteja totalmente Beethoven aos cinquenta e poucos anos e tocando esse esporro toda noite.

Sem aquela história do "privilegiar o repertório" do disco novo [illegible] evitar aquele manjado hit", os três abriram o show no auge dos decibéis com o clássico "Bomber". E a galera lá, firme na aerobica. O público, aliás, merece louvor: mais de 2 mil cabeludos (*No Rio, em São Paulo foram mais de 7 mil*), a maioria bem mais jovem do que a banda (não os integrantes, mas a instituição Motorhead), agitaram e cantaram no boa, sem a brigalhada que marcou o show de 1996, na mesma casa, ainda sob o nome de Metropolitan. E tome clássico: "I'm So Bad" teve o coro da galera, assim como a recente "Overnight Sensation" e "No Class". Teve música nova? Isso não importa muito, mas até teve e bem recebida. Lá pelo meio do set, Lemmy anunciou uma canção inédita. Aquela combinação de três acordes punks de quem não sabe tocar direito e que [illegible] de nada pode ser o caso dos três parecia familiar. Sim! A música inédita era "God Save The Queen", dos Sex Pistols, com coral geral em "Nooooooo future nooooo future...". Demais.



Só existe um cara que pode usar o pedestal assim: Lemmy!

Tudo bem que "Filthy Animal", Taylor era o baterista com a cara da banda (além de originalmente ser o traficante de Lemmy), mas Mikkey Dee manda muito bem. O ex-titular das baquetas de King Diamond [illegible] solta a voz nos backings, agita e ainda é um belo baterá. Phil Campbell não é melhor e virtuose (mesmo porque isso nada teria a ver com a banda e [illegible] guitarrista de rock das antigas, cheio de bons acordes maiores e escalas pentatônicas. E Lemmy é Lemmy com seu baixo Rickenbaker sujão e a voz rouca em plena forma. Além das piadinhas, claro. Depois de "Orgasmatron", com um pos[illegible], desconhecido até para Mas Cavalera, a massa pediu "Ace Of Spades". E Lemmy: "Ora, vamos lá. Vocês sabem que não a tocamos tão cedo. A próxima música é uma que trazemos para o lugar onde ela sempre deveria estar". Veio o rockão "Going To Brazil", seguido por "Iron Fist", "Killed By Death" e, no bis, "Ace Of Spades" e "Overkill".

Na saída, elas [illegible] não [illegible] ninguém no camarim, a não ser uma dúzia de mocinhas de uns 15 anos, cheias de amor pra dar. E por essas e outras que Lemmy nunca vai morrer.

Bernardo Araujo

Ao Vivo

A pequena multidão vibrou com o indie rock da banda, conduzido pelo baixo de Laura Ballance (abaixo, à esq.) e pela guitarra e voz esganiçada de Mac McCaughan (à dir., no detalhe)

Foto: Sérgio Carvalho

Segura o Chunk

Superchunk

The Cave, Piracicaba (SP), 11/5

Se em 1998 o Superchunk tirou o fôlego dos fãs de indie rock pelo Brasil em shows fulminantes de pura energia dinâmica, uma incógnita pontuava a nova turnê do grupo no país. Primeiro, porque não havia mais o fator surpresa que impressionou os incautos. Segundo, porque o último disco da banda – *Come Pick Me Up* – primava pela leveza instrumental e melodia vocal, acompanhado de ocasionais cordas e arranjos detalhistas. Por via das dúvidas, a superstição fez com que eles abrissem a excursão na mesma Piracicaba que viu o show de estréia do ano retrasado.

A abertura ficou por conta dos sorocabanos do Wry, que aos poucos diluí seu noise escapista em um turbilhão de psicodelia guitarreira que deverá ser a base para o segundo disco do grupo, *Heart-Experience*. O quarteto teve problemas com a casa, que achou o som muito alto e mandou abaixar o volume.

O Superchunk iria passar pelo mesmo problema, mas no início tudo parecia certo. Sem músicos convidados e com a combinação do baixo condutor de Laura Ballance e da bateria precisa de Jon Wurster, as músicas do novo disco não diferenciavam do resto do repertório do grupo. O hit "Hello Hawk" foi berrado pela pequena multidão que se acotovelava em frente ao palco e se deixava levar pelo ritmo à medida que as guitarras de Jim Wilbur e Mac McCaughan se cruzavam, criando cascatas de riffs e progressões de acordes que podiam sucumbir à microfonia. Por cima de tudo, a vozinha esganiçada de Mac sussurrava suspiros melódicos até estes metamorfosearem em berros apaixonados.

Até que, novamente, reclamaram da altura do som. A casa pedia o fim do show, mas a banda saiu-se com uma excelente alternativa: emendou versões semi-acústicas dos hits "Driveway To Driveway", "Slack Motherfucker", "Smarter Hearts" e "Throwing Things". "Não seria ótimo se pudéssemos tocar todo o repertório assim?", perguntava Mac, feliz por sair da avalanche sonora que os fãs adoram, mas que qualquer banda repudia no final de uma turnê – o grupo chegou ao Brasil depois de uma extensa excursão pelos Estados Unidos. Do barulho à placidez, o Superchunk superou as expectativas com o inesperado: melodia, calma, delicadeza. Ponto para eles.

Alexandre Matias

Dentes e outras pequenas coisas

Foto: Sérgio Carvalho

Nacional

Parece mesmo que o **Pato Fu** vive a melhor fase de sua carreira. Os mineiros, que se mantêm estáveis na Parada SHOWBIZZ com a baladinha "Perdendo Dentes", não estão nunca em casa. Vivem em turnê, atualmente divulgando seu último álbum, *Isopor*. Em um mês marcado por repetições (Maurício Manieri, Vinny, Los Hermanos e Raimundos aparecem com duas músicas cada), o Biquini Cavadão estréia bem com sua tentativa de ser New Order, "Escuta Aqui", um posto à frente dos Paralamas, com "Um Amor, Um Lugar".

		mês anterior
1	"Pensando Em Você" / Maurício Manieri	5º
2	"Papo De Jacaré" / P.O. Box	1º
3	"Anna Júlia" / Los Hermanos	3º
4	"Bem Querer" / Maurício Manieri	2º
5	"Primavera" / Los Hermanos	4º
6	"Te Encontrar De Novo" / Vinny	6º
7	"Me Deixa" / O Rappa	10º
8	"Amor De Verdade" / Paulo Ricardo	11º
9	"Perdendo Dentes" / Pato Fu	8º
10	"Escuta Aqui"/ Biquini Cavadão	•
11	"Um Amor, Um Lugar" / Os Paralamas Do Sucesso	•
12	"A Grande Volta" / Charlie Brown Jr.	13º
13	"Depois Da Chuva" / Marcelo Bonfá	•
14	"Meu Reggae É Roots" / Natiruts	14º
15	"Estaré Prendido En Tus Dedos" / Skank	9º
16	"Me Lambe" / Raimundos	7º
17	"Quando O Sol Bater Na Janela..." / Barão Vermelho	20º
18	"Seja Como For" / Vinny	•
19	"Pula" / Tihuana	10º
20	"Pompem" / Raimundos	•

Universal

Internacional

"Agora nós podemos ter carros novos", esnobou Travis, baterista do **Blink 182**, em entrevista por telefone à SHOWBIZZ. Sem dúvida, ele pode ter isso e muito mais. Afinal, o punk pop de sua banda vem subindo nas paradas de sucesso do mundo todo. No Brasil, não é diferente: de um mês para o outro, conquistaram seis posições. Os também californianos Red Hot Chili Peppers subiram três, com "Otherside", e ficaram com a prata. Do outro lado da América, os tiúos de Nova Jersey do Bon Jovi entram com tudo, direto na sétima.

		mês anterior
1	"El Arbi" / Khaled	1º
2	"Otherside" / Red Hot Chili Peppers	5º
3	"Miss You Love" / Silverchair	6º
4	"Simarik" / Tarkan	3º
5	"Smooth" / Santana com Rob Thomas	2º
6	"Ojos Así" / Shakira	15º
7	"It's My Life" / Bon Jovi	•
8	"All The Small Things" / Blink 182	14º
9	"The Ground Beneath Her Feet" / U2	11º
10	"Maria Maria" / Santana com Wycleaf Jean & Product	11º
11	"American Pie" / Madonna	4º
12	"Princess Familiar" / Alanis Morissette	•
13	"If Only" / Hanson	•
14	"Sexbomb" / Tom Jones com Mousse T	7º
15	"Run To The Water" / Live	13º
16	"Just My Imagination" / The Cranberries	•
17	"Go Let It Out"/ Oasis	16º
18	"Next Year" / Foo Fighters	20º
19	"Nothing As It Seems" / Pearl Jam	•
20	"The Bad Touch" / Bloodhound Gang	•

Crowley

Sistema de monitoramento Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Auditoria das músicas mais ouvidas em 12 rádios FM do Rio de Janeiro e 12 rádios FM de São Paulo, no período de 1º a 30 de abril de 2000. Os dados de audiência horária de cada estação de rádio são fornecidos pelo Ibope. CBAB – Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Proibida a reprodução sem autorização da CBAB.

• estréia

EntreLeitores

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

Escreva para SHOWBIZZ: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo – SP, e-mail: showbizz@simbolo.com.br

CORRESPONDÊNCIA

ABBA: Edison Luiz Corrales - Caixa Postal 710 - Santos, SP - CEP 11001-970

Alanis Morissette: Carol Ferreira - Rua Concórdia, 249, Vila Alta - Lins, SP - CEP 16400-000

Guns N' Roses: João Antonio Wanderley - Rua Deputado Manoel Novais, 374, São Luis - Joquié- BA - CEP 45200-000

Joe Satriani e Steve Vai: Samuel Martins - Rua Benedito Cirilo, 299 - Faxinal, PR - CEP 86840-000

Kraftwerk: Eduardo Monteiro - Rádio 97 FM - Rua Geraldo Pereira, 71, 7º andar - Colatina, ES - CEP 29700-130

Mariah Carey: Aline Mavi - Rua Joaquina de Albuquerque, 33 - Nilópolis, RJ - CEP 26530-190

Nirvana: Karla Marlise da Silva - Rua Alberto Müller, 33 - Brusque, SC - CEP 88350-000

Offspring e Rancid: Marxia Holland - Rua Agostinho Gomes, 2746, Ipiranga - São Paulo, SP - CEP 04206-001

Penélope: Danilo Sartori Sabadini - Rua Urupá, 344, Chác. Reun. Ygarapés - Jacareí, SP - CEP 12300-000

Prodigy: Fernanda Mendes - Rua Dr. Takeo Hashida, 39, Jaçanã - São Paulo, SP CEP 02276-070 E-mail: fefa.fe@uol.com.br

Punk rock: Alexandre - Rua Solimões, 504 - Americana, SP - CEP 13465-000

Queen: Paula Cavalciuk - Rua José Newton Vasconcelos, 50, Centro - Tapiraí, SP - CEP 18180-000

Radiohead: Aline Frederico - São Paulo, SP - E-mail: alinemelina@yahoo.com - Site: www.radiohead.homepage.org

Savage Garden: Douglas P. Freitas - Av. Ary Barroso, 1018, Bairro Serenata - Timóteo, MG CEP 35180-000

Smashing Pumpkins: João Victor Ferreira Marques - Rua Galdino Bicho, 32, Jaraguá - São Paulo, SP - CEP 05186-070

Smiths: Patrícia Rodrigues de Camargo - Av. Nádia Muncovisk, 300, Centro - Tapiraí, SP - CEP 18180-000

Tears For Fears e U2: Arthur Ferreira - QNN 35, Conj. A, Casa 33, Ceilândia - Brasília, DF - CEP 72225-350

Titãs: Ana Brito - Rua Citrinium, 25, Jardim das Flores - Osasco, SP - CEP 06112-020

Type O Negative: Isabel Lüscher Fonseca - Rua Felisberta F. de Carvalho, 628, Eldorado - Contagem, MG - CEP 32340-050

alternativa procura CDs ou singles independentes. Q1, Conj. D, Casa 13, Arapoanga - Brasília, DF - CEP 73300-040

Beastie Boys tem leitor à caça

Beastie Boys: Fotos e CDs. Diogo Britto de Oliveira - Rua Antonio João de Medeiros, 596 - B, c/ 137, Itaim Paulista - São Paulo, SP - CEP 08140-060

Björk: Qualquer material, CDs, fitas, vídeos, tudo! Troco por material de outras bandas. Fábio Jorge - Tv. 9 de Janeiro, 2383, Ap.604/B - Belém, PA - CEP 66000-000

Camisa De Vênus: Procuro CDs da banda. César Rafael de Morais Ferreira - Rua Bolívia, 257, Centro - Cidade Caieiras, SP - CEP 07700-000

Erasure: Fotos, reportagens e letras traduzidas. Rosevaldo Vieira de Sousa - Rua Siqueira Mendes, 102, São Pio X - Capanema, PA - CEP 68702-070

Green Day: Qualquer tipo de material sobre a banda. Compro, troco, faço qualquer negócio. Keize Távora Barbosa - Av. Serzedelo Corrêa, 1035, Ap. 801, Ed. Ipê, Batista Campos - Belém, PA - CEP 66033-770

Kid Abelha: Fotos, revistas, reportagens, tudo sobre a banda ou sobre a Paula Toller. Patrícia Cavalcante - Rua Nossa Senhora de Nazaré, 304, Boa Vista - Curitiba, PR - CEP 82540-130

FÃS-CLUBES

Britney Spears: Baby One More Time (Britney Forever) - Rua Grécia, 164, Nações Unidas - Sabará, MG - CEP 34590-330

Silverchair: Oficial Fan Club - Caixa Postal 22014 - Rio de Janeiro, RJ - CEP 20230-970

FANZINES

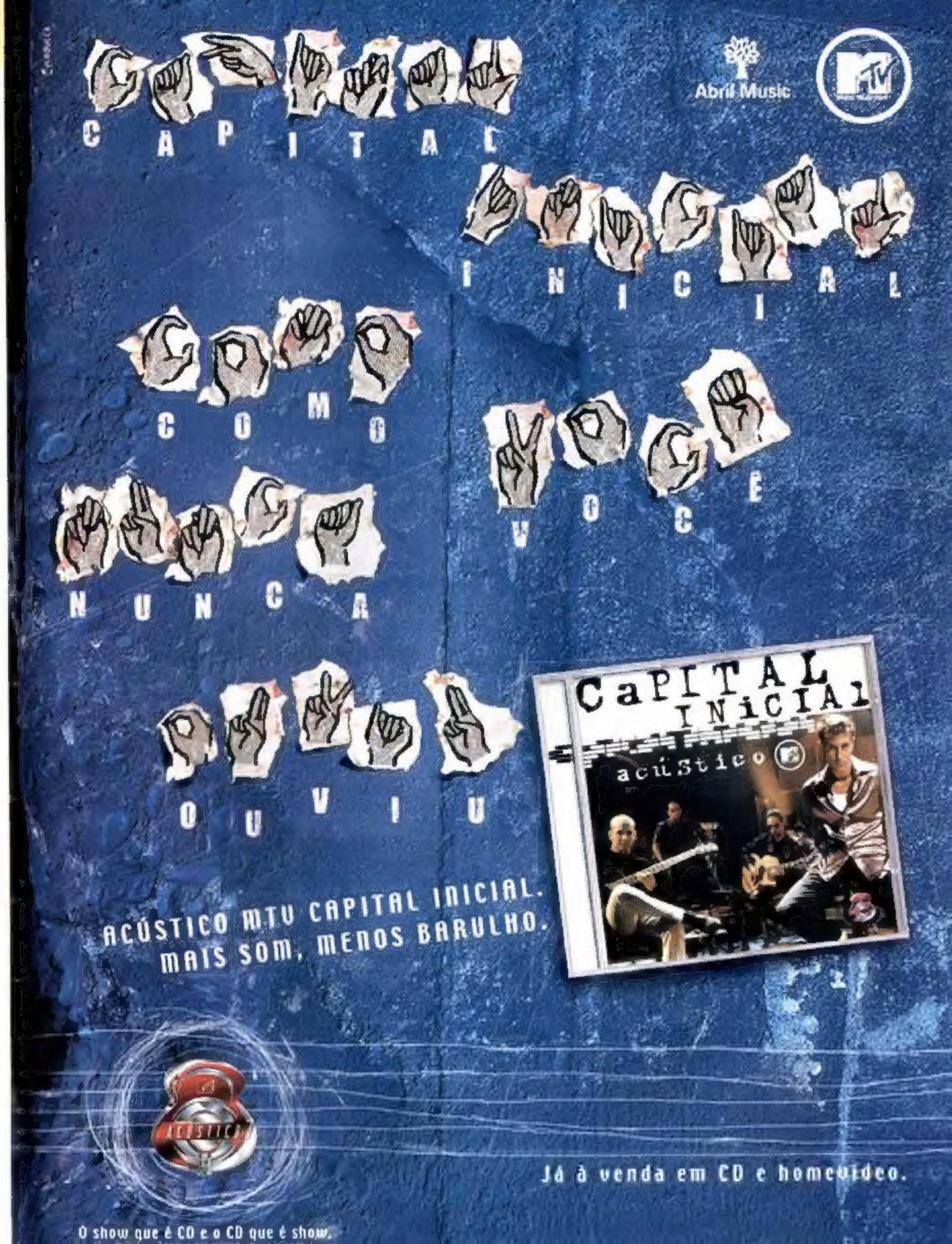
Rock e pop: Musiczine - Rua Clemenciano Barnasque, 733/11 - Porto Alegre, RS - CEP 91720-260 - E-mail: mzine@ezpoa.com.br - Site: http://i.am/musiczine

Cena Alternativa: Zine Lullaby - Rua C-197, 100, Conj. Oásis, Jardim América - Goiânia, GO - CEP 74290-010 - E-mail: lullabyzine@usa.net

PROCURO

Bandas Alternativas: Rádio

As regras para colocar um anúncio aqui:
O espaço é gratuito, mas sua mensagem não deve ultrapassar 40 palavras.
Não esqueça de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia, para confirmarmos as informações, e dizer se deseja que ele seja divulgado. Sem isso seu anúncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.

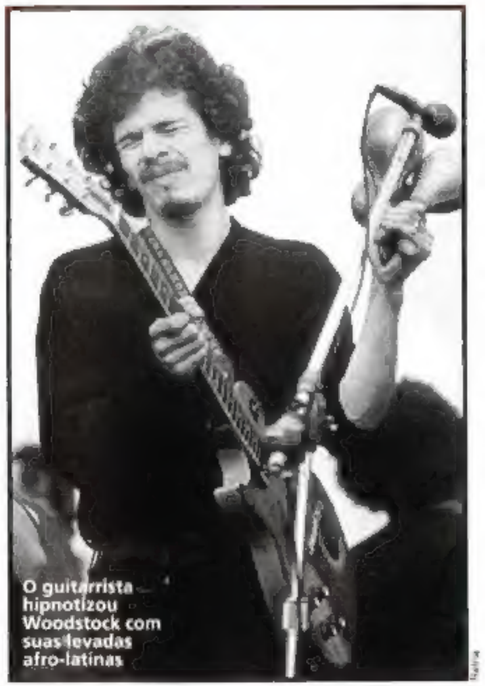


Delírio chicano

Pioneiro do rock latino, o mexicano Santana esbanja balanço no disco que marcou o apogeu de seu estilo

Abraxas

Santana



O guitarrista hipnotizou Woodstock com suas levadas afro-latinas

Duas e meia da tarde de sábado, 16 de agosto de 1969, em pleno festival de Woodstock, perante uma multidão de hippies alucinados encharcados de chuva e lama. Um sexteto semidesconhecido, formado no bairro latino de São Francisco e liderado por um guitarrista mexicano de 22 anos, sobe ao palco principal – onde desfilam nomes como Jimi Hendrix e The Who – e praticamente hipnotiza a platéia com uma levada percussiva frenética, misturando ritmos afro-latinos e duelos entre os riffs afiados da guitarra e do órgão. O delírio é total, ao som de "Soul Sacrifice".

Quando mudou-se do México para a Califórnia, em 1964, o guitarrista decidiu montar o combo The Santana Blues Band. Em vez de adotar o som psicodélico, tão em voga na época, o grupo tomou um rumo diferente, incrementando a parte percussiva com a inclusão de dois mestres dos tambores: Mike Carabello e o nicaraguense José "Chepito" Areas. O resultado foi acachapante e logo Santana foi criando um culto local, com uma série de concertos no Fillmore West, do empresário Bill Graham. Por meio dele, conseguiram a apresentação histórica em Woodstock, além de um contrato com a gravadora Columbia. Registrado às pressas, para aproveitar o sucesso repentino da banda, o álbum homônimo de estréia (1969) revelava todo o balanço latino definitivamente incorporado ao pop rock pelo grupo.

O passo seguinte foi fazer um álbum que transmitisse a energia transbordante daquelas levadas afro-latinas de uma forma mais acurada. Assim foi gerado *Abraxas*, onde a banda parecia estar totalmente à vontade em estúdio para conceber sua obra-prima. A começar do suingue etéreo da abertura, "Singing Winds, Crying Beats", passando pelo dobradinha "Black Magic Woman/Gypsy Queen" (respectivamente do ex-Fleetwood Mac, Peter Green, e do guitarrista de jazz húngaro Gabor Szabo) e por "Oye Como Va" (recriação de um antigo hit do astro da salsa, Tito Puente), o disco é uma sucessão de ritmos contagiantes, quando não inusitados. Basta notar "Incident At Neshabur" (parceria de Santana com Albert Gianquinto, pianista de blues e integrante do partido radical Black Panthers), onde começa a aflorar toda a inclinação para o jazz rock que iria orientar os trabalhos posteriores do guitarrista, ou então o lirismo extremado traduzido pelos solos lânguidos de "Samba Pa Ti". "Chepito" Areas também deixa sua contribuição em dois temas de destaque: no peso de "Se A Cabo" e na enraizada "El Nicoya".

Ao longo de três décadas de carreira, Santana prosseguiu tendo muito mais prestígio que sucesso. Esta situação se inverteu em 1999, quando seu álbum *Supernatural* (com canjas de Lauryn Hill, Wiclef Jean, Everlast e Eric Clapton, entre outros) venceu o prêmio Grammy em nove categorias. Seria uma reapresentação do velho *mariachi* do rock às novas gerações? Pode ser, mas o certo é que o cara já fazia autêntica world music muito antes do termo existir.

Celso Pucci

"Cara, aquele sacana toca pra c*. Eu adorava o jeito dele tocar, e é uma pessoa muito legal... Na época em que o conheci, ele gravava seu disco *Abraxas*, e eu aparecia no estúdio para ver o que faziam. Ele me disse que aprendera a usar o silêncio em sua música comigo."
Miles Davis

Performance

Ano de lançamento: 1970
Produção: Fred Catero & Santana
Músicas: "Singing Winds, Crying Beats" • "Black Magic Woman/Gypsy Queen" • "Oye Como Va" • "Incident At Neshabur" • "Se A Cabo" • "Mother's Daughter" • "Samba Pa Ti" • "Hope You're Feeling Better" • "El Nikoya"

A recente reedição em CD traz três faixas bônus, gravadas ao vivo: "Se A Cabo", "Black Magic Woman/Gypsy Queen" e "Toussaint L'Overture", que só sairia em versão de estúdio no álbum seguinte, Santana II. • O disco estreou no primeiro posto da parada americana, emplacando os singles "Black Magic Woman" e "Oye Como Va". • Santana foi um dos primeiros artistas internacionais de rock a se apresentar no Brasil, tocando por aqui (São Paulo e Rio) em 1971 e 1973.

501®

Original jeans. Original people.

www.levi.com - Ligue Levi's: (0XX11) 3066-3663

LEVI'S®